

PAISAGENS DO MÉDIO TIETÊ

Flávia Tiemi Suguimoto
São Paulo, 2007



PAISAGENS DO MÉDIO TIETÊ

FORMAS DE USO E APROPRIAÇÃO DE SUAS ÁGUAS PARA LAZER

IV

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E DE PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Flávia Tiemi Sugimoto

Orientador: Prof. Dr. Euler Sandeville Jr.

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de pesquisa Paisagem e Ambiente.

São Paulo , 2007

DESENHOS

Artista Eduardo Marques de Jesus

DIAGRAMAÇÃO

Cecília Maria de Moraes Machado Angileli

NORMATIZAÇÃO

Rosangela Ferreira da Mota

TRADUÇÕES

Íris Marques Tavares

SUGUIMOTO, Flávia Tiemi

PAISAGENS DO MÉDIO TIETÊ:

Formas de Uso e Apropriação de suas Águas para o Lazer. São Paulo, 2007 p.143

Dissertação de Mestrado FAU-USP

Orientador: Euler Sandeville Jr.

1. Rio Tietê – 2. Turismo – 3. Lazer – 4. Paisagem

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho significa para mim a concretização de um sonho. Sonho esse que só foi possível graças à generosidade de muitas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para essa realização.

Agradeço primeiramente à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e aos seus professores, que foram fundamentais para essa minha aventura em uma área totalmente nova e desconhecida, portanto, foram eles quem me apresentaram esse sedutor mundo novo e me propiciaram esta oportunidade.

Agradeço as contribuições das Professoras Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima e Saide Kahtouni Proost de Souza, na banca de qualificação.

Agradeço a todos os amigos do Grupo de Estudos da Paisagem, do Laboratório para Gestão e Projeto do Espaço, da FAU-USP, pessoas essas que no decorrer desses anos, se mostraram de imensa generosidade, compartilhando seus conhecimentos, suas histórias de vida, sempre com grande disposição e amizade, muitas das quais levarei para sempre em meu coração.

Às amigas Silvia Valentini, pela leitura minuciosa do trabalho, Cecilia Angileli, pela linda diagramação, Lucia Bernardi, pela companhia em alguns trabalhos de campo, agradeço o apoio e a amizade.

Agradeço aos Museus das cidades de Salto e Barra Bonita por me permitirem recolher o material que subsidiou a pesquisa.

Ao meu amigo e orientador Prof.º Dr. Euler Sandeville Júnior, dedico esse trabalho e agradeço imensamente seu brilhantismo, sua sensibilidade e paciência com que me conduziu na realização da pesquisa, e com sua poesia que sempre me emocionou.

E, finalmente, agradeço de todo meu coração aos meus pais, Yoshiaki Suguimoto e Mirtes Mayumi Suguimoto, a quem dedico este trabalho. A eles, a minha eterna gratidão.

À todos o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho teve como objeto de estudo as representações na imprensa sobre o rio Tietê em duas situações: no município de Salto, localizado no Médio Tietê Superior e Barra Bonita, no Médio Tietê Inferior. A escolha dos municípios decorreu de serem ambas Estâncias Turísticas, tendo como principal elemento caracterizante a água, e apesar das duas cidades terem em comum a presença do rio, apresentam realidades bem diferentes, no uso e apropriação que fazem dele, e na forma como é comunicado à cidade, indicando uma das muitas formas de valoração que se pode observar.

Investigou-se através dos artigos de jornais locais em Salto (Jornal O Taperá e O Trabalhador) e em Barra Bonita (Jornal A Cidade, Jornal da Barra e Jornal Expresso Tietê), e na Folha de São Paulo, no período entre 1950 a 2006, como esse meio comunica o rio e a água para a população, sendo as principais temáticas abordadas o abastecimento de água, a poluição do rio e o turismo. Foram localizados nos jornais locais 22 artigos em Salto e em Barra Bonita 47; na Folha de São Paulo, 38 e 69 respectivamente.

A análise de paisagem realizada com base nas referências bibliográficas, percursos de campo e entrevistas abertas nesses dois municípios, quando confrontada com as notícias veiculadas, permite avaliar como esses conteúdos representam a problemática local e propor algumas hipóteses para entendimento desse processo.

Palavras-Chave: Rio Tietê, Turismo, Lazer, Paisagem.

RESUMEN

Ese trabajo tiene como objeto de estudio las representaciones en la prensa acerca del río Tietê en dos situaciones: en la ciudad de Salto, localizada en el Médio Tietê Superior y en la ciudad de Barra Bonita, en el Médio Tietê Inferior. Se escogió esas ciudades pues ellas son Resortes Turísticos y tienen el agua como el principal elemento característico e a pesar de que esas dos ciudades tienen el agua como un punto en común, ellas lo usan de manera completamente diferente y tienen maneras distintas de comunicarse con el pueblo acerca de la valoración de ese patrimonio. Se investigó a través de los artículos de los periódicos locales de Salto (Jornal O Taperá y El Trabajador), de Barra Bonita (Jornal A Cidade, Jornal da Barra y Jornal Expresso Tietê), y de la Folha de São Paulo, de 1950 hasta 2006, cómo los periódicos comunican el río y el agua al pueblo. Las principales temáticas abordadas fueron el abastecimiento del agua, el pueblo del río y el turismo. Se localizó en los periódicos locales 22 artículos en los periódicos de Salto, 47 en los de Barra Bonita y 38 en la Folha de São Paulo. Se analizó el paisaje con base en las referencias bibliográficas, pesquisas en el campo y citas en esas dos ciudades. Cuando esos datos fueron confrontados con las noticias transmitidas al pueblo, fue posible evaluar como esos contenidos representan la problemática local y cómo proponer hipótesis para el entendimiento de ese proceso.

Palabras-clave: Río Tietê, Entretenimiento, Turismo, Paisaje.

ABSTRACT

This essay has as object of study the representation in the press of the Tietê River in two situations in Salto City, which is located in the Superior Tietê Médio and Barra Bonita City, which is located in the Inferior Tietê Médio. Those cities have been chosen, firstly, because they have been considered Tourist Resorts, because they have water as main distinguishing element; secondly, because they have different ways of using and appropriating water; and, finally, because they have different manners of notifying the population about the ways of valorizing it. Strategies of notifying the population in subjects related to the river (as the water supply, the population of the river and tourism) have been investigated at local newspaper's articles of Salto City (Jornal O Taperá and O Trabalhador), of Barra Bonita City (Jornal A Cidade, Jornal da Barra and Jornal Expresso Tietê) and of The Folha de São Paulo, from 1950 to 2006. Twenty-two articles have been found at Salto's local newspapers, forty-seven at Barra Bonita's and thirty-eight at the Folha de São Paulo. The waterscape has been analyzed according to the bibliographic references, field researches and interviews in those two cities. When those data were confronted with those diffused notices, they have allowed those contents to represent the local problematic and have suggested some hypothesis that allows us to understand this process.

Keywords: Tietê River, Leisure, Tourism, Landscape.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Sistema nacional de recursos hídricos.....	64
FIGURA 8 – Pintura de Hércules Florence.....	80
FIGURA 3 – Evolução Urbana 1.....	85
FIGURA 4 - Evolução Urbana 2.....	86
FIGURA 5 – Propaganda de Salto.....	104
FIGURA 6 – Fotos antigas x fotos atuais: configuração da paisagem.....	126
FOTO 1 - Rambla em Montevideú, Uruguai.....	43
FOTO 2 - Rambla em Mercedes – URUGUAI.....	44
FOTO 3 - Mercedes – Uruguai.....	45
FOTO 4 – Hidrovia Tietê – Paraná.....	58
FOTO 5 – Hidrovia Tietê – Paraná.....	59
FOTO 6 – Hidrovia Tietê – Paraná.....	60
FOTO 7 – Usina hidrelétrica de Barra Bonita.....	73
FOTO 8 – Usina hidrelétrica de Bariri.....	74
FOTO 9 – Usina hidrelétrica de Ibitinga.....	75
FOTO 10 – Usina hidrelétrica de Promissão.....	76
FOTO 11 – Foto aérea de Salto.....	79
FOTO 12 –Rio Tietê em Salto.....	89
FOTO 13 – Praça dos Amores.....	94
FOTO 14 – Sujeira do rio.....	95
FOTO 15 – Mata ciliar.....	96
FOTO 16 – Prédio da antiga Brasilta, atualmente funciona o CEUNSP.....	96

FOTO 17 – Ponte pênsil.....	96
FOTO 18 – Usina Porto Góes.....	96
FOTO 19 – Foto Satélite Barra Bonita.....	109
FOTO 20 – Foto aérea de Barra Bonita, que mostra a intensa ocupação das margens ¹	111
FOTO 21 –Foto Ponte Campos Salles	112
FOTO 22 – Trilha Rio Piracicaba; Avenida Beira Rio.....	114
FOTO 23 – Rio Piracicaba : mata ciliar.....	115
FOTO 24 – Rio Piracicaba: ausência de construções intensas ao longo da margem.....	116
FOTO 25 – Córrego Barra Bonita.....	117
FOTO 26 – Hotel Estância Barra Bonita.....	118

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Localização dos Municípios de Barra Bonita e Salto.....	53
MAPA 2 - A hidrovía Tietê-Paraná.....	57
MAPA 3 – Bacias hidrográficas do Estado de São Paulo.....	62
MAPA 4 – Eixos urbanos.....	87
MAPA 5 – Uso das áreas de proteção permanente.....	90
MAPA 6 – Uso e ocupação do solo.....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As etapas do desenvolvimento turístico.....	13
--	----

¹ BARRA BONITA. Plano Diretor de Turismo, 1998.

Tabela 2 – Qualidade das águas bacia do Médio Tietê Superior para abastecimento público/2003.....	67
Tabela 3 – Qualidade das águas bacia do Médio Tietê Superior para proteção da vida aquática/2003.....	68
Tabela 4 - Qualidade das águas bacia do Tietê Jacaré (Médio Tietê Inferior) para abastecimento público/2003	71
Tabela 5 - Qualidade das águas bacia do Tietê Jacaré (Médio Tietê Inferior) para proteção da vida aquática/2003	72
Tabela 6 – Uso do solo nas APP´s.....	91
Tabela 7 – Temáticas recortadas nos jornais O Taperé e O Trabalhador.....	99
Tabela 8 - Temáticas recortadas no jornal Folha de São Paulo.....	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1. TURISMO E LAZER.....	07
2. ÁGUA E PAISAGEM NO TURISMO E LAZER.....	25
3. O MÉDIO TIETÊ.....	49
3.1 A hidrovia Tietê-Paraná.....	54
3.2 Comitês de bacias.....	61
3.3 O Médio Tietê Superior.....	64
3.4 O Médio Tietê Inferior.....	69
3.5 As usinas hidrelétricas.....	70
4. SALTO.....	77
4.1 A Evolução urbana.....	83
4.2 Evolução da Rede Urbana (1889 – 1974).....	85
4.3 Salto e suas Águas.....	88
4.4 Os Jornais.....	99
5. BARRA BONITA.....	107
5.1. Características do município.....	109
5.2. O rio.....	111
5.3. Turismo e lazer.....	112

5.4. Os jornais	121
-----------------	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS.....	137
------------------	-----

Trucidaram o rio

"Prendei o rio

Maltratai o rio

Trucidai o rio

A água não morre

A água que é feita

De gotas inermes

Que um dia serão

Maiores que o rio

Grandes como o oceano

Fortes como os gelos

Os gelos polares

Que tudo arrebentam".

Manuel Bandeira, *Trucidaram o rio*,

in "*Estrela da Manhã*"



INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objeto de estudo as representações na imprensa sobre o rio Tietê em duas situações: no município de Salto, localizado no Médio Tietê Superior e Barra Bonita, no Médio Tietê Inferior. Apesar das duas cidades terem em comum a presença do rio, apresentam realidades bem diferentes, tanto no uso e apropriação que fazem do rio, como no entendimento e significações que suas populações fazem dele. A escolha das duas cidades decorreu do fato de serem ambas Estâncias Turísticas e terem em comum as relações com o rio Tietê que possibilitaram seu desenvolvimento em suas fases iniciais. Sobre as cidades serem Estâncias, observou-se posteriormente, através da lei de regulamentação e criação das Estâncias, que a sua atribuição não segue critérios rígidos.

O Estado de São Paulo possui atualmente sessenta e sete estâncias hidrominerais, balneárias, climáticas e turísticas. Em estudo sobre as Estâncias paulistas, Aulicino² conclui seu trabalho acreditando que o “turismo gera renda, emprego e uma melhor condição de vida para as populações receptoras”, e que essas Estâncias não seriam o que são atualmente se não fosse pelo turismo. Porém, o que se pode observar são cidades consideradas Estâncias e que não têm através da atividade turística grande desenvolvimento, como é o caso da Estância Turística de Salto ou a Estância Turística de Paraguaçu Paulista, que também não recebe um número significativo de turistas capazes de movimentar sua economia, trazendo benefícios para sua população.

O problema, na verdade, está na definição das características que condicionam atribuir a uma cidade o título de Estância, que é muito vago. Na lei nº 11.022, de 28 de dezembro de 1977³, que estabelece se um município pode ser estância destacam-se as seguintes condições:

- 1 Existência de atrativos histórico, artístico, religiosa ou atrativos naturais e paisagísticos;
- 2 A estância deve oferecer condições para lazer, dentro do seguinte padrão mínimo indispensável de atendimento e salubridade ambiental:
- 3 águas de qualquer natureza, de uso público, que não excedam padrões de contaminação e níveis mínimos de poluição;
- 4 abastecimento regular de água potável, sistema de coleta e disposição de esgotos sanitários, bem como dos resíduos sólidos, capazes de atender as populações fixa e flutuante, no município, mesmo nas épocas de maior afluxo de turistas;
- 5 ar atmosférico, cuja composição ou propriedades não estejam alteradas pela existência de poluentes, de maneira a torná-lo impróprio, nocivo ou ofensivo à saúde;
- 6 rede hoteleira para atendimento da demanda turística; e
- 7 área para lazer e recreação, jardins ou bosques para passeio público.

Como se pode perceber, as condições para a criação das Estâncias Turísticas são muito superficiais, sendo que qualquer município, através de uma análise tão vaga, pode conseguir a denominação.

² AULICINO, Autor. Obra. Cidade: Editora. 2001, p. 145.

³ ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/web/CTL/ConsultarTitulo.asp?idTitulo=9>>. Acesso em: 07 mai. 2006.

O tema escolhido para a pesquisa era, inicialmente, o turismo e a água, e a escolha das cidades partiu de dois critérios: a possível destinação turística esperada a partir da designação como Estância Turística e do grau de intervenção antrópica na paisagem natural da água. No entanto, os estudos de campo trouxeram uma nova complexidade a essa problemática. Por um lado, a ineficiência dos projetos turísticos em Salto ultrapassa a questão da degradação ambiental. Por outro lado, em Barra Bonita, os passeios turísticos pela eclusa e a observação da dinâmica do município nos finais de semana e feriados, demonstraram que a atividade turística existente está embrenhada em uma animada atividade de lazer para os moradores da cidade e região.

Em Salto é possível perceber um patrimônio natural, histórico, cultural, paisagístico e simbólico de imenso valor, uma natureza que sofre com o avanço da degradação ambiental, e que, portanto, não é valorizado por sua população. Contudo, as formas de lazer na cidade também ficam comprometidas, lugares que antigamente tinham usos são atualmente lugares de abandono e esquecimento, inclusive o próprio rio.

Barra Bonita se apropria do rio Tietê através dos usos múltiplos que faz dele, é muito valorizado pela população, mas desenvolve atividades de forma desarticulada com o rio. Observa-se na cidade a contradição entre natureza e tecnologia, onde os dois contrapontos foram transformados em atrativos turísticos, vendidos aos turistas de forma questionável.

A problemática estudada na pesquisa é o que sustenta a idéia de potencialidade turística nas duas cidades da região do Médio Tietê, se por um lado tem-se um lugar cujo patrimônio cultural é muito forte, mas não é valorizado e se encontra comprometido. Por outro, um lugar caracterizado por um sistema técnico de grande porte que não é percebido. Como o rio é compreendido e como ele influencia o lazer e outras atividades ligadas a ele?

Considerando-se que é no cotidiano da vida das pessoas que se entende a realidade social de um lugar, analisar os elementos e os processos históricos de que fazem parte, que são responsáveis e contam a história dessas vidas e desse lugar, que registra e noticia acontecimentos, é também uma forma de buscar a compreensão dessa realidade.

Segundo Ferrara⁴, o conhecimento que se adquire sobre a cidade decorre de suas imagens e o significado que essas imagens adquirem através da percepção das pessoas, que seria o imaginário.

O significado criado pela unidade imagem/imaginário não é outro senão a real percepção da experiência urbana travestida no uso do espaço e seus lugares. O uso é o significado da experiência e sua manifestação consiste na apropriação do espaço construído⁵.

Para a autora, a imagem é um código urbano, é uma informação que possui apenas um significado, já o imaginário [...] corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação dos significados, atribuir significados a significados; suas produções não são únicas, mas se acumulam e passam a significar mais por meio de um processo associativo no qual um significado dá origem a um segundo ou terceiro e, assim, sucessivamente⁶.

⁴ FERRARA, Lucrecia d'Alessio. Os lugares improváveis. In YÁZIGI, Eduardo. Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

⁵ Ibid., p. 117.

⁶ Ibid., p. 118

Portanto, a imagem e o imaginário das pessoas são os elementos que, juntos, atribuem sentido aos lugares, através de sua apropriação.

Essas imagens geradoras e geradas pelo imaginário constituem os elementos de identificação dos lugares, porém, são signos, representações, mediações de forma e relações do homem com o espaço; entendê-las é indispensável para reconhecer os lugares e suas histórias e, sobretudo, identificar as percepções acionadas pela cidade e os significados que, no plano mais abstrato e geral do urbano, ela é capaz de sugerir à mente que procura interpretá-la como matriz de um fluxo contínuo de vivências.⁷

Partindo da idéia de que as cidades são formadas pela sobreposição de camadas do que existiu no passado e que a alma da cidade se encontra nas vivências do cotidiano, buscar os vestígios desse passado e sua influência nesse cotidiano é uma forma de entendê-la, é o que Duarte⁸ chama de Rastros Urbanos.

Duarte⁹ propõe um método de entendimento da cidade e uma das formas desse entendimento é através de como ela é noticiada pelos meios de comunicação (reflexão) e como essas informações influenciam no imaginário das pessoas.

Outra forma é analisar o material publicitário de divulgação da cidade, para que se perceba o que seria a cidade desejada, mesmo que imaginariamente (projeção). Duarte¹⁰ chama essa análise de Cidade Comunicada. O trabalho utilizou parte desse método proposto pelo autor, como a análise de jornais e as entrevistas com a população¹¹.

O presente trabalho utilizou como método, além de material bibliográfico, os percursos pelas cidades com conversas informais e a análise de artigos nos jornais locais das duas cidades. Para verificação de controle sobre as notícias e as formas com que elas eram divulgadas, buscou-se um jornal de circulação nacional, a Folha de São Paulo. Através desse jornal, foram feitas comparações com os jornais locais, sobre as temáticas e as formas de abordagem dos artigos, buscando-se a imparcialidade dos fatos.

O foco da pesquisa nos artigos recortou assuntos que abordavam o rio Tietê e aspectos considerados relevantes, como a poluição, o turismo, o abastecimento de água, o lazer, para que se pudesse entender a relação da população com o rio e sua importância e significado nesse contexto social.

Durante os percursos foram realizadas conversas informais não estruturadas com as pessoas. A idéia era que essas pessoas falassem com a maior naturalidade possível sobre os locais, sem que fossem influenciadas pela entrevistadora. Nos percursos em Salto¹², três dias deles foram feitos em companhia de uma moradora local, estudante e estagiária no Museu de Salto, no ano de 2005. As conversas com os moradores locais somam-se 60 pessoas e 10 comerciantes. Mesmo no domingo e no feriado em que se esteve percorrendo a cidade, não foi encontrado nenhum turista.

⁷ Ibid., p. 124.

⁸ DUARTE, Fabio. Rastros de um rio urbano: cidade comunicada, cidade percebida. Campinas: Revista Ambiente e Sociedade. São Paulo: Editora, 2006.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ "Na análise da percepção das pessoas sobre o rio, não foram feitos questionários, como propõe o autor e sim entrevistas abertas com a população em diferentes ocasiões, seguindo o que foi proposto pelos professores na banca de qualificação".

¹² "Os dias de percursos em Salto: 15/04/05, 12/05/2005, 17/07/05, 02/11/05, 15/03/2006, 27/06/06, 06/03/07, 07/03/07".

Em Barra Bonita o procedimento foi o mesmo, porém, como a cidade oferece o passeio turístico pela eclusa, ele foi feito em dois finais de semana¹³, onde se estabeleceu conversa com os turistas dentro do barco. Em uma outra ocasião, os turistas foram abordados na Praça do Artesanato, após deixarem o barco, a intenção foi de conhecer as impressões dos mesmos sobre a cidade. No total soma-se 60 turistas entrevistados no passeio de barco e mais 15 no Hotel Estância Barra Bonita. Conversas também foram feitas com 30 moradores locais e mais 15 comerciantes.

Para dar suporte à pesquisa, é apresentado no capítulo 1 “Turismo e Lazer” o referencial teórico com abordagens conceituais sobre o turismo e o lazer, e a forma como se pensa a temática no presente trabalho, através de sua dimensão lúdica.

No capítulo 2, “Água e Paisagem no Turismo e Lazer”, é mostrada a forma como se pensa a paisagem no trabalho e as implicações da água e da natureza para as atividades de turismo e de lazer.

O capítulo 3 apresenta o Médio Tietê, região onde estão inseridos os dois municípios em estudo, Salto e Barra Bonita, que formam os dois últimos capítulos da dissertação.

O capítulo 4 “Salto” e 5 “Barra Bonita”, apresentam as cidades, suas formas de usos de lazer e turismo e suas relações com suas populações, além das análises nos jornais. Através dessas análises nos jornais, de percursos e entrevistas abertas com a população chegou-se a conclusão de que, mesmo tendo em comum o rio Tietê, os usos, a percepção e as relações são muito diferenciados nas duas cidades.

¹³ “Os dias de percursos em Barra Bonita: 09 e 10/12/05, 18/04/06, 20 e 21/05/06, 22 e 23/07/06, 17 e 18/12/06, 22/01/07, 12/02/07”.



Capítulo 1

TURISMO E LAZER

1. TURISMO e LAZER

As viagens são práticas realizadas pelas pessoas desde há muito tempo. Foi através delas que o mundo foi desbravado, povos foram postos com novas culturas, outras surgiram e o mundo contemporâneo possui uma enorme possibilidade que se presencia atualmente. Segundo Acerenza¹⁴ os relatos de viagens desde a Odisséia, na Babilônia e dos gregos que se deslocavam assiduamente para festas religiosas não permitem classificá-las como o nome de turismo que se conhece atualmente, isso só foi possível a partir do Império Romano.

A história conta que, durante o apogeu do Império, nos meses de verão se produziam movimentos consideráveis de pessoas saindo de Roma para o campo e para o lugares de veraneio situados à beira do mar [...]. Os romanos visitavam também, templos sagrados e santuários, participavam de festividades e iam a lugares onde podiam tomar banhos termais. Os relatos indicam que, à princípio, suas grandes viagens se limitavam à Grécia, mas que posteriormente, com a adoção e difusão do cristianismo, numerosos grupos de peregrinos começaram a viajar pela Terra Santa. Segundo historiadores, já nessa época existiam itinerários

¹⁴ ACERENZA, Miguel A. Administração do Turismo. Bauru: Edusc, 2002. p. 62, V.1.

*e guias, os quais especificavam as rotas, os nomes dos caminhos, as distâncias e o tempo requerido para viajar entre os diferentes pontos do Império.*¹⁵

Acerenza¹⁶, ainda afirma que esse tipo de viagem não tinha o nome de turismo, porém, “de acordo com a concepção que temos do mesmo, não cabe dúvida de que constituem os antecedentes remotos mais claros que se dispõe sobre a questão”. A palavra turismo, segundo Barreto (1995, p. 9) é de origem francesa, do vocábulo *tour*, que significa volta.

Andrade¹⁷, diz que a matriz do radical *tour* vem do latim, “através do seu substantivo *tourns*, do verbo *tornare*, cujo significado é giro, volta, viagem ou movimento de sair e retornar ao local de partida”. Segundo o Dicionário Etimológico¹⁸, a palavra vem do inglês *tourism*, que se originou do francês *tourisme*.

Autores como Urry¹⁹, Ignarra²⁰ e Barreto²¹, pesquisando as origens do turismo, concordam em definir que as viagens, enquanto fenômeno turístico de massa,

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ ANDRADE, 1992 apud VAL, Nilton Soares. Turismo, sustentabilidade e paisagem. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/301/boltec301f.htm>>. Acesso em 22 abr. 2007.

¹⁸ CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

¹⁹ URRY, John. O olhar do turista. São Paulo: Sesc, 2001.

²⁰ IGNARRA, Luiz Renato. Fundamentos do turismo. São Paulo: Pioneira, 1999.

²¹ BARRETO, Margarita, Manual de iniciação ao estudo do turismo. São Paulo: Papirus, 1995.

datam do século XIX, onde o marco inicial é considerada a viagem de trem organizada por Thomas Cook (considerado o primeiro agente de viagens) na Inglaterra, em 1841, onde levou 500 pessoas para Leicester. Posteriormente a essa viagem, Cook iniciou um intenso movimento de viagens organizadas para diversas localidades, fundando então a primeira empresa de organização de viagens, que existe ainda nos dias atuais, a Thomas Cook Travel. Essa seria, segundo Urry²² a guinada histórica do viajante individual ao turista da sociedade de massa.

Através dos avanços tecnológicos e dos meios de transportes foi possível o deslocamento de um grande número de pessoas a vários destinos, inclusive na transposição para outros continentes, e a organização profissional da atividade aconteceu em seguida. Com o desenvolvimento da atividade turística e o seu rápido crescimento, inclusive como responsável pelo desenvolvimento de muitas cidades, surge então a necessidade de se compreender os seus processos e entender de que se trata tal fenômeno tão expressivo. Atualmente, o turismo se depara com uma grande questão: se desenvolver sem destruir, e essa discussão busca encontrar um caminho equilibrado para a satisfação de todos.

Um dos principais problemas observados no desenvolvimento da atividade turística é conceitual. Por sua natureza diversificada, seu caráter multidisciplinar, fica complexo entender o que significa turismo e todas as outras questões abarcadas pelo fenômeno, e devido a isso, é complicado estabelecer o corpo teórico do turismo.

Muitos são os autores que trataram da definição do turismo, em diversos livros que surgiram no mercado há alguns anos, num *boom* literário sobre a área, porém, em sua maioria são superficiais ou mesmo tratam a atividade apenas como mais uma atividade econômica. Outros já entendem a necessidade em se aprofundar criticamente questões sobre a área, da importância em se ter um corpo teórico que seja capaz de suprir necessidades conceituais e práticas do turismo.

Em análise feita pelos autores que tratam da definição do turismo, observa-se uma divisão entre aqueles que entendem o turismo como um segmento econômico e outros que enxergam como principal característica na atividade a sua importância social e cultural, não que uma questão seja anulada em virtude de outra, mas a principal preocupação é explícita em cada autor.

A primeira definição de turismo, segundo Barreto²³ foi feita por um economista, em 1910, Hermann Von Schullen, que dizia que turismo “é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado”. Segundo Ignarra²⁴, a partir dessa definição surge a Escola de Berlim, com autores que ainda acreditavam que o turismo fosse uma atividade de importância puramente econômica, como Glucksman, Stradner, Morgenroth. Para esses autores, a viagem turística servia sim para “satisfazer necessidades vitais ou de cultura”²⁵, porém a sua preocupação era com o produto turístico a ser consumido e não com o turista e suas motivações. Aliás, é essa a grande diferença observada, enquanto os autores que entendem o turismo como um produto capaz de alavancar a economia dos lugares em que se desenvolve se preocupam com o produto turístico e suas formas de consumo, os que se preocupam com o sujeito do turismo, o viajante ou turista, buscam entender as suas questões sociais e culturais, sem descartar sua importância econômica.

A partir de 1940, surgem autores que vão desenvolver tais conceitos da escola berlinesa, e que através de uma visão holística vão contribuir para avanços nos estudos sobre a área. Hunziker e Krapf²⁶, assim como De La Torre²⁷ enfatizam a importância das inter-relações existentes nas viagens, McIntosh e Gupta²⁸ atribui ser o turismo uma ciência, questão essa que será tratada mais

²³ VON SCHULLEN apud BARRETO, 1995. p. 9.

²⁴ IGNARRA, 1999.

²⁵ STADNER, Josef. In BARRETO, 1995. p. 10.

²⁶ HUNZIKER;KRAPF apud BARRETO, 1995.

²⁷ DE LA TORRE apud BARRETO, 1995.

²² Idem.

adiante. Fuster²⁹ atenta para a importância dos equipamentos turísticos (hotéis, transportes, agências, esse que durante um bom tempo foi considerado o tripé do turismo) e das organizações públicas e privadas, demonstrando a preocupação com os impactos sobre a população receptora, fato bastante pertinente na atualidade.

As definições de turismo são várias, assim como um consenso comum ainda não existe, porém para tentar uma universalização do conceito do turismo, a OMT (Organização Mundial do Turismo) adotou a seguinte definição:

*Turistas são visitantes temporários que permanecem mais de 24 horas no país visitado e excursionistas são os que permanecem menos de 24 horas. Turismo é a soma de relações e de serviços resultantes de uma mudança de residência temporária e voluntária motivada por razões alheias a negócios ou profissionais, ainda compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares distintos ao do seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios e outros.*³⁰

²⁸ MCINTOSH, Robert; GUPTA, Shashikant. Turismo planeación, administración y perspectivas. Cidade do México: Limusa Grupo Noriega Editores, 1993.

²⁹ FUSTER, Luiz Fernandez. Teoria y técnica del turismo. Madri: Editorial Nacional, 1973.

³⁰ ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Teoria geral do turismo. In: _____, Turismo: como aprender, como ensinar. São Paulo: Senac, 2001, p. 18-20.

A definição da OMT (Organização Mundial do Turismo) é bastante restrita e se contradiz. Quando ela afirma que o turismo é motivado por “razões alheias a negócios ou profissionais” e em seguida afirma “com finalidade de lazer, negócios e outros”, está se contradizendo. As viagens a negócios, atualmente, são as que mais movimentam o turismo em algumas cidades, como São Paulo, por exemplo, onde, mesmo que os viajantes venham no intuito de trabalho, acabam consumindo hotéis, restaurantes, transportes e até mesmo equipamentos de lazer, como teatros e cinemas. A questão do tempo também pode ser questionável, existem pessoas que viajam durante um período superior a um ano fazendo exclusivamente turismo.

Urry³¹ busca entender o olhar do turista, para assim, entender o fenômeno, de forma que é através da percepção do turista que se entende o porquê da busca pelo turismo, das escolhas por determinadas ações nesses lugares. Ele considera algumas questões que caracterizam a atividade, observadas através do comportamento dos turistas. A quebra do cotidiano, a possibilidade de um comportamento permissivo, livre de restrições, possibilitada pela liberdade, além da busca pela proximidade social e a vantagem do anonimato são algumas dessas observações feitas. Seriam estas algumas das características do turismo que motivam as pessoas a serem turistas.

Segundo Urry³², o conceito de turismo moderno (nesse caso moderno significa contemporâneo) é diferente do praticado antigamente. Foi através do hedonismo, das novas tecnologias, do consumo de massa, da evolução dos meios de comunicação, através da publicidade, que houve a democratização do turismo, que antigamente era restrito a classes sociais privilegiadas. Ele ainda considera que enxergar o turismo contemporâneo sem a influência da propaganda é muito difícil.

Seguindo uma linha de pensamento semelhante ao desenvolvido por Urry³³, Molina e Rodriguez³⁴ apresenta um novo conceito para a área do turismo, o pós-

³¹ URRY, 2001.

³² Idem.

³³ URRY, 2001.

turismo. Ele acredita que a historicidade do turismo pode ser classificada em três etapas distintas: o pré-turismo (Grand Tour)³⁵, o turismo industrial (dividido em três fases) e o pós-turismo, que segundo o autor, seria

[...] uma ruptura com o turismo tradicional (o de caráter industrial com suas diferentes etapas evolutivas), que implica novas concepções e enfoques, metodologias e tecnologias, além de uma nova distribuição do papel dos governos, das empresas e das comunidades locais.³⁶

Para Molina e Rodrigues³⁷, existe um conjunto de forças que impulsionaram as mudanças radicais na forma de se fazer e oferecer turismo, são elas: o desenvolvimento do conhecimento científico que traz como consequência o desenvolvimento de uma tecnologia de alto padrão de qualidade; o surgimento de novos estilos de vida decorrentes de mudanças sociais e culturais, com a supervalorização do consumo que traz consigo novos significados; e o estabelecimento de novas formas de controle sobre o espaço de residência, que na tentativa de salvaguardar seu território dos turistas, a fim de proteger seus valores sociais e culturais, criam barreiras e não estabelecem contato com os mesmos, ou seja, é o isolamento das comunidades locais receptoras diante dos turistas.

Essa inserção de um novo conceito para a área do turismo ainda não é aceita por todos, existem ainda controvérsias a seu respeito, mas não deixa de ser mais uma tentativa positiva de se pensar a atividade para um

avanço teórico e conceitual que reflita em avanços práticos. A tabela 1 apresenta a periodização proposta por Molina.

³⁴ MOLINA, Sérgio; RODRIGUEZ, Sérgio. Turismo: planejamento integral. Bauru: Edusc, 2001.

³⁵ O Grande Tour "consistia em viagens realizadas pelos filhos mais velhos de famílias nobres e de ricos comerciantes, com a finalidade de melhorar sua educação e de estabelecer contatos diplomáticos e de negócios nas mais importantes cidades da Europa" (Ibid., p. 22).

³⁶ Ibid. p. 10.

³⁷ Idem.

Tabela 1. As etapas do desenvolvimento turístico

Também na tentativa de buscar uma nova forma de se pensar e se fazer turismo, Trigo e Panosso Netto³⁸, apresentam reflexões sobre acontecimentos contemporâneos que influenciaram diretamente o turismo no mundo todo, com

PERÍODOS	ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO
Pré-Turismo (séc. XVII e XVIII)	<i>Grand Tour</i> , viagem realizada pelos filhos de famílias nobres e ricos comerciantes, com finalidade educativa, cultural, contatos diplomáticos e negócios. Viagens podiam durar até dois anos.
Turismo Industrial Primitivo (séc. XIX até início da Segunda Guerra)	Surgimento dos primeiros hotéis urbanos, desenvolvimento dos balneários costeiros no Mar Mediterrâneo e surgimento dos primeiros destinos turísticos na América Latina; expansão dos transportes de superfície, criação dos escritórios governamentais de turismo.
Turismo Industrial Maduro (a partir de 1950)	Crescimento ininterrupto, passando de 25 milhões de turistas estrangeiros para 600 milhões na década de 1990. Crescimento do turismo interno, com mais de 5 bilhões de pessoas viajando dentro de seu território. Modelo sol e mar sendo o mais procurado. Criação de leis de fomento e regulamentação da atividade com a criação de órgãos públicos de gestão e políticas nacionais para o desenvolvimento do turismo. Ampliação das fronteiras planetárias. Turismo baseado exclusivamente no capital financeiro.
Turismo Pós-Industrial (meados da década de 1980)	Formação de uma nova cultura turística nos agentes: demanda, prestadores de serviços e governos. Diferenciação dos produtos/serviços, desmassificação dos mercados, alta segmentação, personalização dos serviços, descentralização de decisões, ecologismo, conceito de hospitalidade torna-se fundamental
Pós-Turismo (séc. XXI)	Tecnologias de alta eficiência, informação, geração de produtos competitivos com capacidade crescente de inserção no mercado; sistema mais amplo, incorporando os sócio-técnico, compreendendo também a força de trabalho, a organização para o trabalho e a gestão. Grandes ícones: parques temáticos, que aparecem com novas propostas, a de inserção dos turistas enquanto protagonistas, interagindo física e intelectualmente em diversos cenários. Grandes cidades desenvolvendo espaços lúdicos como estratégia de situarem-se nos circuitos do lazer e do turismo.

conseqüências que podem ser marcos históricos para a atividade, podendo tornar as primeiras teorias sobre turismo totalmente obsoletas. Para esses autores³⁹ existem fatos que estão acontecendo e mudando o comportamento de turistas, obrigando então as empresas a se adequarem às novas demandas. O primeiro fator é a rapidez com que pensamentos e ações das sociedades vêm se desenvolvendo, gerando dificuldades em se visualizar tendências e cenários para o turismo. A globalização também é outra questão, onde valores sociais e culturais são superados em pouco tempo e a opinião pública força ações inesperadas dos governantes, e há ainda os atentados terroristas que estão mudando os hábitos das pessoas.

Esses acontecimentos com certeza mudam os ritmos e até a forma de vida das pessoas, mesmo que momentaneamente ou por um período de tempo. Porém, se eles serão capazes de mudar todas as teorias existentes até agora

³⁸TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; PANOSSO NETTO, Alexandre. Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade. São Paulo: Aleph, 2003.

³⁹ Idem.

sobre o turismo, ou se elas serão aperfeiçoadas, só o tempo poderá dizer, mas é indiscutível que as mudanças que ocorrerem nos cenários econômicos, sociais e culturais das sociedades influenciarão com toda certeza a forma de se pensar e se fazer turismo.

A preocupação com a produção de conhecimento turístico é levantada por muitos autores, que em sua maioria, apresentam em seus trabalhos uma compilação das teorias desenvolvidas, mas não apresentam um avanço significativo no pensamento existente, tornando o discurso redundante. Trigo e Panosso Netto⁴⁰ e mais precisamente Moesch⁴¹ demonstraram uma preocupação em estudar a epistemologia do turismo e o fizeram com maior profundidade.

Moesch

[...] tenta superar as limitações das abordagens funcionalistas e fenomenológicas que propõe a leitura do turismo a partir dos fundamentos teóricos da dialética-histórico-estrutural com base em algumas categorias de análise (economia, tecnologia, tempo e espaço, sujeito, diversão, ideologia, pós-modernidade, comunicação e imaginário).⁴²

Moesch critica a forma como o fenômeno vem sendo pesquisado,

[...] o saber turístico assim produzido é reduzido às informações e sistemáticas sobre o seu setor produtivo. Este contexto permite delinear a hipótese de que o saber turístico é um fazer-saber, não existindo saber além daquele que resulta um fazer-saber.⁴³

Ainda questiona que os estudos publicados sobre a área tratam do objeto de forma reducionista, não considerando a sua interdisciplinaridade⁴⁴, analisando de acordo com a especialização de cada trabalho (econômico, geográfico, antropológico, administração, etc) e considera que dessa forma

[...] os estudos são fragmentados, desarticulados, unilaterais e com insuficiência metodológica, apresentando, salvo exceções pontuais, ausência de um espírito crítico passível de autonomia intelectual, que possibilite a construção de um campo teórico⁴⁵.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ MOESCH, Marutschka. A produção do saber turístico. São Paulo: Contexto, 2002, p. 13

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

⁴⁴ "A interdisciplinaridade, fundamental à análise do turismo como fenômeno social, cultural, comunicacional, econômico e subjetivo avança as fronteiras de uma única disciplina ou de um único campo do saber. Cabe à academia propor novas abordagens, a partir de uma concepção interdisciplinar. A interdisciplinaridade aponta um método investigativo fecundo sob o ponto de vista epistemológico, desde que superados os nichos particularistas existentes nas universidades, nos quais os clássicos campos do saber são criteriosamente delimitados" (Ibid., p. 14).

⁴⁵ MOESCH, 2002, p. 13.

A autora ainda critica a categorização que é feita na maioria dos trabalhos, que pressupõe que apenas um campo do saber seja suficiente para analisá-los. Ela entende o turismo como um fenômeno que precisa ser pensado sob diversos prismas:

Turismo é processo humano, ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico. Como um processo singular, necessita de ressignificação às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores, colocados como bens culturais. Fazer turismo, tanto para quem o produz como para quem o consome, é uma forma de apropriação de poder. Consumir o outro, o diferente, o exótico, o distante, supostamente, gera experiências prazerosas. Experiências possibilitadoras da quebra de rotina, relativizando a massividade imposta ao consumo cotidiano. Faz-se necessário, entretanto, recusar todos os modos de manipulação e telecomando, para permitir novos modos de sensibilidade humana, de relação com o outro que coincidam aos desejos, ao gosto de viver, à vontade de conhecer o mundo, com a insaturação de dispositivos capazes de desterritorializar, criando novas relações, sentidos e representações na busca da transversalidade entre grupos humanos.⁴⁶

Essa talvez seja uma das abordagens mais coerentes e consistentes que se tem publicada, a autora considera relações humanas, trocas, experiências e enxerga o turismo como um processo, como um fenômeno social cheio de sentido e representação numa tentativa de integração sem barreiras.

Outra questão que vem discutida pelos estudiosos do turismo é a dúvida se esse fenômeno constitui uma ciência ou não, e esse esforço de constituir o turismo como ciência está atrelado à constituição de um mercado. Não cabe e nem é objetivo do presente trabalho pensar essa questão, porém, a preocupação é em recortar um corpo teórico que seja consistente.

A produção de conhecimento sobre turismo ainda é bastante deficitária, como se pôde observar, a sua prática está muito além das suas teorias, embora esteja longe de ser a ideal, e a velocidade com que o mundo vem sofrendo mudanças tornam cada vez mais difícil se chegar a algo significativo, porém, as pesquisas estão sendo feitas, e o desenvolvimento cada vez maior do mercado irá demandar cada vez mais esse avanço teórico. Além disso, a profissionalização da mão-de-obra no setor é cada dia mais exigente, tamanha a complexidade das relações humanas, prova disso é a proliferação dos cursos de graduação e pós-graduação em turismo que, se não conseguirem produzir o conhecimento adequado, será difícil avançar em qualquer sentido. Afinal, o conhecimento científico se produz somente dentro da academia e centros de pesquisa.

Apresentadas as teorias do turismo que formam o recorte teórico da pesquisa, é possível chegar a conclusão de que o turismo, na forma como é visto e pensado por esses autores, é um fenômeno contemporâneo de massa, é uma atividade mediada pela tecnologia dependente de uma infra-estrutura específica e de apoio, o deslocamento é temporário que o diferencia do processo de migração, o olhar e o comportamento do turista são controlados nas diversidades em que são ofertados, e é basicamente um produto comercial. Porém, para a pesquisa apresentada não interessa analisar o turismo como

⁴⁶ Ibid., p. 15.

um produto ou uma atividade meramente comercial, embora seja necessário reconhecê-la, mas pensar se o turismo está condicionado ou não o olhar em contextos específicos, focando em sua dimensão do lazer, ou indo além, em uma dimensão lúdica.

O turismo é uma das formas de lazer, mas o lazer nem sempre é praticado de forma turística. O lazer é segundo Etges:

[...] uma oportunidade de descanso e divertimento, mas, sobretudo, como cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude.⁴⁷

O lazer está ligado ao lúdico, ao espontâneo, porém, atualmente, o que se presencia é que esse tempo destinado ao lazer está sendo também controlado em virtude do tempo de cumprir as obrigações. Segundo Perrotti⁴⁸, a racionalidade do sistema produtivo traz consigo a negação do elemento lúdico, tornando-o inviável, pois o tempo destinado ao lúdico é mensurável, regulável e objetivável. Nas sociedades atuais, o que privilegia é o tempo de produção, deixando o prazer para depois, como forma de recompensa. O lazer visto sob essa ótica, como contraposição ao tempo de trabalho é uma conquista dos trabalhadores, já o elemento lúdico é inerente a todo ser humana.

Segundo Huizinga⁴⁹, o lúdico existe desde antes da cultura, pois é uma atividade praticada também pelos animais. Afirma que o homem, além de sapiens (questionável por não se mostrar tão racional quanto se acreditava) e *faber* é também *ludens* (sendo as duas últimas designações atribuídas também aos animais), e a importância de se pensar esse elemento da cultura é devido ao sentido que expressa, ou seja, o significado do lúdico, ou o jogo, como descreve o autor.

Na tentativa de se buscar a gênese do elemento lúdico na cultura, o que torna o homem *Homo Ludens*, Huizinga⁵⁰ coloca as diversas ciências que tentam explicá-las, como a psicologia, a biologia, a fisiologia, e segundo o autor, todas as explicações se complementam, porém, não são mais que “soluções parciais do problema”.

As características do elemento lúdico é o fato de ser livre, de ser voluntário, ser desinteressado, mas estar associado ao prazer (e daí decorre sua necessidade), de ser uma atividade temporária que busca uma satisfação, tendo um lugar e um tempo para acontecer (nas horas de ócio), sendo, portanto, “um intervalo na vida cotidiana”, tornando-se dessa forma, uma “função vital para o indivíduo e para a sociedade”⁵¹.

Para Huizinga⁵², o lúdico enquanto elemento cultural está ligado ao imaginário, à fantasia, ao prazer, ao espetáculo, “ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, o mundo poético, ao lado do da natureza”.

O lazer, além de ser uma prática social que possibilita diversas experiências é também um direito do ser humano, garantido pela Constituição Federal brasileira, que afirma: “Direito ao lazer: direito ao repouso e aos lazeres que permitam a promoção social e o desenvolvimento sadio e harmonioso de cada indivíduo”, artigo 6º sobre Direitos e Garantias Fundamentais⁵³. O artigo que atribui o direito ao lazer a todos os cidadãos garante juntamente com ele outros direitos sociais, o direito à educação, à saúde, ao trabalho, à segurança, à previdência social, à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados, ou seja, o lazer é considerado um direito básico de qualquer pessoa.

136. ⁴⁷ ETGES, Virgínia Elisabete. O lazer no contexto das múltiplas dimensões do desenvolvimento regional. Santa Cruz do Sul: Edusc, 2002, p. 135-

⁴⁸ PERROTTI apud ETGES, 2002.

⁴⁹ HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Ibid., p. 12.

⁵² Ibid., p. 7.

⁵³ CAMPANHA O BRASIL TEM FOME DE DIREITOS. Disponível em: <http://www2.fase.org.br/artigo6/artigo6.asp>. Acesso em: 13 abr. 2006.

Foi com a Revolução Industrial que o lazer se destacou efetivamente nas sociedades, como uma atividade importante e como direito do ser humano, que se contrapunha ao tempo de trabalho. Através da regulamentação dos direitos trabalhistas (com férias, décimo terceiro salário, férias remuneradas, aposentadoria) o tempo livre ganhou destaque na vida das pessoas, pois antes não existiam bem definidas as horas de trabalho e as horas de lazer, embora a sua prática existisse.

*O lazer, universo no qual se insere a atividade turística, é discutido como campo fértil de práticas sociais que mobilizam processos renovados de constituição de subjetividades, pois, assim como outras experiências humanas, oferece possibilidades especiais para o exercício e a intensificação de uma relação diferenciada consigo mesmo, com o outro e com a vida no mundo*⁵⁴

As preocupações acerca do tema lazer só tiveram maior visibilidade quando as instituições acadêmicas iniciaram pesquisas sobre o tema e quando alguns órgãos governamentais desenvolveram programas voltados à ofertar lazer às populações e, segundo Melo⁵⁵, a partir da década de 1990, com o rápido desenvolvimento de negócios voltados ao lazer e ao entretenimento, com destaques para o turismo, o esporte enquanto negócio e a indústria cultural, o assunto ganha maior destaque.

Segundo Marcellino⁵⁶, os estudos sobre lazer na Europa e Estados Unidos são mais antigos que no Brasil, datam do início do século XX, desencadeado por um manifesto publicado em 1880 por Paul Lafargue (genro de Karl Marx) intitulado “Manifesto à Preguiça”, em que “ridicularizava os operários da indústria nascente, que trabalhavam 15 horas por dia e reivindicavam o direito ao trabalho, mesmo em tais condições”⁵⁷.

Marcellino⁵⁸ afirma que os estudos sobre lazer no Brasil só começaram a ocorrer com o processo de urbanização das cidades, e são 50 anos que separam o Brasil da Europa. O autor afirma que a primeira publicação brasileira a tratar do assunto foi “Lazer Operário”, de José Acácio Ferreira, publicado em 1959, em Salvador, tendo como subtítulo Um Estudo de Organização Social das Cidades. Ressalta ainda que, o primeiro encontro para o estudo do lazer foi realizado em São Paulo, em outubro de 1969, sendo que no ano seguinte, o censo mostrou, pela primeira vez, a supremacia numérica da população urbana brasileira. Embora haja diferenças entre Europa, Estados Unidos e Brasil, o fato comum é que todos os países começaram a desenvolver estudos sobre lazer devido à industrialização.

Com o tempo cotidiano definido, a busca por atividades que suprissem as necessidades de lazer ganha destaque. O tempo livre é então muito valorizado, pois ele passa a ser associado ao prazer e à liberdade, com maior ênfase no mundo

⁵⁴ VILLAVERDE, Sandoval. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade. In: MARINHO, Alciane; BRUHNS, Heloisa Turini. Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole. 2003, p. 53

⁵⁵ MELO, Victor de Andrade. Lazer e minorias. São Paulo: Ibrasa, 2003.

⁵⁶ MARCELLINO, Nelson Carvalho. Estudo do lazer: uma introdução, 2002. p. 5.

⁵⁷ CAMARGO, Luiz Otávio. Educação para o lazer. São Paulo: Moderna, 1998. p. 29.

⁵⁸ Idem.

contemporâneo, com a urbanização, através dos modelos vigentes, e o surgimento de grandes centros, que coloca em discussão a qualidade de vida de milhões de pessoas.

O conceito de lazer não é unânime, cada autor tem uma concepção própria, porém, todos concordam que é uma prática social e cultural espontânea, de vivência e experiência que traz consigo o prazer e o enriquecimento pessoal. Para Muller⁵⁹ o lazer é uma cultura vivenciada no tempo que não é o do trabalho, das obrigações familiares, escolares e sociais e acredita que, apesar de não ser valorizado pela falta de conhecimento sobre o que é lazer, é um vetor de desenvolvimento das cidades.

Já Camargo⁶⁰ é mais maleável quanto ao que pode ser considerado lazer. Ele reflete sobre o trabalho, a religião, as obrigações familiares e sociais e acredita que, mesmo sendo para uma parcela pequena da população, essas atividades podem ser consideradas lazer. Para ele lazer é “fazer alguma coisa” e mesmo que pareça que a pessoa não esteja fazendo nada, mesmo o devaneio, é uma ação significativa.

Villaverde⁶¹ refere-se ao tempo de não trabalho como “tempo conquistado”, pois acredita ser mais adequado que tempo livre que remete à idéia de uma liberdade plena, o que em sua opinião ainda não existe, e acredita que o termo que utiliza seja mais revolucionário. O autor defende que a subjetividade e a intencionalidade são características das práticas de lazer, que somente é “possível de ser compreendida no seio da cultura em que esta é construída” e é essa intencionalidade que “vivencia, reflete, produz, reelabora e ressignifica a cultura e o mundo”⁶². Outra característica do lazer apontada é a possibilidade de intensificação da relação do homem consigo mesmo e com o mundo, é a possibilidade de uma forma criativa de agir, de pensar, de existir, é a hora em que se pode fugir à heterogeneidade das relações atuais.

Partindo do mesmo questionamento sobre o tempo livre de Villaverde, Fromm⁶³ vai mais além. Segundo o autor, na realidade o ser humano não é livre para aproveitar seu tempo livre, pois suas horas de lazer são determinadas pela indústria, seu gosto é manipulado, “o valor da diversão é determinado pelo seu êxito no mercado e não por algo que possa ser medido em termos humanos”.

De acordo com Dumazedier⁶⁴, o lazer é um fato de extrema importância nas sociedades, porém, o que se presencia atualmente não é uma prática do lazer, mas sim o consumo do lazer, mesmo que esse consumo não substitua a prática. Baccal⁶⁵ considera esse tempo livre dedicado ao consumo de lazer, como simplesmente “tempo de consumo” e alerta para a indústria do lazer que percebeu tal fato e se aproveita da valorização do lazer para obtenção de lucros, acabando por converter as atividades de lazer em condutas estandardizadas, estereotipadas e pré-fabricadas, que é igualmente o que a indústria do turismo faz.

O lazer não se traduz ao tempo liberado pelo progresso econômico e pela reivindicação social. Ele é também criação histórica, oriundo das mudanças dos controles institucionais e das exigências individuais. Inteiramente condicionado pelo consumo de massa e pela estrutura de classe, o lazer está se tornando cada vez mais o centro da elaboração de novos valores, sobretudo nas gerações mais jovens: põe em xeque as regras do trabalho profissional e escolar, a vida

⁵⁹ MULLER, 2002.

⁶⁰ CAMARGO, 1998, p. 29.

⁶¹ VILLAVERDE, 2003, p. 54.

⁶² VILLAVERDE, 2003, p. 54.

⁶³ FROMM apud BACCAL, Sarah. Lazer e o universo dos possíveis. São Paulo: Aleph, 2003, p. 138.

⁶⁴ DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1999.

⁶⁵ BACCAL, 2003, p. 138.

*familiar, socioespíritual e sociopolítica. O lazer deu origem a um movimento social que começa a sacudir e a modificar não apenas as estruturas da sociedade, mas, de modo mais radical ainda, as orientações da própria vida.*⁶⁶

Como afirmou Dumazedier⁶⁷, o lazer está condicionado à cultura de massa e talvez um grande incentivador dessa alienação, da prática do lazer controlada, sejam os meios de comunicação. A grande maioria das pessoas passa a maior parte do seu tempo livre dentro de casa, é o chamado lazer doméstico⁶⁸, onde boa parte do tempo é destinada à televisão ou à Internet, meios dos quais o consumo é incentivado a todo o momento.

Camargo⁶⁹ afirma que o lazer doméstico pode ser comprovado por uma pesquisa realizada pelo Sesc (Serviço Social do Comércio), em 1996, com um amostra de 1.200 paulistanos (amostra essa representativa da população paulistana acima de 15 anos). A pesquisa apresentou os seguintes resultados:

- 8 De cada 100 paulistanos, 88 declaram assistir à TV diariamente ou várias vezes por semana;
- 9 83 em cada 100 paulistanos ouvem rádio diariamente ou algumas vezes por semana, sendo 64 em casa, 21 no trabalho e 6 no carro;
- 10 68 em cada 100 paulistanos afirmaram ler jornais, dois terços dos quais ao menos uma vez por semana;
- 11 57 em cada 100 paulistanos declaram ler revistas, 21 deles semanalmente, 19 mensalmente;
- 12 52 em cada 100 paulistanos afirmaram ter lido pelo menos um livro no ano anterior, sendo que 10 leram mais de seis livros;
- 13 40 em cada 100 paulistanos nunca ou raramente escrevem; 26 costumam escrever cartas, 28 escrevem para fins escolares ou profissionais; 7 em cada 100 compõem poemas e 2 escrevem crônicas;

Ainda segundo a mesma pesquisa, a segunda metade do tempo livre doméstico é dedicada a atividades como receber e visitar amigos, comunicações interpessoais (relativamente à margem do comércio do lazer) e ao semi-utilitário das atividades manuais (reparos domésticos, decoração, jardinagem, cuidados com animais de estimação ou um hobby qualquer). Quanto a essas práticas:

- 14 *hobbies* domésticos: culinária (23%), consertos domésticos (14%), cuidados com plantas (14%), animais de estimação (15%), forma as modalidades preferidas, sendo que 35% declararam não ter nenhum hobby;
- 15 fotografias – 40% do entrevistados afirmaram tirar fotografias, a quase totalidade como hobby/lazer, 2% do total da amostra afirmou já ter feito curso de fotografia.

É preciso atentar-se ao fato de que atualmente, essas cidades não estão sendo planejadas pensando nas práticas do lazer. Os espaços públicos estão abandonados e são mais percebidos como espaços de passagem do que espaços de lazer, as

⁶⁶DUMAZEDIER, 1999.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ “Na média vive-se o tempo livre cotidiano mais dentro do que fora de casa..., mas a casa é um dos principais alicerces de nossa identidade mais profunda. Significa refúgio, aconchego..., a casa, mesmo a mais pobre, não equivale mais à antiga caverna que servia apenas para refúgio contra as intempéries e os animais selvagens. Hoje pode ser considerada um pequeno centro cultural, em que se pode ler, conversar, receber amigos, cuidar de plantas”. (CAMARGO, 1998, p. 43)

⁶⁹ Ibid., p. 42.

ruas, que antes proporcionavam às crianças a oportunidade de brincar, para os mais velhos, de conversar com seus vizinhos, hoje é planejada para os carros, nem as calçadas são mais respeitadas, andar a pé se tornou bastante complicado.

Com isso, o lazer da grande maioria da população fica prejudicado, já que os equipamentos públicos de lazer estão deteriorados, e os equipamentos específicos (teatros, cinemas, parques de diversões, clubes, etc) são de acesso a uma minoria que pode pagar por eles.

Essa é mais uma condicionante do fato de que a maior parte do tempo livre é passado dentro das casas, mesmo que isso não seja considerado ruim, porém, demonstra a incapacidade das cidades de serem também lugares que oferecem oportunidades de sociabilidade à grande maioria da população, que se torna carente também de opções de lazer.

Voltando à questão sobre o consumo e a prática do lazer, o turismo entra como grande incentivador. Quem pode pagar pelos equipamentos de lazer e por viagens de turismo, também é alvo do consumismo desenfreado que se estabeleceu nas sociedades contemporâneas.

Camargo⁷⁰ classifica quatro categorias que são buscadas quando se quer praticar lazer: aventura, competição, vertigem e fantasia.

O turismo, enquanto prática de lazer, consegue oferecer as quatro categorias de uma vez. A aventura significa um novo lugar para se conhecer, novas descobertas, é a novidade. A competição “não significa necessariamente disputa com o outro, pode ser disputa consigo mesmo: ser melhor do que última vez”, ou ainda disputar quem vai num lugar que oferece maior status. A vertigem seria a “capacidade de se deixar levar, de perder o controle e correr riscos em segurança”⁷¹. E a fantasia proporciona ser outra pessoa, mesmo que temporariamente, diferente daquela do cotidiano, fato que o turismo sabe fazer muito bem.

Como se pode perceber, o turismo torna-se então uma forma de lazer muito desejada, e essa forma de lazer é na verdade, o consumo do lazer, pelo menos na forma como o turismo tem se desenvolvido, totalmente mercantilizada.

Mas não é só o turismo que faz com que o lazer seja praticado como uma forma de consumo, a todo momento as pessoas são incentivadas a consumirem de tudo, e não é só através da televisão, mas de todos os meios de comunicação, a própria cidade se tornou uma vitrine dessas mídias que incentivam o consumo.

*Essa forma alienada de consumo pode determinar o sentido do tempo livre, concebendo-o e vivendo-o como um tempo de alienação: o indivíduo consome partidas de futebol, filmes, cinema [...], paisagens. Não participa ativamente, quer absorver tudo o que possa ser retirado e gozar todo o prazer possível, toda cultura possível e também tudo o que não seja cultura.*⁷²

O fenômeno cultural denominado de “revolução do entretenimento” ou “sociedade do espetáculo”, que levou para dentro das casas a partir dos anos de 1930 a televisão totalmente eletrônica, possibilitou às pessoas o acesso às “emoções baratas”⁷³.

⁷⁰CAMARGO, p. 36.

⁷¹Ibid., p. 36;38.

⁷²BACCAL, 2003, p. 93.

⁷³SEVCENKO, Nicolau. A Corrida para o Século XXI. No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 73.

De acordo com Sevcenko⁷⁴ a popularização da cultura do entretenimento iniciou-se com o crescimento dos centros urbanos onde as grandes massas não tinham acesso ao lazer como óperas, teatros ou às artes em geral, que se reservavam aos mais abastados, entretanto, empresários vislumbraram aí uma oportunidade de negócio criando o cinema e o parque de diversões a preços populares, que resultaram em um grande sucesso.

Esse fenômeno que marcou o início do século XX, segundo Sevcenko⁷⁵, traz consigo uma cultura redefinida por um processo comercial baseado no campo dos investimentos, especulação e consumo, sendo em suas palavras:

[...] mais que mera diversão ou entretenimento, o que essa indústria fornece, ao custo de alguns trocados, são porções rigorosamente quantificadas de fantasia, desejo, e euforia para criaturas cujas condições de vida as tornam carentes e sequiosas delas.

Debord⁷⁶ afirma:

Essa indústria se esforça por compensar o extremo empobrecimento da vida social, cultural e emocional, arrebatando as pessoas para uma celebração permanente das mercadorias, saudadas como imagens, como novidades, como objetos eróticos, como espetáculo, enfim.

A cidade, mesmo com todas as deficiências e carência que apresentam, mesmo não sendo pensadas para a prática democrática do lazer, é ainda um lugar de lazer, de fantasia, de vertigem, proporcionando aos que se permitem estarem à deriva, como coloca Camargo⁷⁷, “a cidade, com suas luzes, com os acasos e aventuras que proporciona, é um grande espaço de lazer”.

O lazer é um direito e também uma necessidade de todo ser humano; assim como educação, saúde e trabalho, o lazer é requisito para que se viva plenamente, com qualidade de vida. É preciso atentar-se ao fato, porém, que esse direito talvez não esteja sendo respeitado, a partir do momento que não se cria condições para a prática do lazer. As cidades, cada vez mais insalubres, renegam às populações menos abastadas os espaços para prática do lazer, originando então, na “criação” desses espaços por essas populações desprovidas.

Como o lazer é também uma necessidade humana (qualquer criança brinca e todos possuem suas horas do “não fazer nada”), as populações privadas dos espaços de lazer não “anulam” essa necessidade, mas sim a praticam de outra forma. Segundo estudo feito por Angileli⁷⁸, sobre a autoconstrução no distrito da Brasilândia (SP), os moradores do bairro improvisam seus espaços de lazer, como ruas, lajes, vielas, sendo “esse lazer que surgiu da falta de outros espaços, como praças e parques, que hoje faz parte do desenho e do cotidiano desses assentamentos”. Com isso, os riscos de acidentes se tornam inevitáveis, porém, não cessam a apropriação da população pelos espaços, que apenas mudam de lugar.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ DEBORD apud SEVCENKO, 2001, p. 81.

⁷⁷ CAMARGO, 1998, p. 35.

⁷⁸ ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado. Paisagens reveladas no cotidiano da periferia. Distrito de Brasilândia. Zona norte do município de São Paulo. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Fau.Usp, 2007, p. 147.

Essa capacidade de criar o próprio espaço de lazer é discutida também por Melo⁷⁹, que busca historicizar a luta das minorias sociais pelo direito ao lazer. O autor coloca que as classes trabalhadoras (as menos abastadas) exploradas em seu trabalho e reprimidas em seu desejo de se divertir, vêm no lazer e na forma como a praticam uma forma de resistência a tais imposições (e também às formas de lazer dos “intelectuais” impostas pelas classes dominantes). Não que todas as formas de lazer nesses espaços criados fossem uma forma de resistência, pelo contrário, muitas vezes eram formas de diversão em si. Porém, coloca o autor, é necessário perceber que no cotidiano se estabelecem essas formas de resistência através da desordem, da deficiência e da indisciplina, e tal fato está ligado diretamente à capacidade e do processo dessas populações de se autofazer, “a classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada”.

É fato que esses espaços criados são, na maioria das vezes, o único lugar de lazer dessas populações carentes, e, portanto, mesmo com todos os problemas, não deixam de ser frequentados. Como afirma Angileli⁸⁰, esses espaços são incorporados à paisagem do local, tornando-se referência e muitas vezes não são compreendidos por arquitetos e planejadores que elaboram projetos “alheios aos processos históricos, sociais e culturais, que deram origem à sua estrutura urbana própria”.

Outro problema apontado por Melo⁸¹ é que, negando os espaços públicos às populações, nega-se a elas a própria cidade. Nesse processo de negação dos espaços, fazendo com que essas populações se “fechem” em seus próprios espaços, separando cidadão da cidade, ele não a reconhece e não se identifica completamente com ela. Além disso, a dimensão de coletividade se esvai e com ela a possibilidade de organizações de concretas reivindicações, que na verdade são de interesse de políticos e governantes, porém, que acabam sofrendo com outras conseqüências: a violência e o desgaste do espaço urbano.

É preciso entender a importância do lazer na vida das pessoas, e não basta “pão e circo”, é preciso que num mundo com mudanças e modismos tão efêmeros, as relações humanas sejam valorizadas, preservadas e incentivadas, é preciso sociabilidade, porque o mundo muda a todo o momento, as inovações tecnológicas influenciam a vida de todos, porém, uma coisa não pode mudar, a capacidade de ser humano, que se relaciona com outras pessoas, que vivencia experiências e aprende com elas. O que se pode perceber é que um fator de extrema importância vem sendo esquecido, o lúdico.

Huizinga⁸² coloca muito bem essa questão, quando diz que o homem antes de *Sapiens* e *Faber é Ludens*, porque essa característica é inata a todo ser humano, o brincar é algo tão orgânico quanto comer, falar ou andar. O comportamento contemporâneo nas formas de lazer se constrói com prejuízo do lúdico e ao turismo é possível afirmar que praticamente esse elemento não existe, pois até essa “fantasia” do brincar, do jogo, ele manipula.

O lazer e o turismo são práticas que remetem a todos a idéia de prazer. Associados ao bem estar e ao equilíbrio físico e emocional das pessoas, devem ser valorizados e respeitados como atividades fundamentais e, portanto, de acesso a todos, num processo democrático. Pensar o turismo como algo além de um produto vendável é no mínimo, necessário à conservação dos lugares, pois desenvolvido sem controle e sem critérios, pode levar à extinção de patrimônios, muitas vezes irrecuperáveis.

Por outro lado, pensar em promover a qualidade de lugares destinados ao lazer da população, significa também pensar na qualidade e salubridade de nossas cidades. Para isso, é necessário entender a cidade como algo orgânico, pujante de vida, emergente por melhores condições, e não apenas como oportunidade como algo a ser projetado. Angileli⁸³ critica a produção de projetos arquitetônicos por pessoas que não pensam, justamente, na cidade como elemento orgânico, que através de sua gente, possui necessidades específicas, possui expectativas, sonhos e peculiaridades que precisam ser entendidos em

⁷⁹ MELO, 2003, p.48.

⁸⁰ ANGILELI, 2007, p. 148.

⁸¹ MELO, 2003.

⁸² HUIZINGA, 1999.

⁸³ ANGILELI, 2007.

sua complexidade para que se promovam seus lugares, lugares estes que devem corresponder aos seus anseios e ofertarem usos reais. Aos lugares não bastam ser belos, tem que ter vida, tem que dar oportunidade à vida, senão continuarão sempre a ser um desejo de vir a ser.



Capítulo 2

ÁGUA E PAISAGEM NO TURISMO E LAZER

2. ÁGUA E PAISAGEM NO TURISMO e LAZER

Para as atividades turísticas e de lazer a paisagem é essencial. É por causa dela que os lugares tornam-se atrativo de pessoas, é o que oferece condições de transformar uma cidade ou qualquer outro local num lugar turístico, a paisagem é a matéria-prima do turismo, é ela que acompanhará os turistas na volta para casa, enquadrada em fotografias ou como sensações, lembranças, vivências. A utilização da paisagem como mercadoria pela atividade turística na forma como vem sendo desenvolvida atualmente, como foi demonstrado no capítulo anterior, pode limitar a vivência e o entendimento dessas paisagens, como se elas fossem apenas um lance de vista, forma essa equivocada e superficial. Para o presente trabalho, que pensa a paisagem através da proposta desenvolvida por Sandeville Jr., que entende a paisagem como uma “experiência partilhada”, a paisagem para o turista ou viajante deve ir além dessa visualidade demonstrada num primeiro momento. Ela deve proporcionar ao viajante o entendimento dos lugares visitados, entendendo dessa forma que a sua gente faz parte desses lugares e suas experiências de vida, compartilhadas com outras pessoas, inclusive com os viajantes, contam as histórias dos lugares, e as histórias de vidas desses lugares.

Nos locais turísticos é a paisagem a “primeira instância do contato do turista com o lugar visitado”, e, por mais superficial e passageira que possa acontecer a relação turista/paisagem, algumas cidades se reorganizam para produzir paisagens, criadas e recriadas dentro de um modelo de “paisagem turística”⁸⁴.

Ainda segundo Cruz⁸⁵, a “atratividade de uma paisagem turística como criação cultural é o resultado da valorização, pela prática social do turismo, de determinados arranjos de formas (naturais ou antrópicas) num dado momento”.

*O turismo e a paisagem têm enorme e inegável potencial de fecundação mútua e enriquecimento da vida humana. Não é, porém, um potencial que se atualize automaticamente. São as hierarquias de interesses humanos e as estruturas dentro das quais eles se expressam e operam que definem as condições segundo as quais esse potencial poderá realizar-se ou, ao contrário, dar lugar a mais um instrumento de exclusão social e embotamento da consciência crítica.*⁸⁶

É com esse parágrafo que Meneses termina seu texto “A paisagem como fato cultural”, onde elabora um pensamento sobre a paisagem enquanto um elemento da cultura, sem no entanto, admitir que a sua apropriação enquanto mercadoria é um dos grandes problemas que a questão vem enfrentando. Sobre a mercantilização da paisagem pelo turismo, que acontece mais especificamente através do turismo de massa, Sandeville Jr. faz uma crítica sobre essa apropriação da paisagem, que padroniza e institucionaliza a vivência e os comportamentos dos turistas diante dela.

⁸⁴ CRUZ, Rita de Cássia Ariza. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In: Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002, p. 109.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: Eduardo Yázigi. (Org.). Paisagem e turismo. São Paulo: Contexto, 2002, p. 61.

Fantasia, liberdade, consumo estimulado em pacotes rápidos de cerca de uma semana nas muitas modalidades classificatórias do turismo que vão surgindo tendem a gerar ou consolidar comportamentos estereotipados e superficiais. Trata-se de um consumo de imagens, quando não de clichês, em que o elemento caótico e selvático da natureza, ou de estranhamento de outras culturas, pode ser absorvido a partir da ordem de regras de bom comportamento – “politicamente correto”. Indo além, em muitos desses casos, a fantasia, a sensualidade, a liberdade podem ser vivenciadas a partir de uma ordem, de uma quebra controlada do cotidiano, de limites que têm a paisagem tropical (“paradisiaca”) como fundo, em contraste com a paisagem corriqueira e agressiva dos centros urbanos. ⁸⁷

Sandeville Jr.⁸⁸ afirma ainda que as paisagens criadas pelo e para o turismo são destituídas do sentido de lugar e de territorialidade, como necessariamente intrínseco ao conceito de paisagem.

Utilizar-se das imagens dos lugares, das formas como as paisagens se expressam não é em si o principal problema, mas sim a forma como a sua vivência pode ser controlada por quem as comercializa, dessa apropriação de algo que não pertence a ninguém, ou pertence a todos. Também é preocupante a forma com que se modificam lugares, sem nenhum critério, com o intuito de tornar esses lugares e suas paisagens atraentes aos turistas, ávidos pela busca de colírios aos olhos.

No intuito de tornar os lugares atrativamente turísticos, paisagens artificiais são criadas e “se destoam (por vezes completamente) de seus entornos, tanto no que se refere às características naturais e construídas desses entornos e à natureza e cultura recriadas por essas paisagens como no que se refere aos seus significados”.⁸⁹

Segundo Cruz, as paisagens artificiais do turismo são assim chamadas por serem “copiadas e coladas” onde quer que se deseje, sendo, portanto, destituídas de história no lugar, “tomamos o sentido de artificialidade relacionado às paisagens, como deslocamento entre paisagem, espaço e história”⁹⁰.

Essas paisagens artificiais e homogêneas criadas pelo e para o turismo são frutos, segundo Harvey⁹¹, da massificação de gostos e de modismos, produto de uma “indústria de produção de imagens” e de uma sociedade de consumo mundializada (lembrando que se há a produção dessas paisagens artificiais, há uma demanda predisposta a consumir essas paisagens, sendo essa a razão de sua existência), mas também resultam da “capacidade técnico-científica de nosso tempo – dado absolutamente relevante da organização do espaço na atualidade”.

Luchiari vai mais além quando afirma que essas paisagens desejadas pelos turistas na verdade “representam o mundo exterior que queremos ver preservado para não colocar em evidência o que fizemos com as nossas cidades, com o nosso meio ambiente, com as nossas paisagens”⁹².

O turismo de massa significou a democracia do turismo (e essa afirmação é questionada por muitos autores que acreditam que o turismo de massa não beneficia ninguém), foi a oportunidade que a grande maioria da população

⁸⁷ SANDEVILLE Jr., Euler. A paisagem natural e tropical e sua apropriação para o turismo. In: YÁZIGI, Eduardo. Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002, p. 155.

⁸⁸ _____. As sombras da floresta. 1999. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁸⁹ CRUZ, 2002, p. 113.

⁹⁰ Ibid., p. 111.

⁹¹ HARVEY, 1993 apud CRUZ, 2002, p. 112.

⁹² LUCHIARI, 1998 apud CRUZ, 2002, p. 110.

(principalmente a classe média) teve para visitar novos lugares, conhecer outras culturas, e também significou o desenvolvimento de muitas cidades que tiveram no desenvolvimento da atividade turística sua maior fonte de renda, e atualmente sobrevivem dela. Esse é um dos fatores positivos do turismo, desenvolver cidades, oferecer emprego e renda à população, e para quem o pratica, é a oportunidade de viver novas experiências, conhecer povos e culturas diferentes, aprender sobre os lugares e sua gente, porém, esses fatores se contradizem com a prática do turismo de massa, infelizmente, que segundo Ferrara:

[...] trata-se de uma estratégia complexa porque se utiliza de mediações ou representações de valores, hábitos e crenças, para atingir um objetivo comercial e financeiro claro e concreto; isto é, a persuasão publicitária encarrega-se de criar uma comunicação de massa daquelas representações e signos que envolvem um valor cultural ancestral: o ócio⁹³.

O que se observa na prática massiva do turismo atual é uma tentativa de padronização das experiências e dos lugares, principalmente através dos pacotes turísticos, todos os turistas são levados aos mesmos lugares onde verão as mesmas paisagens que levarão para suas casas em forma de fotografias, terão as mesmas experiências, sentirão os mesmos sons e cheiros, porque tudo é controlado, o que acontece é programado, o que se vê, o que se sente, o que se come e até o que se pensa. Pode-se juntar diversos turistas que visitaram o Rio de Janeiro, por exemplo, em épocas diferentes, as fotos serão praticamente as mesmas (Cristo Redentor, Bondinho, Ipanema, Copacabana, etc), o que mudará serão as pessoas, que poderão até estar com o mesmo sorriso ou a mesma expressão, porque a “experiência” que um comprou, é a mesma que todos compram, o que acaba sendo um grande paradoxo, pois se as experiências e vivências são únicas para cada indivíduo, como pode então se padronizar tudo?

O turista é um tipo integrado a um programa fixo que deve ser cumprido nos seus detalhes a fim de proporcionar satisfação garantida a priori e libertá-lo de iniciativas, decisões, escolhas – salvo pagar á vista ou a crédito. Protegido do acaso, o turista não vê ou conhece, mas é visto ou reconhecido à distância por meio dos estereótipos do comportamento de grupo ou por meio dos sinais que o identificam: a máquina fotográfica, a camiseta, o boné, a mochila ou outros fetiches que o apontam e, ao mesmo tempo, divulgam o plano ou a empresa turística.⁹⁴

Urry acredita que a indústria do turismo é realmente capaz de controlar o olhar do turista:

Lançamos um olhar sobre aquilo que encontramos. Esse olhar é tão socialmente organizado e sistematizado quanto o olhar do médico. É claro que ele é de uma ordem diferente, na medida em que não se limita a profissionais ‘apoiados e justificados por uma instituição’. No entanto, até mesmo na produção de um prazer “desnecessário” existem, de fato, muitos profissionais qualificados que ajudam a construir e desenvolver nosso olhar enquanto turistas.⁹⁵

⁹³ FERRARA, Lucrecia d’ Alessio. Os lugares improváveis. In: YÁZIGI, Eduardo. Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002, p. 66.

⁹⁴ Ibid., p. 70.

⁹⁵ URRY, 2001, p. 16.

Para Urry, o olhar do turista se faz quando ele mescla as experiências turísticas com as não-turísticas (lar e trabalho) e esse olhar varia conforme a sociedade em que vive, o grupo social e o período histórico. O autor ainda acredita que é possível perceber o que se passa na “sociedade normal” observando como os grupos sociais constroem seu olhar turístico.

Quando Urry coloca a questão dos grupos sociais e períodos históricos, ele enfatiza ao lembrar que no *Grand Tour*, onde quem viajava eram pessoas de classes sociais privilegiadas, o:

*[...] turismo era voltado para a paisagem e de uma experiência muito mais particular e apaixonada da beleza e do sublime, onde se esperava que a viagem exercesse um papel primordial na educação cognitiva e perceptiva da classe alta inglesa.*⁹⁶

Já com o advento do turismo de massa e de uma maior popularização das viagens, o quadro muda, são outros grupos sociais, onde a imagem e o consumo são altamente incentivados, num período da história onde os avanços tecnológicos e a globalização têm enorme influência na vida das sociedades, e a viagem se torna um negócio altamente lucrativo. Urry também concorda que, em lugares turísticos (especialmente os mais famosos), as pessoas já vão com conceitos preestabelecidos, e, portanto, a leitura que farão dessa paisagem será influenciada pelos discursos do turismo.

A partir do momento que a atividade turística e seus planos encaram a paisagem como simples forma de ver, através de mais uma das suas formas de expressão, como um quadro ou uma fotografia, ele também limita as pessoas na sua vivência e experiência com a paisagem. Ferrara⁹⁷ coloca essa questão quando apresenta a visualidade x visibilidade no turismo, afirmando que o turista é privado da visibilidade (percepção) dos lugares devido ao apelo das imagens, a visualidade (a imagem que se vê) é o que conta.

Segundo Ferrara⁹⁸, a visibilidade permite à pessoa ser um viajante e não um turista movido pela imagem, seria o que ela chama de “contraturismo ou a possibilidade de sua revisão”. O viajante teria então a possibilidade de descobrir por seus próprios olhos e suas próprias sensações os lugares, sem qualquer previsibilidade, ou seja, ir além do que é programado para ser visto. Ao viajante, diz Ferrara, é permitido tudo, ele pode se aventurar com os imprevistos e desigualdades existentes no cotidiano e nas banalidades dos lugares, e perceber que a viagem como conhecimento complexo é caracterizado pela diferença e não pela simplificação que a mascara.

Calvino que diz que a visibilidade deve ultrapassar a visualidade, ou seja, a visibilidade:

*[..] consiste na possibilidade de pensar, criar, recriar, inventar a imagem e transformar o olhar na possibilidade de conhecer o mundo, porém, longe de poder ser programada ou esquematizada, esta invenção exige que se enfrente as desigualdades sociais e culturais, não as previsíveis peculiaridades históricas e geográficas*⁹⁹.

Apesar desse controle que a atividade turística exerce sobre os turistas, no intuito de conseguir a total satisfação desses turistas, através de programas elaborados com o cuidado de não acontecerem imprevistos (os pacotes turísticos), é importante salientar que se pode até limitar a experiência do turista, a partir do momento que se tem o controle sobre as

⁹⁶ Ibid., p. 20.

⁹⁷ FERRARA, 2002.

⁹⁸ FERRARA, 2002.

⁹⁹ CALVINO apud FERRARA, 2002, p. 80.

situações. Porém, ainda assim, não se pode afirmar que a espontaneidade é totalmente anulada, ela acontece, em maior ou menor grau, e isso depende do quanto o turista se deixa controlar e do quanto se entrega a sua experiência. E por maior que seja esse controle, é preciso lembrar que inato ao homem, existe o lúdico. Essa característica não necessita de controle e nem de estímulo para acontecer, pois faz parte da natureza humana querer brincar, rir, e dar vazão às sensações de bem estar. Portanto, por mais rigoroso que pareça ser esse controle do turismo (que juntamente com a padronização prejudicam a intensidade da relação homem e lugar) sobre as pessoas, é inútil fantasiar sobre seu total exercício, o que se pode afirmar é que esse controle e a padronização prejudicam imensamente a intensidade da relação homem e lugar, mas não a anula inteiramente. Não se pode controlar totalmente aquilo que, por natureza, é livre.

Outra questão paradoxal é a necessidade de “familiarização” com os lugares, através de coisas que se fazem reconhecer do seu cotidiano:

[...] a escapada [de fim de semana, geralmente às praias] é o turismo que promove o deslocamento da cidade que produz a sua cópia e tende a ser sua réplica: lá se encontram os mesmos automóveis que se espremem e colidem em trânsitos exasperantes, os mesmos shoppings centers, os mesmos supermercados que fornecem o supérfluo e estimulam a compra desnecessária.¹⁰⁰

Se uma das motivações para a prática do turismo é o conhecimento de novos lugares, experiências diferentes, uma forma de fugir do cotidiano, por que os turistas buscam nesses lugares justamente aquilo que lhes é familiar, aquilo que podem encontrar no seu dia-a-dia, que conseguem reconhecer? Talvez um dos grandes chavões do turismo, principalmente dos empreendimentos hoteleiros, com o *slogan*: “Sinta-se em casa”, não seja simplesmente uma forma atrativa de conceber sua imagem. Talvez essa frase demonstre a vontade do turista de, mesmo longe de sua casa, ter sensações de que, de alguma forma, ele também “pertence” àquele lugar, ou pode-se também fazer desse lugar a sua casa, ou até mesmo amenizar o “medo” e a desconfiança frente ao desconhecido.

É comum as pessoas viverem seu cotidiano e não olharem ao seu redor, acabam criando uma rotina, sentem a necessidade dessa rotina. O caminho da casa para o trabalho é sempre o mesmo, portanto, a paisagem é sempre a mesma, os lugares que se costuma freqüentar são os mesmos, o mesmo restaurante, o mesmo cinema, o mesmo supermercado que se faz as compras, as mesmas lojas, sempre o mesmo, nunca o diferente, para que arriscar? Essa cultura de familiarização com os lugares, da necessidade de uma rotina para as práticas sociais talvez seja também um dos motivos pelo qual o turista é levado com tanta facilidade pela publicidade turística dos lugares, da busca por algo familiar (mesmo que essa busca seja inconsciente) quando se está fora de casa, de fácil reconhecimento. Porém, é preciso salientar, que, na realidade, as pessoas não conhecem realmente o lugar em que vivem, a não ser esses que costumam freqüentar. Os espaços públicos, principalmente, em muitos lugares são lugares apenas de trânsito e não de uso, daí a dificuldade de atribuir sentido e significado a muitos lugares, pois se os mesmos não são utilizados como podem ser percebidos? É como Augê¹⁰¹ enxerga os grandes empreendimentos turísticos, como não-lugares, lugares que não possuem significados porque não são percebidos.

Todas essas questões, analisadas e trabalhadas pelos empresários da área do turismo, servem para a maior adesão possível de pessoas ansiosas por viajarem, mas pode-se também pensar que, feito dessa forma controlada e, portanto, limitada, torna-se um dos grandes impasses da atividade turística. Tem-se a certeza de que o turismo pode e deve ser uma forma de conhecimento e de vivência dos lugares, uma forma de desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida das pessoas

¹⁰⁰ URY, 2001, p. 68.

¹⁰¹ AUGÊ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

e não uma forma de conhecimento alienado e superficial que o turismo de massa proporciona, a partir do momento em que possui todo o seu controle.

As paisagens são o grande alicerce da atividade turística. São as paisagens dos lugares que definirão se um lugar pode ou não ser turístico, e aí, a paisagem também é apropriada de forma equivocada, se for encarada como um simples cenário a ser contemplado. De acordo com Sandeville Jr. que afirma que:

[...]“Paisagens são experiências de vida. Experiências partilhadas. Ignorar a intensidade, a tensão e a riqueza, a espontaneidade cheia de intencionalidades e contraditória desse partilhar experiências que constitui uma paisagem, é caminhar por elas de “olhos bem fechados”, é atravessá-las como um burocrata, que ao focar os olhos nada tem para ver senão memorandos, hierarquias, ordens e as técnicas para sua catalogação e arquivo. Estudar paisagens, ao contrário, é abrir-se para uma dimensão estética (um ampliar da sensibilidade), uma dimensão poética (um ampliar dos significados), uma dimensão técnica (no sentido de uma técnica concebida sob um juízo social coletivo), uma dimensão crítica que fundamenta a mudança numa perspectiva humana, no que esta palavra convida a uma ação ética e solidária.”¹⁰²

O turismo, que é uma prática social, não permitindo a experiência da paisagem, ou pelo menos, uma experiência individual, única de cada pessoa a partir do momento que se padroniza tudo e se tenta o controle sobre o olhar e as ações dos turistas, pode utilizar a paisagem realmente como cenário e não como algo a se viver.

Portanto, é importante atender-se ao fato de que é necessária especial atenção à paisagem quando ela se insere no contexto turístico, justamente para que não a encare como cenário, mas que seja ela a experiência vivida nos lugares. Voltando a afirmação de Meneses¹⁰³ que diz que a paisagem é também um elemento da cultura, portanto, também um patrimônio cultural, pois é uma forma de ver e é através dessa forma de ver que se atribui significados (espaço-pertença; tempo-memória). É preciso então que se proteja e se cuide dessa paisagem, que também faz parte do patrimônio das cidades, dos lugares, e perceber que a forma como ela vem sendo apropriada não está contribuindo para sua preservação. A paisagem enquanto categoria entendida através do compartilhamento de experiências de vidas é um elemento da cultura e o turismo, como prática social, também fruto da cultura, possibilitam ambos experiência, vivência e socialização, através de relações humanas e de relações das pessoas com as paisagens, portanto, devem ser pensados sob a mesma ótica, a da cultura.

A dificuldade de uma experiência reveladora dos lugares, única, de vivência, é em grande parte, cultural. Talvez, se as pessoas fossem incentivadas a terem outros olhares para o seu próprio cotidiano, para o seu próprio lugar, esses lugares seriam diferentes, mais valorizados, teriam outro sentido, e a busca por conhecer lugares diferentes através do turismo também poderia ter outro significado, a da vivência real e única de cada pessoa.

Para Sandeville Jr.¹⁰⁴ “paisagem é uma experiência revelada pelas pessoas, nos restitui os desejos, a liberdade, a complexidade da vida. Criamos paisagens sobre paisagens conhecidas cada vez que a conhecemos melhor”.

A paisagem é, sem dúvida, uma categoria essencial ao desenvolvimento do turismo e pode acrescentar qualidade à prática do lazer. A grande maioria dos lugares turísticos possui paisagens que qualificam esses lugares e mesmo que essa

¹⁰² SANDEVILLE JR, Euler. Paisagens são experiências partilhadas. 2004, Inédito.

¹⁰³ MENESES, 2002.

¹⁰⁴ SANDEVILLE JR, Euler. Paisagens são experiências partilhadas. Inédito. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br>>. Acesso em: 07 mai. 2006.

paisagem seja artificial, como no caso de lugares planejados para serem turísticos (grandes complexos e *resorts*), ainda assim é ela também quem atribui valor ao lugar. O problema é a falta de atenção com a paisagem.

Para o lazer, atividade que independe do turismo para acontecer, pois como foi apresentado do primeiro capítulo, é o elemento lúdico presente na vida de todos, a paisagem também se torna elemento importante, não é preciso estar em um lugar turístico para se apreciar as paisagens, ela faz parte da vida cotidiana.

Nas práticas de lazer fora de casa, a preferência é por lugares que proporcionem prazer às pessoas e a paisagem e a relação das pessoas com ela (o significado que possuem), são elementos que podem tornar esses lugares prazerosos. Porém, isso não significa ser essa paisagem esteticamente bela, a paisagem precisa ter sentido para as pessoas e o sentido independe menos da estética, razão essa que faz com que existam lugares de lazer em periferias e em favelas. O lazer e a paisagem para essa população não deixa de existir e nem é menos importante, ambos existem mesmo em lugares menos valorizados.

A preservação ambiental vem sendo uma das maiores preocupações levantadas pelo segmento do turismo e lazer atualmente, pois todos sabem que a atividade necessita dos lugares preservados para poder acontecer. Porém, a atenção com a paisagem é deixada em segundo plano, quando levantada. A paisagem para o turismo e lazer, mesmo sendo entendida como categoria experienciada, precisa também ser planejada, para que se tenha melhor qualidade, ela precisa de cuidados, pois sem isso e com a degradação ao meio e usos descontrolados, ela pode ser totalmente modificada, e conseqüentemente, muda-se a essência dos lugares, a “alma dos lugares”. Alterar a paisagem descontroladamente e inconseqüentemente pode acarretar aos lugares a perda da sua identidade, pois se é ela quem atribui valor e qualifica esses lugares, qualquer alteração, altera também todo o conjunto.

Para elaboração da maioria dos planos de turismo, só o fato de fazerem um inventário e classificar a paisagem (praia, montanha, urbana, rural, etc), já consideram suficiente. Essa forma superficial de tratar a paisagem não torna as cidades aptas a planejar e proteger a paisagem, colocando em risco sua preservação e o seu real entendimento. Aliás, segundo Cruz¹⁰⁵, é através dos projetos, planos ou qualquer outro tipo de intervenção sobre o espaço, que as paisagens artificiais são criadas, “movidas pelo objetivo de (re) criar formas ou conjuntos de formas reconhecidamente atrativos para o turista”. Luchiari¹⁰⁶ reitera que “nesses casos, a natureza como um dom e cultura como diversidade são destituídas de autenticidade ou reproduzidas artificialmente como mercadorias de consumo”.

A sagacidade do plano turístico – em suas estratégias publicitária e comercial – utiliza o patrocínio de avanço tecnológico que sustenta o panorama econômico da globalização para fazer do mundo e das suas diferenças apenas uma imagem, um visual, um espetáculo que, nessa mundialização, cria um padrão imaginário global de valores, hábitos, crenças, aspirações e planos internacionais a que correspondem paisagens intervisuais e interlinguísticas. Essa sagacidade define a identidade midiática do turismo, sua dimensão comunicacional, sua leitura equívoca da mundialização, mas define também seu papel na produção cultural do mundo.¹⁰⁷

¹⁰⁵ CRUZ, 2002.

¹⁰⁶ LUCHIARI, 1999 apud CRUZ, 2002.

¹⁰⁷ FERRARA, 2002. p. 80.

Segundo Cruz¹⁰⁸, existe um *ranking* de preferência por paisagens turísticas, onde destacam-se como a preferida, entre as paisagens naturais “as praias tropicais, bordeadas por palmeiras e banhadas por alguma porção de mar azulado ou esverdeado, de águas límpidas”, já entre as paisagens edificadas:

[...] não há propriamente um modelo, mas pode-se reconhecer uma importante valorização de estéticas do passado, ou seja, de conjuntos arquitetônicos históricos, mas também de conjuntos e formas contemporâneas, modernas, ou ainda, de paisagens híbridas, que mesclam presente e passado em aparente harmonia¹⁰⁹.

Luchiari¹¹⁰ ressalta que as paisagens turísticas “só existem em relação à sociedade, elas não existem a priori, como um dado da natureza [...] é a ação social que dá sentido às paisagens, não o contrário”, concluindo, portanto, que toda paisagem pode ser turística.

Para Nicolás¹¹¹, o que torna um lugar atrativamente turístico é, além de elementos superestruturais, sua dimensão cultural, e em sua opinião, o turismo é a única atividade que aproveita o espaço pelo valor paisagístico e pelas condições ambientais (clima, hidrologia, vegetação).

Para Yázigi¹¹², a paisagem não é a única, mas é um dos elementos mais importantes para que um lugar seja turístico, pois o turismo “depende da visão”.

Cruz¹¹³ ainda afirma que para o turismo, o que importa é a sua estética, e a “estética da paisagem turística é aquela ditada pelos padrões culturais de uma época e hoje, essa estética tem uma estreita relação com modismos e com a cultura de massa”.

Essas duas questões, a dependência do sentido da visão e da importância estética para a apreensão da paisagem, podem ser contestáveis. Que a atividade turística se pauta principalmente pela estética é verdade, embora outras sensações às vezes são mais marcantes que o que se vê. Em muitos casos, o cheiro, a sensação de frio ou calor, o sentimento de êxtase (dado não pelo olhar, mas pela experiência), são elementos que marcam os lugares e que o fazem se reconhecer. Portanto, a dependência pelo que se pode ser visto não é válida para todos, ou pelo menos não deveria, já que existem pessoas com deficiências e que não devem ser privadas do turismo.

Entender e planejar o turismo, e possibilitar sua democratização, é de extrema complexidade, num mundo mediado pelo objetivo do lucro e de imensa mobilidade de pessoas, capitais, produtos e suas formas de veiculação. Encontrar a potencialidade da paisagem e do turismo são essenciais, porém, isso não pode e nem deve ser feito de forma padronizada, dada a complexidade dos lugares, das diversas paisagens e do elemento homem, inserido nesses contextos. Já se consegue perceber que as ferramentas de planejamento não conseguem suprir essa necessidade; é necessário aliar a elas o elemento cognitivo.

Atribuir valor a um lugar determina seu potencial, porém, essa atribuição é muito subjetiva (daí a importância do elemento cognitivo), e também pode gerar conflitos, devido aos pontos de vista diferentes que se tem sobre um lugar e sobre suas paisagens. Deve-se lembrar que através de planos e projetos que visam a transformação dos ambientes, o potencial, tanto

¹⁰⁸ CRUZ, 2002, p. 110.

¹⁰⁹ Idem.

¹¹⁰ LUCHIARI, 1999 apud CRUZ, 2002.

¹¹¹ NICOLÁS apud CRUZ, 2002.

¹¹² YÁZIGI, 1998 apud CRUZ, 2002.

¹¹³ CRUZ, 2002, p. 110.

de paisagem quanto turístico, pode ser criado, como em Cancún, no México, ou no complexo turístico Costa do Sauípe na Bahia que foram concebidos de modo autônomo da paisagem, ou valorizados a partir de uma relação que aproveite em maior ou menor grau os significados históricos, culturais e naturais, como em Bonito, MS ou centros históricos. Pelos exemplos já se percebe quão delicado pode ser a valorização, criação e gestão de potencialidades de paisagem para fins turísticos. Ainda assim, essa potencialidade torna-se essencial, não somente em lugares turísticos, mas em qualquer cidade que se deseja boa para viver. É preciso pensar e desenvolver critérios para o planejamento das cidades e juntamente com ele, o planejamento da paisagem, para que se consigam ferramentas criativas para sua preservação.

A preferência por paisagens turísticas que estejam em meio natural, como afirmado por Ferrara¹¹⁴ é válido também para a prática do lazer. Sem ter por trás toda a estrutura turística, mas ainda pensando em desfrutar o tempo livre, a natureza ainda se torna elemento de grande importância para as pessoas. A necessidade de contato com áreas verdes como parques e praças é tamanha que basta observar a grande frequência de pessoas nesses lugares, principalmente nos finais de semana. Também é cada vez mais frequente a utilização das casas de temporada ou de segunda residência.

Segundo Tulik¹¹⁵, na escolha pelos locais das casas de segunda residência, a procura é na maioria das vezes pela natureza, tornando-se um aspecto altamente valorizado. Tulik¹¹⁶ fez um levantamento sobre os locais onde se concentram a maior parte dessas residências e elencou as preferências de recursos naturais: clima, superfícies líquidas (mar, represa, lagos e rios), regiões de serra e de montanha, vegetação (parques, áreas protegidas), locais históricos e áreas de ocorrência de manifestações culturais.

Complementando a preferência de localidades, Coppock¹¹⁷ acrescenta que a distância dos maiores centros da população, a qualidade ou as características da paisagem, a presença de recursos recreacionais e a possibilidade de terra (espaços vazios) são também elementos determinantes na escolha.

A prática do lazer espontâneo em áreas naturais, sem ter por trás a infra-estrutura turística, ou seja, sem que esse lazer seja um produto turístico mercantil, é cada vez mais procurado pelas pessoas. O modo de vida contemporâneo, decorrente de todos os processos de urbanização e inchaço das cidades, e das conseqüências que tais fatos trouxeram, fizeram com que muitos problemas surgissem prejudicando a qualidade de vida da população. Sedentarismo, horas passadas em frente à televisão, mudança no hábito alimentar, fizeram com que vários problemas de saúde acometessem muitas pessoas e a prática de exercícios e mudança de hábitos tornaram-se vitais.

Visto de outro ângulo, a procura por espaços livres, pelo contato com o verde, mesmo sem uma razão específica como a de saúde, é também de desejo de muitas pessoas somente pela sensação de prazer que proporciona. A quebra na rotina estressante através do contato com a natureza é cada vez mais valorizada pelas pessoas, que entendem isso como qualidade de vida.

Pensando a preferência pelas paisagens de áreas naturais, é importante que se pense essa relação do turismo com a natureza.

*A (re) descoberta a natureza é um tema que a atualidade vem nos impondo, de diferentes formas, a cada dia, contudo deve ser abordado cuidadosamente porque a força das imagens e dos discursos pode trair o rigor dos conceitos.*¹¹⁸

¹¹⁴ FERRARA, 2002.

¹¹⁵ TULIK, Olga. Turismo e Meios de hospedagem. Casas de Temporada. São Paulo: Roca, 2001, p. 13.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ COPPOCK, 1977 apud TULIK, 2001.

¹¹⁸ MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistência. In: BRUHNS, Heloisa Turini. Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003.

Esta frase de Santos¹¹⁹ parece resumir o teor das preocupações não somente acerca do tema natureza, como também do turismo e da natureza no turismo, temas esses necessitados de discussão para que se consiga visualizar um futuro diferente do que se presencia atualmente. O turismo, prática social de grande importância econômica, cultural, social e ambiental já se consolidou, é fato, e é fato também os grandes desafios que ainda precisam ser pensados e discutidos sobre a atividade, em suas diversas instâncias, e a questão da natureza é uma delas.

O turismo não só se apropria de áreas naturais, ou da “natureza” para transformá-las em produtos, como também se utiliza “da força das imagens e do discurso” para comercializá-las, assim como faz com a paisagem. Mas afinal, de que natureza se trata?

Nenhuma outra atividade se utiliza e se beneficia tão bem do termo natureza quanto o turismo, pois a idéia de natureza que remete ao prazer, ao bem estar, à fruição é muito presente. Para se entender qual conceito de natureza o turismo de apóia, já que o termo natureza é tão utilizado, principalmente nas propagandas turísticas, entende-se que é necessário observar a prática e compreender os processos de apropriação e uso que se faz dela.

De acordo com Marinho¹²⁰, a natureza é uma construção social e cultural, é produzida por processos e práticas que envolvem intervenções de todos os tipos e, portanto, sua compreensão e representação são culturalmente construídas, não estando acorrentadas a uma realidade absoluta, mas sim a uma que está sempre se modificando. Porém, a natureza da qual o turismo se utiliza, é um produto, matéria-prima para sua existência e geralmente se refere às áreas verdes (contrário de cidade, urbano), um parque, uma reserva, praias mais desertas ou que tenham vegetação em destaque, ou seja, aquilo tudo que apresenta uma quantidade visível de verde. É claro, entender natureza como verde é uma definição banal, mas é assim que o turismo vende seus produtos, é a força das imagens. Basta olhar os folhetos de propagandas turísticas, as revistas especializadas em matérias sobre locais turísticos, o apelo das imagens é muito forte.

O ecoturismo, modalidade que se aut caracteriza por ser preservacionista, é o grande nicho de mercado que o turismo encontrou para ofertar lugares e vender a imagem de uma atividade limpa, conservacionista. Com o advento das preocupações ambientais e dos movimentos ambientalistas, o turismo se inseriu nesse contexto, principalmente porque o turismo de massa¹²¹ também contribuiu na devastação de lugares.

O ecoturismo, turismo verde, turismo de natureza, turismo preservacionista, dentre algumas nomenclaturas atribuídas, se vende como uma atividade preocupada com a preservação do meio ambiente, através de uma atividade monitorada e baseada na educação ambiental, e já lidera o *ranking* como o segmento da atividade que mais cresce mundialmente¹²². Porém, na prática, o que se observa na maioria dos lugares, ainda é uma atividade amadora, que pode ser considerada mais uma estratégia de *marketing* do que algo que realmente cumpra com seus propósitos.

A prática de atividades em meio natural gera grande fascínio nas pessoas, e muitos autores atribuem isso ao fato da necessidade que o homem tem de estar em contato com a natureza. É fato que a urbanização e o crescimento acelerado das cidades faz com que essa necessidade de contato com o verde, com a natureza se manifeste e o turismo, em suas diversas modalidades e as atividades de lazer, são as formas que as pessoas têm de estarem próximas a ela. No entanto, essa fuga da

¹¹⁹ SANTOS, 1992 apud MARINHO, 2003.

¹²⁰ MARINHO, 2003.

¹²¹ “O turismo de massa, segundo Ruschmann, surge a partir de 1950, tendo seu apogeu no decorrer das décadas de 1970 e 1980. Em termos de proteção ambiental, foi catastrófico, pois houve um domínio brutal do turismo sobre a natureza e as comunidades receptoras. Tratou-se de um fase de excessos, com crescimento desordenado, saturando locais sem infra-estrutura para tal.” (MARINHO, 2003, p. 04).

¹²² De acordo com as informações fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR, “o Ecoturismo é um segmento que tem crescido a um ritmo considerável ao longo dos anos”. Segundo este mesmo organismo governamental brasileiro, “apesar da ausência de estatísticas oficiais relativas à dimensão deste mercado, estima-se que 10% das pessoas que viajam sejam ecoturistas”. Os dados da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, informam que, dentre os diversos tipos de Turismo, o Ecoturismo é o que mais tem crescido neste estado brasileiro (cerca de 20% ao ano).

cidade contaminada por todo tipo de poluição, e a busca do verde acaba resultando, segundo Ruschmann¹²³, em um círculo vicioso, pois estando em outros locais, sem uma consciência sobre utilizar de forma que se conserve os lugares, as pessoas acabam agredindo ambientes alheios.

O ecoturismo é uma das modalidades de turismo na natureza, a que mais tem despertado a atenção e atraído pessoas. Porém, existem outras formas de turismo que se pode praticar em áreas naturais, como a prática de esportes radicais, que são realizados juntos aos rios, cachoeiras, montanhas, árvores, etc. Além disso, existem as visitas aos parques e estações ecológicas, o turismo em cavernas, a observação de fauna e flora, o turismo fluvial, o turismo rural, agroturismo, enfim, uma diversidade imensa. A confusão se dá quando muitos decidiram chamar todas essas modalidades de ecoturismo, pois se trata do turismo realizado junto à natureza.

Assim como todas as formas de turismo e lazer, onde o enriquecimento vem com a relação das pessoas com os lugares e suas paisagens, as práticas tanto de turismo como as de lazer em meio natural, devem visar a integração do homem com a natureza. Porém, essa relação entre homem e meio natural não pode ser mediada através de artificialismos, mas sim, proporcionar a real experiência de contato e conhecimento com a natureza.

Marinho¹²⁴ levanta a preocupação sobre a criação de mitos com base na natureza, criticando ainda toda a tecnologia implantada nos empreendimentos turísticos na natureza, a “urbanização” desses locais, ou seja, dizer que o homem está se integrando com a natureza praticando ecoturismo num Eco Resort, por exemplo, onde existe uma imensa construção que oferece conforto aos turistas (como ar-condicionado) e os passeios são todos guiados, é como entender que isso seja natural, e não o é, em sua opinião¹²⁵.

O turismo como é praticado atualmente aproveita-se da necessidade humana de contato com a natureza, longe de centros urbanos para se vender, e a publicidade é utilizada como ferramenta para aumentar ainda mais essa necessidade, e como toda estratégia de *marketing*, se a necessidade não existe, ele a cria.

Aoun¹²⁶ pesquisou a linguagem empregada nas mensagens publicitárias turísticas, estudou com especificidade as palavras, os conceitos e as referências provenientes do universo religioso utilizadas para vender os produtos turísticos, e a palavra que mais se observa nesse tipo de publicidade é Paraíso. A natureza que se vende, a natureza a que o turismo em áreas naturais se refere é sempre o “Paraíso Tropical”, o “Paraíso Ecológico”, num apelo convidativo, com imagens sedutoras, a chave que abre as portas destes paraísos está ao alcance de quem pode pagar por elas e adquirir um pacote turístico. Para a autora, o turismo hoje é visto como sinônimo de paraíso ou Jardim do Éden, carregado de toda carga simbólica que ele representa para o Ocidente. Porém, esse jardim não é como o da Bíblia, perfeito e harmonioso, e sim o:

¹²³ RUSCHMANN, Doris. Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papyrus, 1997, p. 19.

¹²⁴ MARINHO, 2003, p. 21.

¹²⁵ “Selwyn (apud Markwell, op. cit.) chega a descrever os turistas como “caçadores de mitos”, destacando a indústria do turismo como a responsável pela mitologização de lugares e culturas, ajudando a confirmar a existência de crenças sobre os lugares e culturas. As compreensões culturais proporcionam o contexto no qual o discurso promocional do turismo está localizado, construindo e representando a natureza conforme significados já estabelecidos, evidentes na cultura popular. A promoção do turismo baseado na natureza tende a retratar o ambiente natural como maleável o suficiente para atender às demandas dos turistas, apresentando-se de maneira contraditória, pois acaba por representar a natureza, simultaneamente como “selvagem” e “domesticada” (Markwell, idem). Mesmo no mais natural dos lugares turísticos, conforme o autor supracitado, parece haver algum tipo de manipulação, até no modo utilizado para apresentar a natureza ou nos “rituais” estabelecidos para experienciá-la. Em particular, parques nacionais e locais turísticos similares parecem regular e controlar as interações dos turistas com a natureza selvagem por meio do estabelecimento e manutenção de uma variedade de fronteiras. Nesse sentido, a experiência do contato com a natureza em viagens organizadas parece ser, portanto, altamente mediada e controlada; embora seja predominante o oposto no discurso promocional do turismo baseado nos elementos naturais. Vende-se a possibilidade da liberdade de caminhar pelas matas, entrar em cachoeiras e/ou apenas contemplar, contudo, essa suposta liberdade é altamente vigiada e controlada.” (MARINHO, 2003, p. 21)

¹²⁶ AOUN, Sabáh. Paraíso à vista: os jardins do Éden oferecidos pelo turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites. São Paulo: Contexto, 2003, p. 23.

[...] jardim das delícias, rico em prazeres, em deleites, em situações idílicas, feito na medida e ao gosto de qualquer pessoa disposta a aventurar-se, a romper com seu cotidiano, dando vazão aos seus desejos e às mais extravagantes fantasias, pois de lá não é expulso¹²⁷.

A idéia de um turismo preservacionista é ótima, a preocupação com uma atividade que gere renda, emprego, desenvolvimento e sustentabilidade aos locais é necessária, mas o que se presencia é o desenvolvimento de uma atividade ainda deficitária, pois lhe faltam subsídios (tanto conceituais quanto operacionais) e com o crescimento que vem acontecendo, se não se encontrar um caminho que seja capaz de suprir todas as necessidades e responder ao que se espera, o resultado poderá ser catastrófico. A relação do homem com o meio natural, possibilitada pela atividade turística e pelas formas de lazer não podem visar somente lucros, nem ser negociada como um simples produto. Ela deve ser harmoniosa, deve oferecer a oportunidade ao homem em ser além de um turista, um viajante, e, além disso, através do lazer, deve ofertar a possibilidade de aprendizado com o meio, para dessa forma, motivar a consciência de que todos fazem parte dessa natureza, que homem e natureza não devem ser elementos distintos, mas a unicidade da vida que deve ser preservada.

Resta ao capítulo entender outro elemento que aparece nas preferências pelas paisagens turísticas e pela natureza, a água. Além de ser elemento vital à constituição e manutenção da vida, a água é indispensável ao desenvolvimento de inúmeros processos em que se ancoram a nossa civilização, e é também dotada de diversas simbologias, representações e ambigüidades. A mesma água que possibilita a vida, pode também trazer doenças e a morte, a água que diverte pode ser a mesma que inunda as cidades e aterroriza suas populações.

As metáforas que fazem parte do cotidiano das pessoas também evidenciam o significado da água e de sua importância em diversos aspectos da vida: “lavar a alma”, “beber deste conhecimento”, “foi a gota d’água”, “desta água não beberei”.¹²⁸ A mesma água que é impalpável e simbólica também é material e fonte de inspiração poética, segundo Bachelard:

*A água torna-se assim, pouco a pouco, uma contemplação que se aprofunda, um elemento da imaginação materializante. Noutras palavras, os poetas distraídos vivem como uma água anual, como uma água que vai da primavera ao inverno e que reflete facilmente, passivamente, levemente, todas as estações do ano. Mas o poeta mais profundo encontra a água viva, a água que renasce de si, a água que não muda, a água que marca com seu signo indelével as imagens, a água que é um órgão do mundo, um alimento dos fenômenos corrediços, o elemento vergetante, o elemento lustrante, o corpo das lágrimas [...]*¹²⁹

Essa simbologia a respeito das águas, sua percepção enquanto elemento vital, religioso, de contemplação e inspiração poética, se dá no imaginário popular brasileiro, segundo Miranda¹³⁰, a partir dos indígenas que traziam consigo sua

¹²⁷ AOUN, 2003, p. 23.

¹²⁸ QUEIROZ, Renato da Silva. Caminhos que andam: os rios e a cultura brasileira. In REBOUÇAS, Aldo da C.; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galizia. Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 670.

¹²⁹ BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.12.

¹³⁰ MIRANDA, Evaristo Eduardo. A água na natureza, na vida e no coração dos homens. In FONSECA, Denise Rosalem da; SIQUEIRA, Josafá Carlos de. Sobre as águas. Desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida: Idéias e Letras, 2004, p. 149.

lendas (lara, mãe d'água, boto encantado) e dos cultos religiosos africanos, onde estão presentes os ritos em cachoeiras, banhos e procissões marítimas.

Porém, segundo o autor:

*[...] o universo cultural e o imaginário interior do homem e do povo brasileiro sobre a água são herdeiros de profundas tradições mediterrânicas. Essa visão do mundo hídrico perde-se no tempo. Foi iluminada pelo cristianismo e semeada por aventuras gregas, romanas, árabes e judaicas. Sem compreender a história dessa percepção social das águas, será difícil reverter boa parte dos problemas atuais.*¹³¹

A importância da água para a humanidade, na forma de rios, é relatada extraordinariamente por Schama¹³², que descreve a relação das antigas civilizações com seus rios, em especial o Nilo. Desde os mitos e mistérios, através dos deuses Ísis e Osíris, o sagrado, as tecnologias desenvolvidas em tempos arcaicos que possibilitavam a irrigação na agricultura e o abastecimento das populações, a apropriação de rios que se relacionava com o poder e a supremacia de determinadas civilizações, gerando disputas entre elas, até os problemas como inundações e o desenvolvimento da engenharia hidráulica que possibilitou a projeção de grandes jardins, praças e monumentos com a água em destaque. São temas desenvolvidos pelo autor.

Schama¹³³ faz comparações dos rios com diversos assuntos, inclusive o compara com o sangue correndo pelas veias. Numa dessas abordagens, cita autores (de Karl Marx a Karl Wittfogel) que fizeram a comparação do Nilo com o absolutismo, que entenderam que existia “uma interligação funcional entre as sociedades hidráulicas e os despotismo”, afirmando que nessas regiões de clima árido somente esse regime de obediência e escravidão poderiam “mobilizar a mão-de-obra necessária à construção e manutenção dos canais de irrigação e diques dos quais dependia a agricultura intensiva”.

Wittfogel¹³⁴ afirmou que “a represa e a hidrelétrica colossais eram, para os déspotas modernos, os mesmo emblemas de onipotência que os canais de irrigação do Nilo, para os faraós”.

A contribuição do autor é que ele pensa a água não como um simples elemento bioquímico responsável pela existência e manutenção da vida, mas como fator de grande importância cultural, por toda carga simbólica que representa que fez com que a humanidade se desenvolvesse e criasse equipamentos de alta tecnologia para seu uso, aumentando dessa forma, a multiplicidade de usos que hoje ela possui.

A água também é elemento importante nas paisagens dos lugares, e o seu significado reflete também no significado à paisagem a que pertence. Segundo Saraiva¹³⁵, a presença da água na paisagem é uma atração universal, “relacionado com múltiplas dimensões da percepção humana e apreciado não só pela visão, como também pelos outros sentidos”.

De acordo de como a água se apresenta na paisagem podem ser mais ou menos valorizadas, como cita Spirn¹³⁶: “A água pura presente no espaço e no tempo adequados, constitui um recurso essencial; impura, em local e momento inadequados, representa um perigo para a vida humana”.

¹³¹ Idem.

¹³² SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1945, p. 266.

¹³³ SCHAMA, 1945, p. 266.

¹³⁴ WITTFOGEL apud SCHAMA, 1945, p. 266.

¹³⁵ SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto. O rio como paisagem: gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 1998, p. 236.

¹³⁶ SPIRN, 1984 apud SARAIVA, 1998.

Saraiva¹³⁷ afirma que por essa valorização da água pura e limpa, os rios causam fascínio por ser um curso unidirecional, o que não acontece com os lagos, mares, etc.

A autora¹³⁸ afirma que esse curso unidirecional representa um caráter simbólico de renovação e continuidade, “ao mesmo tempo que liga elementos físicos, biológicos, e sócio-culturais conferindo-lhes unidade e simultaneamente complexidade”. Outra questão importante sobre a água na paisagem é o seu valor estético.

Segundo Litton et al.¹³⁹, a água é um elemento cênico, valorizador e determinante da qualidade estética da paisagem.

Segundo Queiroz¹⁴⁰, a apropriação dos rios ao longo da história por diferentes grupos sociais, conduzida por motivações culturais e econômicas, ainda hoje persistentes, são os motivos de conflitos dos usos a eles atribuídos, que tentam afirmar seus interesses e identidades grupais. Apesar do interesse econômico acerca do aproveitamento dos rios, vale ressaltar que seu valor simbólico não está desvencilhado:

*[...] posto que manifestam intensamente no imaginário nacional, sendo recriadas modalidades de expressão. Na medida em que iam sendo percorridos, nomeados e até mesmo domesticados, e isto já bem antes da chegada dos portugueses, os nossos cursos d'água deixavam de ser elementos brutos da natureza para incorporarem-se a um universo propriamente cultural, prenhe de significados e povoados de seres fabulosos.*¹⁴¹

A preferência das pessoas para a prática de lazer e de turismo por lugares e paisagens que possuem água, decorre também de uma questão sensorial. O prazer proporcionado pelo contato do corpo com a água (saciar a sede e o calor com água fresca), principalmente em lugares com temperaturas elevadas, faz com que as pessoas busquem pelos clubes, praias, piscinas, cachoeiras. Também existe nessa relação do corpo com a água outra sensação prazerosa, a do ver e ser visto¹⁴². Estar nesses locais aprazíveis é também uma forma de estabelecer contato cognitivo e visual com a cidade.

Não é somente nas praias e clubes que possibilitam os corpos à mostra num ritmo de sedução, fantasia e disputa (pelo corpo perfeito, numa sociedade que a beleza física é vista hoje como quase que parte do caráter, tamanha sua importância), mas o simples caminhar nas ramblas, em lugares que tenham a água ou a vegetação por perto é também prática atraente às pessoas, que também vêem a atividade como forma de se socializar, em muitos casos é o ponto de encontro dessas pessoas, visto como lazer. A água nesses locais, seja o mar, um rio ou uma represa, significa o elemento da natureza que possibilita, além dessa proximidade com o natural, a tranquilidade, que sua idéia remete.

As cidades que possuem praias e rios, quando os valoriza, acabam investindo em infra-estrutura que possibilita às pessoas encontrar outras pessoas, através dos passeios, dos equipamentos como bares e restaurantes à beira d'água, portos e marinas para a prática de esportes aquáticos entre outros. Para as cidades que não foram privilegiadas naturalmente pelas águas, a opção é a sua artificialização, principalmente quando se pensa em estruturas de lazer e turismo. Não é preciso um mar

¹³⁷ SARAIVA, 1998.

¹³⁸ SARAIVA, 1998, p. 236.

¹³⁹ LITTON, 1974 apud SARAIVA, 1998.

¹⁴⁰ QUEIROZ, 2002.

¹⁴¹ QUEIROZ, 2002, p. 684.

¹⁴² O ser e ser visto é algo que fascina as pessoas há muito tempo. Segawa (1996, p. 45) descreve como que, a partir do século XVII, as sociedades européias davam às suas ruas mais importância do que a função ligar um ponto a outro, era também uma forma de se exibir. Os passeios públicos tornaram-se, então, o local de socialização da burguesia de muitos países europeus.

ou um rio para proporcionar o bem estar que a água promove, piscinas, tanques artificiais, e mesmo chafarizes, espelhos d'água, fontes, costumam causar "boas impressões".

Pode-se citar aqui exemplos de cidades que tem em seus leitos d'água locais de lazer para sua população. Montevideu utiliza o rio da Prata como se fosse um mar. Em Mercedes, cidade do interior do Uruguai, é possível notar altos investimentos às margens do rio, com a construção de ramblas e cuidados paisagísticos, que fazem desses locais o lazer de grande parte da população, tendo a qualidade de serem locais democráticos, onde se percebe pessoas de várias classes sociais.



Capítulo 3

O MÉDIO TIETÊ

3. O MÉDIO TIETÊ

O rio Tietê é dividido em quatro trechos: Alto Tietê, Médio Tietê Superior, Médio Tietê Inferior e Baixo Tietê. O Médio Tietê forma o maior trecho do rio, abrangendo 155 municípios, sendo 87 no superior e 68 no inferior. Também compreendem nesse trecho três bacias hidrográficas, a Bacia Tietê Sorocaba, Tietê Jacaré e Tietê Batalha. O Tietê se caracteriza por atravessar praticamente todo o interior do Estado de São Paulo; nasce em Salesópolis, na Serra do Mar e deságua no rio Paraná, na divisa do Estado com o Mato Grosso do Sul.

É considerado um importante elemento histórico-cultural, que definiu e articulou uma rede de relações no território paulista. O rio também se caracteriza por seus usos múltiplos, através da geração de energia com diversas usinas hidrelétricas ao longo de seu leito a oeste, do transporte fluvial através da Hidrovia Tietê-Paraná, o desenvolvimento da piscicultura em algumas cidades, além da possibilidade de ofertar a prática do lazer e turismo. O Tietê também é conhecido pelos seus diversos problemas de usos de suas águas, acarretando na sua degradação, que vem ocorrendo desde o advento da intensa expansão industrial e do crescimento populacional, principalmente das áreas metropolitanas.

Através das águas do rio Tietê o interior do Estado de São Paulo foi desbravado, já no primeiro século de colonização, primeiramente com os aventureiros em busca do ouro e pedras preciosas e posteriormente com as Bandeiras e Monções. Foi através dessas expedições que muitas das cidades do interior do Estado surgiram, no início como pequenos povoados que desenvolviam comércio para atender aos expedicionários e vieram a se desenvolver posteriormente.

Até recentemente, segundo Nicolini¹⁴³, há aproximadamente quatro décadas atrás, quando a poluição ainda não havia atingido o Tietê na metrópole e em suas imediações, o rio era utilizado em quase toda sua extensão, como meio para práticas esportivas e de lazer, além da pesca; eram comuns as competições de remo, natação, e outros esportes aquáticos. Atualmente esses usos se encontram limitados às regiões onde a poluição não prejudica as atividades, e ainda é possível a utilização de suas águas para diversos usos.

A região do Médio Tietê compreende uma rede de cidades de extrema importância econômica para o Estado de São Paulo, algumas consideradas pólos regionais, como Sorocaba e Bauru, que segundo Baeninger, Leonelli, Bolliger,

[...] desempenham papel fundamental na redistribuição espacial da população, emprestando novas características ao processo de urbanização, com a recuperação populacional e inversão na tendência dos pequenos municípios e pelo decréscimo no ritmo de crescimento de cidades de médio e grande porte.¹⁴⁴

¹⁴³ NICOLINI, 2001.

¹⁴⁴ BAENINGER, Rosana; LEONELLI, Gisela; BOLLIGER, Claudia. Municípios da hidrovia Tietê-Paraná: regionalização e dinâmica sócio-espacial, 2002.

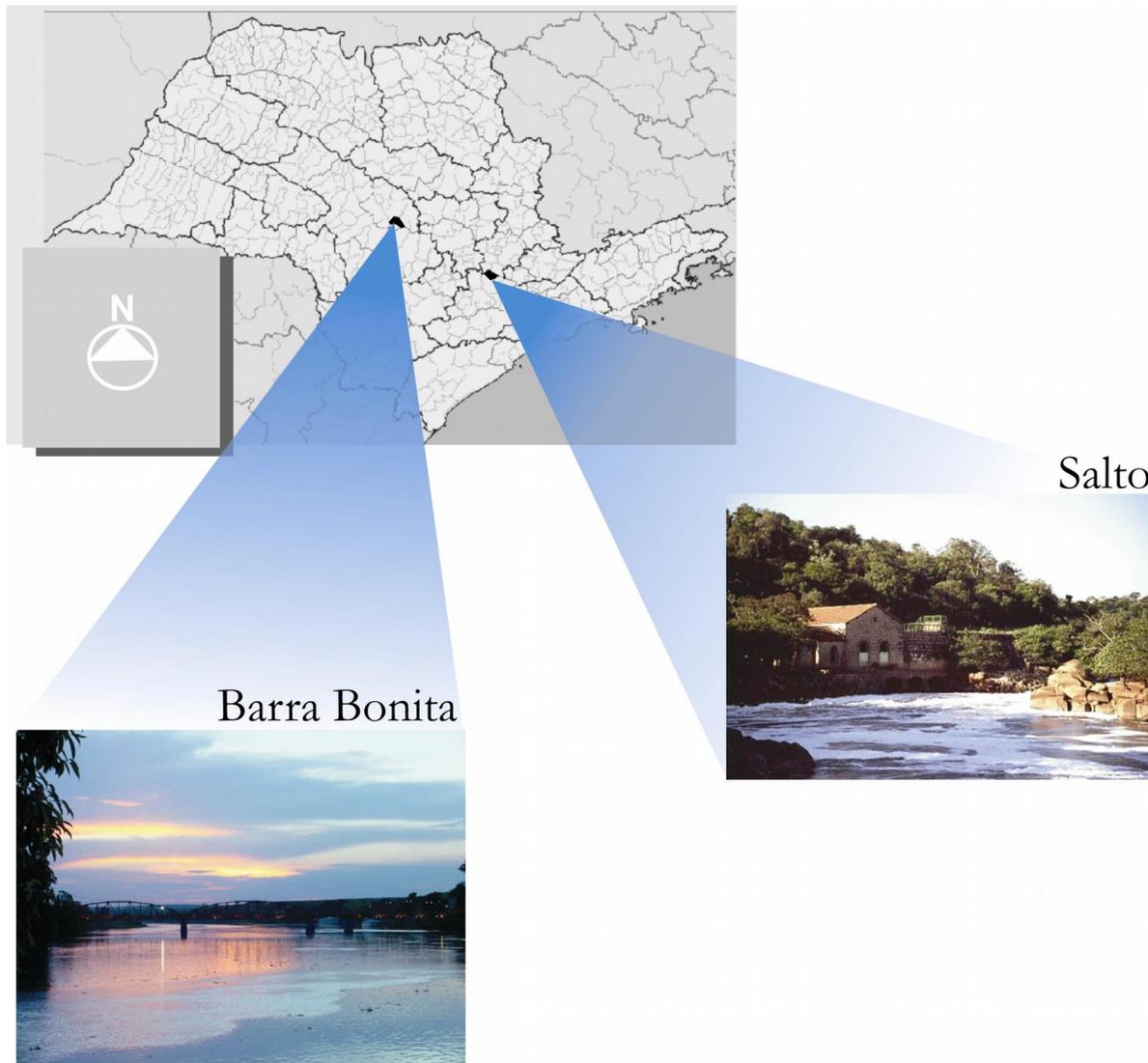
Outro fator de desenvolvimento do interior do Estado de São Paulo é devido à malha viária da região. As rodovias Castelo Branco e Raposo Tavares possibilitaram as conexões regionais e o acesso direto, fácil e rápido a São Paulo. “As transformações econômicas e políticas pelas quais o país passou nas últimas décadas foram decisivas nas mudanças dos cenários urbanos e demográficos. De um país essencialmente rural, o país passou a ser urbano”¹⁴⁵. Também as rodovias transversais, que fazem as ligações com outras bacias, são também responsáveis pelo estabelecimento de conexões regionais, que dinamizam o território.

Sobre a projeção demográfica, segundo o Relatório Zero, os dados prevêm que 75 a 77% da população do Estado estarão concentradas nas unidades hidrográficas industriais (Alto Tietê, Paraíba do Sul, Baixada Santista, Piracicaba e Tietê-Sorocaba), entre os anos de 2000 e 2010.

O interior paulista e em especial o Médio Tietê Superior foi beneficiado pelo processo de desconcentração da metrópole, que trouxe a industrialização para a região. De acordo com dados do relatório, na década de 1970, 69% da mão-de-obra empregada na indústria, encontrava-se na região de Sorocaba, Itu, Salto e Porto Feliz.

¹⁴⁵ REDES DE ÁGUAS. Disponível em: <http://w.rededasaguas.org.br/comite/comite_05.asp>. Acesso em: 10 abr. 2006.

Mapa 1 – Localização dos Municípios Barra Bonita e Salto no Estado de São Paulo



3.1 A Hidrovia Tietê-Paraná

Com o represamento do Tietê em diversos pontos para a construção das eclusas para a geração de energia, que regularizou o seu curso, foi possível a construção da Hidrovia Tietê-Paraná.

A hidrovia começou a funcionar em 1981, com o “transporte regional da cana-de-açúcar, material de construção e calcário, ao longo de uma extensão de 300 km”.¹⁴⁶ Foi se estendendo ao longo dos anos, e atualmente conta com 2.400 quilômetros de trecho navegáveis, sendo 800 km no Estado de São Paulo. Segundo informações disponíveis no *síte* da Secretaria de Transportes de São Paulo¹⁴⁷, em 2004 houve um aumento de 10% no transporte de cargas, em relação ao ano anterior e até o final de 2006 estima-se que o investimento será de 15 milhões. Além do transporte de cargas e pessoas, a hidrovia é considerada um importante elo de ligação com o Mercosul.

A interligação ente o Tietê e o Paraná, com a conclusão da eclusa e o transbordo de cargas no reservatório de Itaipu, abriu uma rota eficiente de transporte entre São Paulo e Buenos Aires. A Hidrovia Tietê-Paraná exerce influência em uma área de 1,5 milhão de quilômetros quadrados, com 75 milhões de habitantes e que responde por 73% do PIB brasileiro. Integrados, os sistemas hidroviários Tietê-Paraná e Paraná-Paraguai têm uma área de influência de 4,8 milhões de quilômetros quadrados, com 90

*milhões de habitantes, representando mais de 85% do PIB dos países do Mercosul. A hidrovia tem estimulado a ampliação das fronteiras agrícolas no oeste do Brasil, trazendo uma gama de oportunidades de bons negócios nas áreas de transporte hidroviário, terminais multimodais, expansão do agronegócio, indústrias, armazéns, embarcações de serviço, comboios de carga, além de outros setores como marinas e hotéis*¹⁴⁸

O órgão gestor da Hidrovia, a partir de 1996 é o Departamento Hidroviário (DH), que pertence à Secretaria Estadual de Transportes, que adquiriu essa função a partir da privatização de Cesp. Segundo informações no *síte* da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE)¹⁴⁹, desde o início da construção da hidrovia em 1950, foram investidos pelo Governo Federal cerca de US\$ 2 bilhões, que incentivaram investimentos privados do mesmo valor.

Através de alguns planos de fomento para hidrovia na área de São Paulo, os municípios sofreram alterações e a configuração que apresentam atualmente é devido à hidrovia. Baeninger, Leonlelli, Bolliger¹⁵⁰ fizeram um estudo sobre os programas institucionais da hidrovia e seus reflexos para os municípios. Em 1992, através da Companhia Energética de São Paulo (CESP) que era, no início, o órgão que geria a hidrovia, elaborou a versão preliminar do Plano de Complementação, Operacionalização e Fomento para a Hidrovia Tietê-Paraná¹⁵¹, que teve respostas diferenciadas nos municípios, com resultados positivos isolados, como:

¹⁴⁶ AES CORPORATION. Disponível em: <<http://www.aestiete.com.br/hidrovia/historia.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2006.

¹⁴⁷ MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br/bit/hidro/ detriotiete.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2005.

¹⁴⁸ PORTAL DE INVESTIMENTOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.investimentos.sp.gov.br/negocios/hidrovia.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2006.

¹⁴⁹ FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/>>. Acesso em: 14 mar. 2005.

¹⁵⁰ BAENINGER; LEONLELLI; BOLLIGER, 2006.

*[...] o pólo intermodal de Pederneiras, o Terminal de Anhembi, o de Santa Maria da Serra e São Simão, e a base operacional do Terminal de Araçatuba, apesar do alto investimento não está atualmente tendo o dinamismo esperado.*¹⁵²

Outro projeto foi o Plano de Desenvolvimento Turístico da Hidrovia Tietê-Paraná, que segundo Bernardes¹⁵³, decorreu do pedido das prefeituras municipais por um plano para desenvolvimento do setor turístico na região, na primeira metade da década de 1980. O plano foi lançado em 1984, elaborado pela Secretaria de Estado dos Negócios de Esportes e Turismo (SET), em parceria com a Companhia Energética de São Paulo (CESP) e mais tarde também com a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur).

A partir desse plano, segundo Bernardes¹⁵⁴, a necessidade de se conhecer melhor a região do Vale foi estimulada, e fez com que surgisse o Projeto Calha. Esse projeto visava o planejamento e desenvolvimento da região lindeira à hidrovia, “visando orientar os empreendimentos a serem instalados de forma compatível com as vocações e potencialidades de cada município e a preservação do meio ambiente”.¹⁵⁵ Também visava incentivar a interiorização da indústria, o desenvolvimento e modernização da agropecuária, o desenvolvimento do turismo, a implementação do Mercosul e uma nova divisão regional do Estado de São Paulo.¹⁵⁶ O Projeto Calha também apresentou resultados isolados, “embora continue sendo a base para o desenvolvimento de ações e

implementação de investimentos na área, por parte do Governo Estadual”.¹⁵⁷

O Plano de Fomento foi o posterior ao Projeto Calha, e incluiu 108 municípios¹⁵⁸ localizados em área de influência da Hidrovia e em seguida veio o *Master Plan* (1996), que segundo Bernardes¹⁵⁹, consistiu em uma revisão dos projetos existentes, elaborado pela Agência de Desenvolvimento Tietê-Paraná (ADTP), propondo a construção e operação de frotas e terminais na hidrovia. O *Master Plan*, segundo Bernardes¹⁶⁰, abordou projetos que não diziam respeito à região do Vale do Tietê, evidenciando, segundo a autora, que o projeto queria demonstrar o potencial da Agência de Desenvolvimento Tietê-Paraná (ADTP), ofuscando o potencial das obras nos rios.

Com a privatização da Companhia Energética de São Paulo (CESP) em 1996, e a transferência da gestão da hidrovia ao Departamento Hidroviário (DH), a Secretaria de Esportes e Turismo e a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, criou uma Assessoria Especial para Assuntos do Sistema Tietê-Paraná, e, atualmente, segundo Baeninger, Leonelli, Bolliger¹⁶¹, vem viabilizando esforços para execução do Projeto de Indução e Gestão do Eixo de Desenvolvimento do Sistema Tietê-Paraná, cuja área de abrangência conta com cerca de 100 municípios. Esse projeto atualiza os

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ BAENINGER; LEONLELLI; BOLLIGER, 2006.

¹⁵⁶ “Segundo Baeniger, Leonelli, Bolliger, a área do projeto foi dividida em quatro sub-regiões: a porção mais oeste, lindeira ao rio Paraná, foi denominada Integração; a segunda região foi denominada de Dinamização, e compreendia os municípios do Baixo Tietê; a terceira era a Modernização, no Médio Tietê Inferior; a quarta era a Reprogramação, no Médio Tietê Superior, até Itu e Salto”. (BAENINGER; LEONLELLI; BOLLIGER, 2006).

¹⁵⁷ BAENINGER; LEONLELLI; BOLLIGER, 2006.

¹⁵⁸ “O número de municípios incluídos no Plano de Fomento foi resultado da distância considerada a partir da hidrovia. Esse plano abrangia municípios existentes até 150 KM da hidrovia para incluir aqueles considerados polarizadores”. (Bernardes, 2002: 16)

¹⁵⁹ BERNARDES, 2002, p. 17.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ BAENINGER; LEONLELLI; BOLLIGER, 2006.

¹⁵¹ “O plano propunha a fixação de 23 pólos industriais, 17 pólos de turismo e 12 centros de distribuição de cargas. Objetivava a criação de pólos industriais e turísticos hidroviários, além de catalisar a fixação comercial e agrícola ao longo da hidrovia, buscando criar um processo ordenado de crescimento econômico”. (Idem)

¹⁵² Idem.

¹⁵³ BERNARDES, Elaine Mendonça. Desenvolvimento do Vale do Tietê-Paraná: um enfoque de estoques de capitais. 2002. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

dados do Projeto Calha e incentiva os usos múltiplos das águas (energia elétrica, navegação, irrigação, abastecimento, saneamento, turismo, lazer, preservação do meio ambiente).

É importante ressaltar, que, mesmo com mudanças bastante significativas na paisagem e no desenho do rio, o Tietê apresenta ainda hoje as mesmas dificuldades de navegação relatadas pelos expedicionários na descoberta do oeste paulista. O trecho mais propício à navegação é a partir do Médio Tietê Inferior, onde se localiza a hidrovia, e as dificuldades que se apresentam atualmente para aumentar esse trecho da hidrovia, que para a região do Médio Tietê Superior seria interessante, pelas vantagens de desenvolvimento econômico, eram também encontradas durante o período das Monções¹⁶². De acordo com Holanda¹⁶³, o trecho encachoeirado do Médio Tietê Superior era de difícil deslocamento das

embarcações, sendo que alguns trechos eram feitos por terra, inclusive, era comum que as embarcações sofressem danos durante esse percurso e precisassem ser consertadas. Foi devido a essas dificuldades de navegação que as embarcações se desenvolveram, pois era preciso que elas fossem resistentes, e o indígena foi decisivo para isso, pois foi ele quem mostrou aos expedicionários técnicas até então desconhecidas.

¹⁶² “Toda essa parte do rio [referindo-se à primeira hora de viagem pelo Tietê], aliás, de navegação singularmente dificultosa, pois numa extensão de apenas seis léguas, a partir de Canguera, há nada menos de doze cachoeiras. Os próprios pilotos e práticos perdiam aqui a ‘cor e o ânimo’, lê-se numa relação da derrota e viagem de Governador Rodrigo Cezar Menezes a Cuiabá em 1727, ‘por correrem as águas com tanta força e violência, que não se salva nada do que cai nelas, sem que aproveite o saber nadar pelas pedras despedaçam tudo em um instante’. A maior dessa cachoeiras que é a de Pirapora, ou Pirapó Grande, só se alcançava ao segundo dia de viagem. Ali eram aliviadas as canoas, seguindo os volumes por terra, carregado pelos negros, ao longo de uma picada de cem braças, ou mais, até encontrar o remanso, de onde era possível, sem estorvo, continuar-se a navegação. [...] Às quedas d’água, às corredeiras e também às grandes voltas que o rio dá, deve atribuir-se a extrema lentidão no seu percurso, que não se completava em menos de vinte e cinco dias. O maior estirão limpo de cachoeiras e outros obstáculos não chega a ter comprimento quatorze léguas – mais precisamente oitenta e um quilômetros – e começa logo abaixo da corredeira chamada hoje do Arranca Rabo. Esse estirão de águas excepcionalmente mansas e boas para a navegação recebeu dos viajantes no nome de Rio Morto, que ainda lhe dão presentemente. Para quem descesse o Tietê, a paisagem da região não deixava de proporcionar aspectos novos. Se os terrenos elevados da margem esquerda conservavam uma pujante vestimenta florestal, os da direita exibiam vegetação mais rala, só interrompida, aqui e ali, por alguma ilhota de mato grosso. Com a corredeira da Laje [limite com o Baixo Tietê], cessa o rio morto e volta a fazer-se cada vez mais trabalhosa a navegação”. (HOLANDA, Sergio Buarque de. Monções. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 251-252).

¹⁶³ Idem.



Mapa 2 - A Hidrovia Tietê-Paraná¹⁶⁴

Legenda

-  Barragem
-  Ferrovia
-  Traçado da Hidrovia Tietê - Paraná
-  Estado de São Paulo

¹⁶⁴ Mapa Base: COLÉGIO RAINHA DA PAZ.
Trabalho Gráfico: Cecília Machado

LX

Foto 4. A Hidrovia Tietê Paraná

Foto 5. A Hidrovia Tietê Paraná



Foto 6. A Hidrovia Tietê Paran



*bacia. Por isso, os comitês de bacia são considerados o parlamento das águas.*¹⁶⁶

3.2. Comitês de Bacias

Para o melhor gerenciamento e gestão das águas, foram criados, em 1993, os Comitês de Bacias, através da lei que instituiu a política estadual de recursos hídricos, somando um total de vinte comitês. A região do Médio Tietê compreende três bacias: Médio Tietê Sorocaba, Tietê Jacaré e Tietê Batalha. Com a criação dos comitês, o Estado de São Paulo foi dividido em 22 unidades de gerenciamento (UGRHI – unidade de gerenciamento de recursos hídricos), de acordo com as bacias hidrográficas e afinidades geopolíticas.

A Bacia do Médio Tietê Sorocaba corresponde à UGRHI-10 Sorocaba Médio Tietê; a Bacia Tietê Jacaré corresponde à UGRHI-13, e o Tietê Batalha, à UGRHI-16.

Segundo informações no *site* Rede das Águas¹⁶⁵, os comitês são colegiados instituídos por lei, no âmbito do Sistema Nacional de Recursos Hídricos e dos Sistemas Estaduais, compostos por representantes do Poder Público, órgãos estaduais, e entidades representativas da sociedade civil, que tem papel deliberativo, visando a gestão descentralizada, participativa e integrada da água.

A composição tripartite visa garantir a todos os integrantes do colegiado os mesmos direitos e o poder de deliberar na tomada de decisões que irão influenciar na melhoria da qualidade de vida da região e no desenvolvimento sustentado da

Cada comitê de bacia tem seu próprio estatuto, através do qual são definidas as regras e procedimentos para realização das assembleias deliberativas, formas de participação, eleição e competências, além do desenvolvimento do Plano de Bacias, bem como sua execução e fiscalização¹⁶⁷. Antes dos comitês, o gerenciamento era feito pelos municípios e pelo Estado, mas segundo o mesmo *site*¹⁶⁸, “as informações estavam dispersas em órgãos técnicos ligados ao assunto e os dados não eram compatíveis, isso dificultava o planejamento sobre captação, abastecimento, distribuição despejo e tratamento da água”.

¹⁶⁶ REDES DE ÁGUAS. Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/comite/comite_04.asp> Acesso em: 18 abr. 2006.

¹⁶⁷ “Os Comitês de Bacias Hidrográficas (CBHs) são colegiados deliberativos e consultivos e atuam na área de sua unidade de gerenciamento, ou seja, na sua bacia. Como foram definidos em lei, todos são iguais e têm as mesmas responsabilidades. Uma das principais atribuições dos CBHs é aprovar o Plano de Bacias, nos quais são definidas as propostas de aplicação de recursos financeiros, além de programas e ações que visam promover a integração entre os usuários das águas, a manutenção e recuperação dos recursos hídricos. Todos os cidadãos podem participar. As assembleias são públicas e os representantes, eleitos para compor o colegiado como titulares e suplentes, têm poder de voto. Os mandatos de todos os integrantes são de dois anos. Todos podem se candidatar aos cargos da diretoria e câmaras técnicas, respeitando sempre a característica tripartite. Até hoje, o Estado ocupou as secretarias executivas e os prefeitos e representantes da sociedade civil ocupam as funções de presidente e vice-presidente. Não há uma regra para essa composição - ela varia de acordo com o interesse dos segmentos e características de cada região”. (REDES DE ÁGUAS. Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/comite/comite_04.asp> Acesso em: 18 abr. 2006).

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁵ REDES DE ÁGUAS. Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/comite/comite_04.asp> Acesso em: 20 abr. 2006.

Mapa 3.- Bacias Hidrográficas do Estado de São Paulo¹⁶⁹

Outra dificuldade de gerenciamento das bacias era a falta de um plano e políticas públicas integradas e,

¹⁶⁹ REDES DE ÁGUAS. Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/comite/comite_04.asp> Acesso em: 20 abr. 2006.

atualmente, esse plano está sendo elaborado. Segundo informações no *site* Ambiente Brasil¹⁷⁰, o Plano Nacional de Recursos Hídricos será apresentado à população a partir do dia 15 de maio de 2006, através de vinte e sete encontros públicos já marcados, em todos os estados brasileiros, fazendo do Brasil “o primeiro país da América Latina a concluir estratégias para a gestão das águas até 2002, prazo estabelecido pela ONU”. É importante mencionar ainda, que, segundo Fracalanza¹⁷¹, a legislação para gestão da água é posterior à criação dos comitês, foi instituída em 1997, enquanto os comitês foram criados em 1991, funcionando na realidade a parti de 1993.

Como citado anteriormente, cada comitê possui seu próprio estatuto, porém, como foram criados por lei, a estrutura é a mesma para todos, com as mesmas responsabilidades, e uma das principais funções é a de estabelecer e aprovar o Plano de Bacias. Apesar de terem metas semelhantes, a gestão dos rios, através dos Comitês, dependem de investimentos públicos e privados onde os interesses locais, e as necessidades específicas de cada bacia e os serviços que se agregam a cada uma delas, como o transporte fluvial, a operação de eclusas, o turismo, entre outros, determina as ações de gestão.

Devido aos interesses específicos de cada bacia, há então um sério problema de conflitos. De acordo com Fracalanza¹⁷², os conflitos existentes na utilização do recurso, é devido à água ser considerada uma mercadoria, pois os usos da água possibilitam a criação de valor, podendo ser um valor social, por ser um bem comum que condiciona a vida, ou mesmo um valor no sentido espiritual, “não somente de um ecossistema considerado sagrado, como também de um ecossistema que abriga diferentes e diversas formas de vida, não somente para usufruto do homem, mas enquanto natureza em si”¹⁷³.

Ainda segundo a autora¹⁷⁴, os valores de usos da água enquanto mercadoria são dados através dos usos públicos e privados, coletiva e individual, pelo abastecimento doméstico, comercial, irrigação e dessedentação de animais; uso industrial. Há ainda os usos feitos pela apropriação do espaço, com os esportes, lazer, turismo, geração de energia hidroelétrica e o transporte hídrico. Outro uso seria o da água enquanto rede, recepção e transporte de esgotos domésticos e efluentes industriais. Além da atribuição de valor à água, há também a perda de valor, que é decorrente da degradação da água, resultante da produção social do espaço. Com isso, tem-se, portanto, a dinâmica das águas: a possibilidade de criação de valor da água, a possibilidade de perda de valor da água e os usos que são conflitantes no espaço.

Além dos conflitos gerados pelos usos da água, onde não se consegue diferenciar, segundo Fracalanza¹⁷⁵, os usuários dos conflitantes, há também os conflitos entre os órgãos gestores (onde a água gerida numa bacia se confronta com outra bacia) e mesmo dentro dos próprios órgãos gestores. Um exemplo disso é o Projeto Flotação, elaborado pelo Governo do Estado de São Paulo, que visa a despoluição do rio Pinheiros, e que tem gerado conflitos com o Comitê de Bacia do Alto Tietê e Subcomitê da Bacia Hidrográfica Billings-Tamanduateí, além do Comitê do Médio Tietê.

O Projeto Flotação demonstra a imaturidade ainda existente do novo modelo de gestão das águas, através dos Comitês, pois não foram feitas as devidas discussões necessárias sobre a implantação do projeto no Comitê do Alto Tietê, e mesmo assim, foi recomendado pelo Conselho de Recursos Hídricos, demonstrando que “há projetos elaborados por outros órgãos públicos e por outros agentes sociais, com influência direta na dinâmica das águas, que não são controladas pelo sistema de gestão instituído”¹⁷⁶, mas que recebeu respaldo político.

Figura 1. Sistema Nacional de Recursos Hídricos¹⁷⁷

¹⁷⁰ AMBIENTE BRASIL. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br/noticias/index.php3?action=ler&id=24479>>. Acesso em: 04 mai. 2006.

¹⁷¹ FRACALANZA, Ana Paula; ROCHA, Gerônimo. A política nacional de recursos hídricos. Palestra proferida no PROCAM-USP. São Paulo, 2006.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Idem.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ FRACALANZA, 2006.

¹⁷⁶ Idem.



Legenda:

CRH – Conselho Estadual de Recursos Hídricos: é o órgão superior do sistema, formado por 33 membros, sendo 11 representantes de cada segmento: municípios, estado e sociedade civil.

CORHI – Comitê Coordenador do Plano Estadual de Recursos Hídricos: sua função é dar apoio técnico e administrativo ao CRH.

COFEHIDRO – Conselho de Orientação do Fundo Estadual de Recursos Hídricos: elabora e define as regras operacionais do Fehidro (órgão que financia projetos das bacias)

3.3. O Médio Tietê Superior

O Médio Tietê Superior possui seus limites geográficos situados entre a cidade de Pirapora do Bom Jesus até a barragem de Barra Bonita, com 260 quilômetros de extensão e 218 metros de desnível¹⁷⁸ e tem como afluentes importantes rios, como o Jundiáí, Capivari e Piracicaba em sua margem direita, e o rio Sorocaba à sua esquerda¹⁷⁹.

Segundo Souza nesse trecho vem crescendo a expansão predatória, “se tomarmos como referência a costumeira ausência de métodos de proteção à paisagem e ao ambiente para o estabelecimento de atividades

¹⁷⁷ REDES DE ÁGUAS. Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/comite/comite_04.asp> Acesso em: 18 abr. 2006.

¹⁷⁸ MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br/bit/hidro/detriotiete.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2005.

¹⁷⁹ SOUZA, Saide Kahtouni Proost de. Sistemas de engenharia como fatores de mutação ambiental e paisagístico no vale do Tietê. 1993. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1993, p. 65.

produtivas”.¹⁸⁰ De acordo com a autora, as atividades produtivas nessa região são basicamente a monocultura da cana, que se utiliza um alto grau de agrotóxicos e pastagens. Ainda sobre a paisagem, Souza diz que, devido à sua proximidade com a metrópole, “a área caracteriza-se pelo alto grau de antropização de suas paisagens”.¹⁸¹

Também é devido à sua proximidade com a metrópole que as águas do Tietê chegam ainda muito poluídas nessa região, aliás, a grande problemática do Médio Tietê tem causa no Alto Tietê. Da nascente, em Salesópolis, até Pirapora, passando pela cidade de São Paulo, o Tietê (Alto Tietê) sofre uma das maiores agressões, é o trecho mais poluído, praticamente “morre” em São Paulo e alcança o Médio Tietê levando consigo muitos desses problemas.

Souza¹⁸² afirma que até Barra Bonita as águas apresentam níveis impróprios, e ficam ainda piores com o lançamento de dejetos das diversas indústrias que ali se instalaram e do próprio esgoto doméstico, aliás, essa é das maiores preocupações do Comitê de Bacias responsável por essa área (Tietê Sorocaba), o tratamento de esgoto, assunto que será abordado mais adiante.

Saindo de São Paulo, onde o Tietê foi todo retificado e canalizado, tem-se uma paisagem bastante diferente. Os rio volta a ter seus meandros e forma também muitas quedas d’água, em alguns trechos formam belas cachoeiras, como entre Pirapora e Salto, onde as águas descem 150 metros em 80 quilômetros de percurso. Nesse trecho, o mais encachoeirado, as águas são rasas e o leito rochoso, formando uma bela paisagem, mas, se à visão faz muito bem, ao olfato nem tanto, é perceptível a poluição de longe.

Em Pirapora do Bom Jesus, na época do inverno principalmente, quando a estiagem fica maior, as ruas e casas próximas ao rio ficam tomadas pela espuma tóxica que se forma com a poluição do rio e chega até a cidade de Salto, num nível inferior, porém não deixando de ser prejudicial.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Idem.

*A captação de águas, por sua vez, tende a ser cada vez mais superficial e, contraditoriamente, o sistema hídrico superficial é sobrecarregado e, portanto, poluído por afluentes domésticos e industriais.*¹⁸³

A década de 1970 foi decisiva para a região do Médio Tietê, pois foi a época em que o interior do Estado de São Paulo começou a sofrer o processo de industrialização, quando a cidade de São Paulo já estava saturada e começou-se então, por incentivos de políticas governamentais, os investimentos fora dos centros tradicionais. Segundo o Relatório de Situação e Caracterização Geral da Bacia Hidrográfica dos Rios Sorocaba e Médio Tietê, chamado de Relatório Zero¹⁸⁴, elaborado em 2000, foi a época em que o país apresentou suas maiores taxas de crescimento do produto e da renda, destacando a cidade de Sorocaba, que é considerada o pólo regional de desenvolvimento dessa região (Médio Tietê Superior).

Na região do Médio Tietê Superior tem-se conurbações como entre Sorocaba e Votorantin, Itu e Salto, onde se encontram as maiores taxas de urbanização, próximas e superiores a 90%. Essas conurbações têm ligação direta com a metrópole, além de vantagens localizacionais.

As características demográficas correspondem aos processos econômico-espaciais da região, que se incorpora de forma parcelada no espaço mais dinâmico do Estado de São Paulo,

mantendo áreas de pequena vinculação com a metrópole e os principais eixos de desenvolvimento do Estado.

As vantagens existentes e as produzidas pelas ações dos governos estadual e municipais como elementos básicos para a descentralização e interiorização do desenvolvimento urbano-industrial, trouxeram resultados importantes para as áreas de Sorocaba e Itu, ampliando o parque industrial e diversificando-o com o estabelecimento de novos ramos na metalurgia, mecânica, material elétrico e química, ou seja, houve a criação de um novo parque industrial aproveitando as vantagens da mão-de-obra fabril. Nos anos 80, o movimento iniciado anteriormente tem seqüência com a transferência de indústrias da Região Metropolitana de São Paulo e novos investimentos, incluindo os estrangeiros. Este movimento envolveu novos municípios no espaço urbano-industrial que está se consolidando regionalmente, como é o caso de São Roque. Houve, na década, uma ampliação da participação do setor de

¹⁸³ REDES DAS ÁGUAS. Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/comite/comite_05.asp>. Acesso em: 10 abr. 2006.

¹⁸⁴ Ibid. Acesso em: 18.abr. 2006.

*bens de capital e de consumo duráveis, ocupando a segunda posição no interior do Estado.*¹⁸⁵

No Médio Tietê Superior as indústrias de maior destaque são as têxteis, papel, bebidas, alimentícias, abatedouros, curtumes, engenhos de aguardente, e ainda há duas usinas de açúcar e álcool. A mineração é outra atividade importante no Médio Tietê Superior, argila e areia, além da produção de brita e extração de granito são observados nos municípios de Araçariguama, Boituva, Cabreúva, Itu, Porto Feliz, Salto, São Roque e Tietê.

*São atividades que necessitam permanentemente de monitoramento visto que a história local informa que uma das formações rochosas mais raras – varvito de Itu – serviu como pedra de calçamento antes que seu valor tivesse sido reconhecido.*¹⁸⁶

Na agricultura, destaca-se a fruticultura e a cana-de-açúcar, pastagens e reflorestamento e em algumas cidades, a braquiária e o milho. Em Itu, Porto Feliz, Boituva e Tietê, têm-se a presença de haras e avicultura.

Outra característica da região é a presença cada vez maior de condomínios fechados e chácaras de lazer. Algumas cidades estão desenvolvendo o turismo, como Itu e São Roque, além de um projeto para a região de Pirapora a Itu, que será abordado adiante.

Um dos principais problemas do Médio Tietê Superior é o destino do lixo produzido, de acordo com o relatório, cerca de 30% do lixo urbano produzido não possui local para destino. O lançamento de esgotos

urbanos possui pequena remoção e tem como depósito não só o Tietê, como outros rios, como o Jundiá, além disso, as indústrias ali presentes não possuem tratamento dos seus efluentes.

Sobre a qualidade das águas do Tietê, na análise feita pela CETESB em 2003, como mostra a tabela 1, percebe-se que, no Médio Tietê Superior, para o uso de abastecimento público, as águas foram consideradas ruins a maior parte do ano, alcançando níveis péssimos no mês de janeiro e por duas vezes, alcançou nível regular nos meses de julho e setembro. Já para a proteção da vida aquática, os níveis se tornaram piores, alcançando níveis péssimos em janeiro e nunca atingiu níveis ótimo, bom ou regular.

Quando a água atinge o reservatório de Barra Bonita, no limite com o Médio Tietê Inferior, a qualidade das águas apresentaram uma melhora,

¹⁸⁵ REDES DAS ÁGUAS. Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/comite/comite_05.asp>. Acesso em: 10 abr. 2006.

¹⁸⁶ Idem.

LXX

para o abastecimento público elas se mantiveram boas, atingindo níveis ótimos em maio e julho, porém, para a proteção da vida aquática, a qualidade oscilou entre ruim e regular a maior parte do ano, apresentando apenas no mês de maio nível ótimo.

Tabela 2. Qualidade das águas Bacia do Médio Tietê Superior para abastecimento público/ 2003¹⁸⁷

IAP - Índice de qualidade de água bruta para fins de abastecimento público														
Código do Ponto	Corpo de Água	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	Média
TIRG 02900	Reservatório de Rasgão	30	-	31	-	-	13	14	-	20	-	17	-	21
TIET 02350	Rio Tietê	-	26	-	26	-	-	-	25	-	25	-	31	26
TIET 02400	Rio Tietê	18	-	-	-	22	-	43	-	28	-	34	-	29
TIET 02450	Rio Tietê	19	-	-	-	25	-	36	-	43	-	36	-	32
TIBT 02500	Braço do Tietê	39	-	54	-	53	-	43	-	43	-	44	-	46
TIBB 02100	Reservatório de Barra Bonita	75	-	-	-	88	-	80	-	79	-	74	-	79
TIBB 02700	Reservatório de Barra Bonita	77	-	-	-	90	-	73	-	77	-	58	-	75

Tabela 3. Qualidade das águas Bacia do Médio Tietê Superior para proteção da vida aquática/ 2003¹⁸⁸

IVA - Índice de qualidade de água para proteção da vida aquática														
Código do Ponto	Corpo de Água	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	Média
TIRG 02900	Reservatório de Rasgão	7,6	-	11,2	-	-	11,2	11,2	-	11,2	-	11,2	-	10,6
TIET 02350	Rio Tietê	-	5,2	-	5,2	-	6,4	-	6,4	-	6,4	-	5,2	5,8
TIET 02400	Rio Tietê	10,2	-	5,6	-	6,6	-	5,4	-	10,2	-	6,6	-	7,4
TIET 02450	Rio Tietê	6,4	-	-	-	6,4	-	6,4	-	7,6	-	7,6	-	6,9
TIBT 02500	Braço do Tietê	7,6	-	5,6	-	5,6	-	7,6	-	5,2	-	5,2	-	6,1

¹⁸⁷ CETESB. Disponível em: <<http://www.cetesb.sp.gov.br/Agua/ugrhis/u10.asp>>. Acesso em: 26 abr. 2006.¹⁸⁸ CETESB. Disponível em: <<http://www.cetesb.sp.gov.br/Agua/ugrhis/u10.asp>>. Acesso em: 26 abr. 2006.

TIBB 02100	Reservatório de Barra Bonita	5,4	-	4,4	-	2,2	-	4,2	-	4,2	-	5,4	-	4,3
TIBB 02700	Reservatório de Barra Bonita	5,4	-	5,6	-	2,2	-	4,2	-	4,2	-	6,4	-	4,7

Legenda

QUALIDADE					Não Calculado
Ótima	Boa	Regular	Ruim	Péssima	-

3.4 O Médio Tietê Inferior

O Médio Tietê Inferior compreende a área entre a barragem de Barra Bonita e a de Promissão, e são justamente as barragens que caracterizam esse trecho, que se encontra praticamente todo canalizado e, segundo informações retiradas no site do Ministério dos Transportes¹⁸⁹, “quando o rio corria livremente, era atravessado por inúmeras corredeiras originadas pelo cruzamento de diversos travessões basálticos, não havendo, porém, nenhuma grande queda no trecho”.

Segundo Souza,

[...] a antropização já se diferencia um pouco dos trechos anteriores, ela intercala a trechos de grande processamento de paisagem, concentrados ao longo dos grandes eixos viários a trechos onde os níveis de processamento da

paisagem são baixos como as margens do Tietê.¹⁹⁰

No Médio Tietê Inferior, as águas já se encontram em melhores condições, embora elas vão ficar realmente despoluídas no Baixo Tietê.

Dos efluentes lançados no sistema hídrico superficial, 46% são de origem doméstica e 54% são de origem industrial de caráter tradicional (destilarias e usinas, engenhos, curtumes, indústrias alimentícias). Na agricultura predomina as culturas de café, cana, milho e cítricos. A atividade principal nos campos é a pecuária, que utiliza campos naturais ou cultivados. Nesse trecho, a qualidade das águas do Tietê é ainda boa, apesar de em grandes áreas agrícolas serem utilizados agrotóxicos,

¹⁸⁹ MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br/bit/hidro/ detriotiete.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2005.

¹⁹⁰ SOUZA, 1993, p. 69.

*coincidentes com as atividades agrícolas monoculturas que se estendem ao norte, de São José do Rio Preto até Araraquara, seguindo os limites da bacia do Tietê e ao sul, a mancha que vem das proximidades de Bauru, até o reservatório de Barra Bonita.*¹⁹¹

Apesar da qualidade das águas se apresentar melhor nesse trecho, deve-se considerar que, devido às inundações ocorridas para a construção das usinas hidrelétricas (somando um total de 9.000 Km de áreas inundadas no Estado de São Paulo), toda a paisagem e o ecossistema da região foram alterados. Nesse trecho encontram-se em operação quatro usinas hidrelétricas: Barra Bonita (1963), Bariri (1965), Ibitinga (1969) e Promissão (1975). As usinas hidrelétricas alteraram toda a paisagem dos locais em que se inserem, segundo anotações de aula¹⁹², por não estabelecerem uma relação com o entorno, os projetos não procuraram possibilitar a socialização, eles serviram como experiências de urbanização simplesmente para dar respaldo à construção e operação das usinas, mas não entendem a problemática de planejamento da paisagem, e são, portanto, elementos descaracterizantes da paisagem. Por outro lado pode-se pensar que essas barragens ao longo desse trecho do rio são elementos que possibilitam um potencial paisagístico único à região, já que as barragens foram assumidas como elementos de grande importância nessa região.¹⁹³

3.5 As usinas hidrelétricas

Segundo o Relatório Zero da Bacia Hidrográfica Tietê-Jacaré, nessa região onde se situam as hidrelétricas,

¹⁹¹ SOUZA, 1993, p. 69.

¹⁹² TSUKUMO, Nina. Paisagismo de Hidrelétricas: a experiência da CESP. Palestra ministrada na disciplina Viagens pela Paisagem: percepção da natureza e da cultura no Brasil. FAU-USP, São Paulo, 2006.

¹⁹³ "Opinião expressa pela professora Saide Kahtouni Proost de Souza, em banca de qualificação e acatada pelo trabalho".

em "uma sucessão interconectada de grandes lagos artificiais (Represa de Ibitinga e Barra Bonita)"¹⁹⁴, associada ao desmatamento, ao uso extensivo de fertilizantes e pesticidas e à agropecuária mecanizada, acarretaram em inúmeras quebras na diversidade biológica ictiofaunística da região, como:

*[...] o caso das diversas espécies de piracema, que estariam provavelmente extintas em nível local, não fossem as contínuas introduções de larvas artificialmente produzidas pelas companhias geradoras de energia elétrica.*¹⁹⁵

O Médio Tietê Inferior viveu anos de estagnação econômica, que vem sendo superada devido à hidrovia, com perspectivas de desenvolvimento turístico. Conchas tem atraído investimentos devido ao porto. Na produção agrícola também se destaca o cultivo da braquiária. Botucatu é o município de maior população, porém não é considerado um pólo regional, pois seu comércio e o restante dos serviços não possuem grande expressão, como é Sorocaba.

A baixa polaridade decorre, possivelmente, das próprias características dos demais municípios, não só de pequena população, como com pouco

¹⁹⁴ SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O GERENCIAMENTO DE RECURSOS HÍDRICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.sigrh.sp.gov.br/sigrh/ARQS/RELATORIO/CRH/CBHTJ/255/re_l_tietejacareseg.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2006.

¹⁹⁵ SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O GERENCIAMENTO DE RECURSOS HÍDRICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.sigrh.sp.gov.br/sigrh/ARQS/RELATORIO/CRH/CBHTJ/255/re_l_tietejacareseg.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2006.

*dinamismo econômico, com pequeno poder de compra por parte da população.*¹⁹⁶

O município de Conchas teve crescimentos demográficos inferiores a 3% (média da região no período de 1980 a 1996), porém, de 1991 a 1996 sua população aumentou significativamente (2,04%, contra 0,95% e 0,7% anteriores) devido, segundo o Relatório Zero, à Hidrovia Tietê-Paraná.

Essa região conta atualmente com 220 indústrias e a mineração é bem menos intensa que no Médio Superior, com produção de brita, extração de areia e argila, nos municípios de Botucatu, Porangaba, Bofete e Conchas. A agricultura é caracterizada pelo cultivo da laranja e, principalmente, da cana-de-açúcar, cultura predominante na região, que substituiu o café, o que fez com que “a vegetação natural sofresse um decréscimo da área ocupada”.¹⁹⁷

Segundo o Relatório, a vegetação natural da região “apresenta-se em pequenos maciços preservados ou ao longo dos principais cursos d’água, formando as matas-galerias”¹⁹⁸, os principais maciços encontram-se nas proximidades de Bauru, São Carlos, Brotas, Bocaina, Boa Esperança do Sul e Ribeirão Bonito. Há ainda a ocorrência de reflorestamentos e as pastagens e os campos antrópicos predominam fortemente na parte oeste da região.

No Médio Tietê Inferior, a qualidade das águas do Tietê para o abastecimento público se

manteve boa a maior parte do ano, e nos mês de maio atingiu nível ótimo. Já para a proteção da vida aquática, ela foi considerada ruim o ano inteiro, com exceção do mês de maio, onde atingiu o nível ótimo. Para melhor visualização, ler tabela 4 abaixo:

¹⁹⁶ REDES DAS ÁGUAS. Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/comite/comite_05.asp>. Acesso em: 10 abr. 2006.

¹⁹⁷ SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O GERENCIAMENTO DE RECURSOS HÍDRICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.sigrh.sp.gov.br/sigrh/ARQS/RELATORIO/CRH/CBHTJ/255/rel_tietejacareseg.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2006.

¹⁹⁸ SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O GERENCIAMENTO DE RECURSOS HÍDRICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.sigrh.sp.gov.br/sigrh/ARQS/RELATORIO/CRH/CBHTJ/255/rel_tietejacareseg.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2006

Tabela 4. Qualidade das águas Bacia do Tietê Jacaré (Médio Tietê Inferior) para abastecimento público/ 2003¹⁹⁹

IAP - Índice de qualidade de água bruta para fins de abastecimento público

Código do Ponto	Corpo de Água	JAN	FEV	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	Média
TIET 02500	Rio Tietê	73	-	-	86	-	73	-	74	-	66	-	74
JPEP 03500	Rio Jacaré-Pepira	-	55	55	-	63	-	73	-	50	-	46	57
JCGU 03400	Rio Jacaré-Guaçu	-	43	48	-	55	-	40	-	36	-	24	41
JCGU 03900	Rio Jacaré-Guaçu	-	44	49	-	56	-	56	-	38	-	26	45

Tabela 5. Qualidade das águas Bacia do Tietê Jacaré (Médio Tietê Inferior) para proteção da vida aquática/ 2003²⁰⁰

IVA - Índice de qualidade de água para proteção da vida aquática

Código do Ponto	Corpo de Água	JAN	FEV	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	Média
TIET 02500	Rio Tietê	5,4	-	-	2,2	-	5,2	-	5,2	-	6,4	-	4,9
LENS 02500	Rio Lençóis	-	-	-	4,2	-	-	-	-	-	4,2	-	4,2
JPEP 03500	Rio Jacaré-Pepira	-	3,2	3,2	-	3,2	-	4,4	-	2,2	-	4,2	3,4

¹⁹⁹ CETESB. Disponível em: <<http://www.cetesb.sp.gov.br/Agua/ugrhis/u10.asp>>. Acesso em: 26 abr. 2006.²⁰⁰ Idem.

LXXVI

JCGU 03400	Rio Jacaré- Guaçu	-	5,4	4,4	-	4,2	-	4,2	-	5,4	-	6,4	5
JCGU 03900	Rio Jacaré- Guaçu	-	6,6	4,2	-	4,2	-	4,2	-	4,2	-	7,6	5,2

Legenda

QUALIDADE						Não Calculado
Ótima	Boa	Regular	Ruim	Péssima	-	-

Foto 7: Usina Hidrelétrica de Barra Bonita



Fonte : AES CORPORATION. Disponível em: <<http://www.aesiete.com.br/hidrovia/historia.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2006.

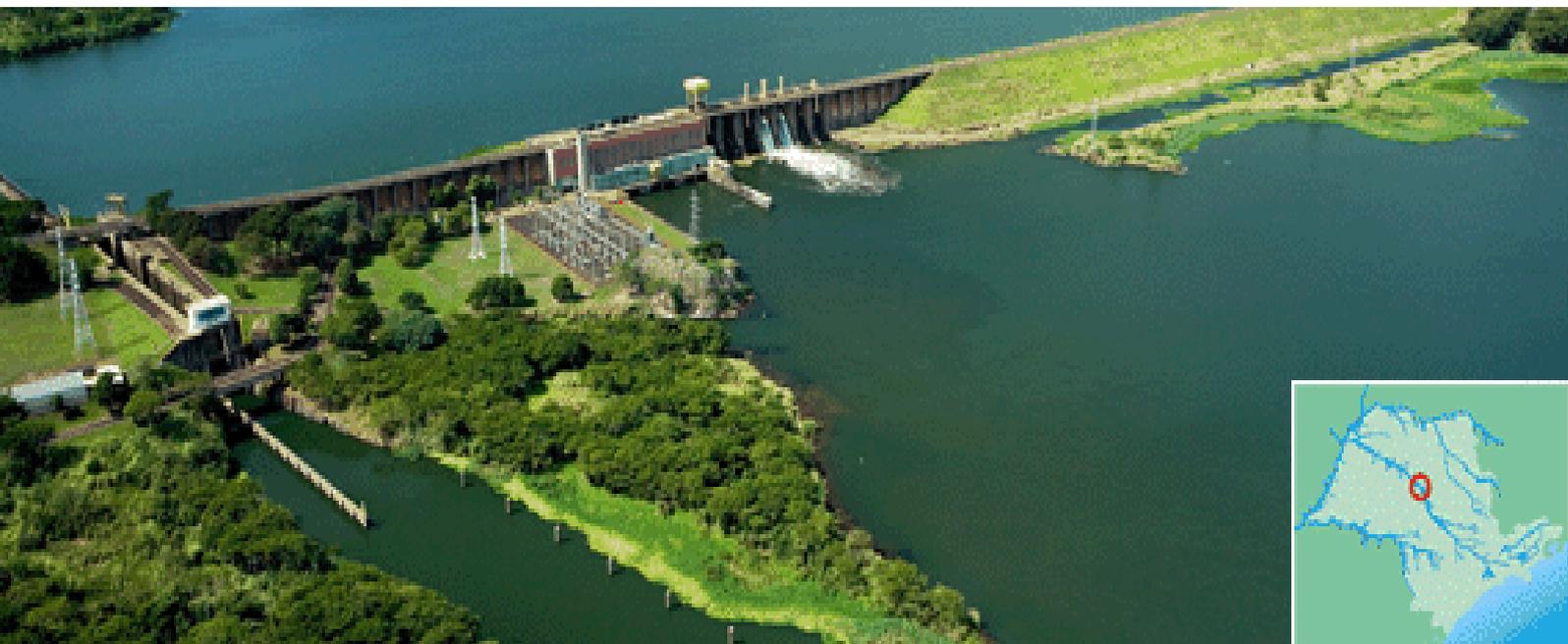
LXXVIII

Foto 8. Usina Hidrelétrica de Bariri



Fonte : AES CORPORATION. Disponível em: <<http://www.aestiete.com.br/hidrovia/historia.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2006.

Foto 9. Usina Hidrelétrica de Ibitinga



Fonte : AES CORPORATION. Disponível em: <<http://www.aestiete.com.br/hidrovia/historia.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2006.

Foto 10. Usina Hidrelétrica de Promissão



Fonte : AES CORPORATION. Disponível em: <<http://www.aesiete.com.br/hidrovia/historia.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2006.

Foto 1. Rambla em Montevideu, Uruguai.



Fonte: Euler Sandeville Jr., 2006

Foto 2. Rambla em Mercedes – Uruguai



Foto 3. Mercedes – Uruguay



Fonte: Euler Sandeville Júnior, 2006

No Brasil também é possível apontar cidades que investiram nos cursos d'água, proporcionando lazer e qualidade ambiental e paisagística. Além de cidades praianas, onde esse investimento é mais comum também pelo turismo que desejam desenvolver, em cidades do interior que possuem não o mar mas o rio como forma de expressão da água, é possível notar o investimento em praias fluviais, passeios públicos e todos os outros equipamentos de lazer. Piracicaba, às margens do rio Piracicaba, revitalizou toda sua orla e hoje é local atrativo de pessoas, e várias cidades ao longo do Tietê também fizeram o mesmo, como em Barra Bonita e Sabino, que, além de opção de lazer, esses investimentos, atraem também o turismo.

Uma atividade de lazer que acontece nos rios é a pesca, que também pode ser uma fonte de alimentação e renda para muitas pessoas, esporte e foi transformado em um segmento da atividade turística, o turismo de pesca. Atualmente há, principalmente no interior do Estado de São Paulo, uma proliferação significativa de pesqueiros, e isso é possibilitado pela imensa oferta de rios e lagos existentes no Brasil. A qualidade dessa oferta é, no entanto, contestável, já que a maioria desses empreendimentos são amadores, porém, devem ser considerados pela quantidade existente (1.000 empreendimentos foram catalogados pelo IBAMA entre 1998 e 1999, só no Estado de São Paulo)²⁰¹ e por ser um local de lazer muito freqüentado por quem considera a pesca uma prática de lazer²⁰².

Outros esportes também foram e até hoje são muito praticados em águas doces, e o rio Tietê já foi palco da prática desses esportes, inclusive na cidade de São Paulo. Segundo Nicolini²⁰³, as primeiras manifestações de atividades esportivas no Tietê, em São Paulo, fundem-se com a época em que “os escravos ainda tinham as marcas

dos grilhões do cativo e começavam a respirar as primeiras golfadas do ar da liberdade numa República que engatinhava”. O remo e a natação foram as primeiras modalidades a surgirem e com isso, criou-se toda uma estrutura com instalações adequadas e em seguida apareceram os primeiros clubes, à beira rio.

Atualmente nada mais existe em São Paulo, mas em algumas cidades do interior ainda mantêm os clubes e utilizam os rios para esportes, lazer e recreação.

Pode-se verificar que a potencialidade para desenvolvimento do turismo em águas doces existe, através da prática do lazer com os esportes, a pesca e as praias fluviais. Porém, é necessário que, assim como em qualquer lugar turístico, se desenvolva conjuntamente um leque de possibilidades de desenvolvimento regional e local.

Bruna reitera que para verificar a viabilidade do turismo em águas doces é necessário saber se as águas são possíveis de serem represáveis, navegáveis e se é possível estruturar o manejo monitorado das áreas.

²⁰⁴ Em termos urbanos a associação do turismo ao uso da água doce como negócio deve incluir hotéis, salões para exposições e convenções de modo a se criar locais em que essas atividades tenham condições de se desenvolver, atraindo consumidores desses serviços que cada vez mais se torna especializado: o turismo. [...] Falar em turismo em água doce remete o pensamento a certas partes do território, às suas peculiaridades de relevo, hidrografia, tipos de solo e usos, bem como a existência de assentamentos humanos e acesso inter e intra-

²⁰¹ VENTURIERI, Rossana. Pesque-Pague no Estado de São Paulo. São Paulo: Eco Associação para estudos no ambiente, 2002.

²⁰² SUGIMOTO, Flávia Tiemi. Turismo de pesca e sustentabilidade ambiental: análise preliminar de pesqueiros em Marília e São José do Rio Preto. 2003. São Paulo: Dissertação de Mestrado -Unibero, 2003.

²⁰³ NICOLINI, 2001, p. 6.

²⁰⁴ BRUNA, Gilda Collet. Aspectos econômicos e sociais da utilização da água doce e o ecoturismo. In REBOUÇAS; BRAGA; TUNDISI, 2002.

regionais. Em outras palavras, é preciso identificar as características locais e regionais que poderão (ou não), viabilizar a transformação do potencial de negócios de turismo em águas doces. ²⁰⁵

O turismo e o lazer em águas doces também pode colaborar na conservação dos recursos ambientais. Segundo Katakura²⁰⁶, como a pesca esportiva depende da boa conservação dos rios e lagos para acontecer, sua preservação se torna fundamental, além disso, a renda gerada por ela pode substituir a pesca predatória.

A conservação das águas doces através do turismo já seria, por si só, um ganho inestimável. Porém, desenvolver e conservar ainda se encontram em lados opostos, e o grande desafio é gerar um produto que, além de não poluir e devastar, ainda traga condições de conservação e sustentabilidade.

A água enquanto elemento de lazer, e, portanto, ligada à possibilidade de prazer, de fruição, que remete ao sentimento de tranquilidade, de paz, também se torna preciosa e com um significado muito forte para as pessoas. O que é necessário inicialmente é mudar a relação de apropriação dos rios que o país historicamente sempre teve com eles, numa forma de exploração degradante, utilizando-o como depósito do lixo e esgoto produzido por sua população e suas obras engenhosas.

²⁰⁵ Ibid., p. 653.

²⁰⁶ KATAKURA, Wilson. A pesca fisa o turismo. Disponível em: <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/negocios/pesca.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2006.



Capítulo 4

SAITO

4. SALTO

A cidade de Salto está situada no centro-leste do Estado de São Paulo, a aproximadamente 100 KM da capital, no meio do eixo Campinas-Sorocaba. Apresenta uma área total de 160 quilômetros quadrados, sendo 81,26 km² de área urbana e 78,77 KM² de área rural, com 103.844²⁰⁷ habitantes. A população é em sua maioria urbana (dos 25.426 domicílios, 25.182 são urbanos,



Foto 11. Foto Aérea de Salto

segundo dados do plano diretor) com taxa de urbanização de 98%²⁰⁸.

Salto ainda faz divisa com as cidades de Indaiatuba, Itu e Elias Fausto, e tem como vias de acesso as rodovias Santos Dumont, Castelo Branco, rodovia do açúcar, Marechal Rondon, Anhanguera e Bandeirantes.

Salto foi fundada no final do século XVII (1698, data oficial de fundação), mas somente em 1906 foi elevada à categoria de cidade e seu nome mudou de Salto de Itu para Salto, em 1917. O nome da cidade Salto de Itu

e posteriormente Salto, decorre da existência de uma queda d'água de grande beleza cênica, característica física que o rio Tietê adquire na região, que forma um "salto", e no percurso do rio abaixo, alguns outros "saltos"

²⁰⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: mai. 2005.

²⁰⁸ SALTO. Plano Diretor. 2005.

também são encontrados, formando quedas e cachoeiras. Essa queda é chamada Ytu-Guassu²⁰⁹ e, segundo o Plano Diretor da cidade, foi fundamental para definir o local do primeiro sítio de Salto, chamado “Cachoeira”, além de ser a “referência da paisagem mais significativa da cidade de Salto, transformando-se também em marco cultural”²¹⁰.

A beleza da cachoeira de Salto foi descrita e retratada por muitos viajantes que por ali passaram; um dos mais antigos relatos é de Auguste de Saint-Hilaire, em 1819, e segundo Liberalesso, esse relato atraiu a atenção de muitos poetas, cientistas, jornalistas:

Correndo sob a ponte, apertada entre os rochedos, a água rola com estrépito; além fica um montão de pedras enormes e mais além da cachoeira. Depois de haver serpenteado rapidamente entre duas fileiras de pedras amontoadas, o rio precipita-se em um canal estreito margeado por dias muralhas de penedos abruptos e cai de uma altura de vinte e cinco pés com inconcebível impetuosidade produzindo tão forte estrondo que se pode ouvir da vila de Itu [...] abaixo do salto, as águas encontram outras pedras e por algum tempo ainda continuam espumando²¹¹.

Outro importante pintor que retratou e escreveu sobre a cachoeira de Salto em suas foi Florence²¹².

²⁰⁹ “Ytu em tupi = y:água + tu: queda = queda d’água, salto, cachoeira

Ytu-Guassu em tupi = ytu: cachoeira + guassu: grande

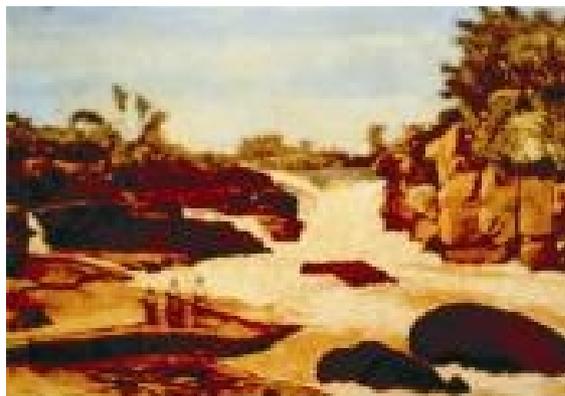
Tietê em tupi = ty: água + eté: muito bom = rio bom. (SALTO. Plano Diretor. 2005).

²¹⁰ SALTO. Plano Diretor. 2005.

²¹¹ LIBERALESSO, Ettore. Salto: história, vida e tradição, 2000, p. 116.

²¹² FLORENCE, Hercules. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: de 1825 a 1829. Rio de Janeiro : Melhoramentos, 1941.

Figura 2 - Pintura de Hércules Florence²¹³



É fato que a cachoeira de Salto foi fonte de inspiração para poetas, pintores e viajantes que por ali passaram. É fato também que é uma paisagem belíssima, porém, o que se pode perceber através das conversas com a população e do que é noticiado nos jornais, que se verá adiante, é que essa valorização e essa relação de afetividade com o rio parece ter acontecido com eles, com os viajantes, os pintores e poetas que um dia estiveram em Salto, mas sua população não parece ter um vínculo positivo com seu cartão postal. O que foi observado é que parece não haver uma capacidade crítica para lidar com essa situação na cidade. Nem mesmo no nível institucional, pois as pessoas que tratam da divulgação cultural na cidade não parecem capazes de uma atitude pró-ativa na tentativa de se pensar a problemática, contribuindo para remeter o monumento natural quase que a uma condição de glórias passadas.

Boa parte da história de Salto refere-se ao cunho religioso da cidade, das igrejas construídas, dos padres que chegaram à cidade, das festas religiosas, e tudo isso se reflete até os dias de hoje, a religiosidade é muito forte e presente em Salto. No início do século XIX, segundo o Plano Diretor, havia também em Salto um atrativo turístico, a cachoeira, “a queda d’água, que atraía

²¹³ OHTAKE, Ricardo. O livro do rio Tietê. São Paulo: Estúdio Ro, 1991, p. 22.

pelos seu caráter pitoresco, pela pesquisa científica, pela curiosidade ou pelo sentimento poético que ela causava. O próprio D. Pedro II esteve duas vezes visitando cachoeira de Salto²¹⁴.

Desde o início, Salto foi caracterizada e desenvolvida pelas indústrias que ali se instalaram, mas também teve a influência do Ciclo do Ouro (expedições em busca do Ouro em Cuiabá), da plantação da cana-de-açúcar, do café e do algodão, que foi mais expressiva em Itu, mas pela proximidade dos dois povoados, ligados por uma ponte de madeira, a economia agrícola também se estendeu a Salto²¹⁵.

*Antônio da Costa Santos afirma que o rio Tietê era a espinha dorsal de uma grande apropriação humana nunca vista no território sul-americano, formando a geometria do açúcar paulista, cujo centro era a cidade de São Paulo, organizando uma rede de caminhos secundários articulada ao percurso bandeirista das estradas do Viamão e Goyases, que seria a estrutura básica do grande eixo centro-sul de circuitos mercantis internos de acumulação de capital.*²¹⁶

As indústrias que se instalaram em Salto tiveram como grande atrativo o rio Tietê, que devido às quedas com grande volume de água puderam gerar energia para o funcionamento dessas fábricas, ainda hoje se situam ao lado da cachoeira o prédio da Brasital,

indústria têxtil, que foi por muitos anos foi responsável pela absorção de mão-de-obra na cidade²¹⁷. Atualmente funciona uma faculdade nesse prédio. Outro grande fato que ajudou no desenvolvimento dessa região e sua industrialização foi a vinda da estrada de ferro Ituana, inaugurada em 1870. “Pode-se dizer que a chegada da ferrovia foi tão importante que alavancou a independência política-administrativa através do desenvolvimento que trouxeram ao local”.²¹⁸

Como se pode notar, as indústrias foram as grandes responsáveis pelo desenvolvimento de Salto e em decorrência disso, houve um crescimento desordenado da cidade que refletiu nas condições de vida da população e na qualidade do ambiente, que sofre até hoje com as

²¹⁷ “Com uma posição geográfica privilegiada e abastecida por dois rios de grande volume de água – energia hidráulica (1875) e depois produção de energia elétrica (1906) – a cidade de Salto inaugurou em 1875 sua primeira indústria têxtil, que criou condições para que muitas outras empresas do setor se instalassem no município no início do século XX. Este crescimento industrial foi responsável pela imigração italiana no início do século, quando mais de 100 famílias se instalaram na cidade para vender sua força de trabalho para os capitalistas locais. Iniciou-se, assim, o primeiro ciclo industrial. Ficando por mais de 40 anos sob o domínio de uma única empresa – Ítalo-Americana que incorporou ao seu capital as pequenas indústrias têxteis e a Fábrica de Papel instaladas no município, que não resistiram à crise mundial do capitalismo por volta de 1896. Esta empresa mudou sua razão social em 1919 para indústria Brasital S/A – empresa de capital nacional e estrangeiro. A cidade de Salto veio a conhecer seu segundo ciclo de desenvolvimento industrial na década de 50, a partir de então verifica-se um crescimento no setor secundário, dando uma nova estrutura sócio-econômica para o município. Com a maturação do segundo ciclo industrial, a cidade permaneceu estagnada durante a década de 60, e só em 1973, com a criação dos três distritos industriais e com incentivos fiscais é que a administração local conseguiu atrair novas empresas, refletindo uma participação ativa da interiorização da indústria ocorrida na década de 70 – a procura de melhores condições para instalações (adequações físicas, aparelhos públicos, água, esgoto, energia elétrica, etc), as empresas começaram a se transferir para o interior do estado. Registrando-se a partir desse ano (1973), o terceiro ciclo industrial do município. Com as indústrias, chegaram também os problemas, e a falta de serviços públicos e sociais foi a principal responsável pela queda da qualidade de vida dos moradores da cidade. Com a imigração de mais de 10.000 trabalhadores no final da década de 70, os problemas sociais aumentaram e os resultados do aumento populacional forma a sub-moradia e aparecimento da economia informal na região.”(CONCEIÇÃO, Marcio Magera. Perfil do Desenvolvimento Econômico da cidade de Salto. Salto: s/n, 1994, p. 7-9.

²¹⁸ SALTO. Plano Diretor. 2005.

²¹⁴ SALTO. Plano Diretor. 2005.

²¹⁵ “Salto foi um pólo açucareiro, mas na condição de bairro rural de Itu não possuía casa de Câmara e Cadeia, nem vereadores (os chamados “homens bons”). Marx (Murilo Marx) explica que para uma freguesia se transformar em Vila era necessário: a) a casa de Câmara e Cadeia; b) o pelourinho; c) a demarcação de terras chamada rossião; d) a administração ser feita por “homens bons” (que eram os donos de engenhos de açúcar)”. (Idem).

²¹⁶ Idem.

marcas deixadas pela industrialização e pela falta de planejamento. Ainda hoje, Salto é industrial, as poucas indústrias que restaram ainda são as grandes empregadoras da cidade, que tenta encontrar uma alternativa para sua estagnação e para os problemas ambientais que atingem a cidade atualmente.

De acordo com estudo feitos por Merlim²¹⁹, em 1856 foi feito o primeiro levantamento topográfico da região de Itu, para a elaboração do primeiro plano de arruamento, dadas algumas irregularidades de algumas construções que não observavam o Código de Posturas em vigor.

O caos urbano já começa a apresentar sinais. Apesar de todo desenvolvimento que acontece na região, a população começa a sentir as conseqüências negativas desse desenvolvimento.

Em 1896, o poder local reconhece a insalubridade do urbano, quando é enviado à Câmara um projeto de lei determinando o entupimento de todos os poços existentes na cidade, e que a água potável passasse a ser fornecida por meio de carroças e cobradas por litro. Deliberou-se que em vista de ser a vila uma localidade sem recursos foi recusado por unanimidade de votos, apesar de ser a indicação de grande utilidade para a higiene pública. A cidade que passara por uma epidemia de varíola (1887) que levou à construção de três "lazaretos", é afetada em 1889 pela febre amarela e, em 1918, pela epidemia de gripe espanhola, o que mostra as condições precárias

²¹⁹ MERLIN, José Roberto. Salto: indústria, rio e espaço na visão de um arquiteto. 1986. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 1986.

de higiene e saúde da população [...] Os cortiços existiam, como se vê num requerimento de vizinhança dirigido à Câmara Municipal de Salto, reclamando contra a falta de latrinas nas casas da herança Brenha, à rua 15 de Novembro, servindo-se os inquilinos de um único buraco para esse fim, exalando do mesmo um mau cheiro insuportável. Neste cenário aparecem ainda as greves, por melhores condições de trabalho e salários [...].²²⁰

Salto, assim como a grande maioria das cidades, possui sua maior parcela da população na zona urbana e por ter uma extensão de território pequena, a zona rural praticamente se confunde com a urbana, não tendo, portanto, quase nenhum privilégio em se morar na zona rural, a não ser as poucas famílias que conseguem sobreviver com alguma atividade agrícola e pecuária.

Na conclusão sobre a história da cidade de Salto, o Plano Diretor encerra com a seguinte frase:

A história de Salto não é uma história, mas sim várias histórias sobrepostas, e tudo porque existe uma queda d'água e o rio Tietê, que representa a própria história de Salto, nas suas águas poluídas e espumosas, que trouxe a alavanca do progresso e paradoxalmente a degradação e morte.²²¹

²²⁰ MERLIN, 1986, p. 37.

²²¹ SALTO. Plano Diretor. 2005.

4.1 A Evolução urbana

É no século XX que Salto mostra com expressividade sua expansão urbana, mais especificamente nas décadas de 50 a 70.

Os rios sempre foram uma barreira natural para o avanço do crescimento da cidade, porém, não intransponíveis. O rio Jundiáí foi vencido com a abertura de uma avenida (Avenida dos Trabalhadores), sua margem direita foi ocupada, principalmente por residências de trabalhadores que desejavam morar próximos às indústrias, situadas na margem esquerda do rio. O rio Tietê, com a implantação da ferrovia, da Usina e da fábrica de papel, e mais tarde, na década de 1980, com os primeiros empreendimentos habitacionais à sua margem, também deixou de ser uma barreira para o avanço urbano.

Na década de 1970, muitos loteamentos foram construídos, surgiram as casas populares, é também desse período o primeiro condomínio de luxo afastado do centro da cidade e juntamente com ele, as favelas. Com a ocupação urbana, os equipamentos de usos coletivos também são construídos ou instalados, como transporte coletivo, hospitais e delegacia.

O Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI) foi elaborado em 1971 por “escritórios especializados” que segundo Merlin²²², “eram fábricas de planos, praticamente iguais, sem nenhuma criatividade e desprezando as características locais”.

O PDDI, não tendo determinado com clareza as áreas de expansão urbana como mandava a Lei nº 9.205, dificultava na prática, a ação técnica do Departamento de Obras e Serviços Públicos (DOSP), órgão municipal responsável pela aprovação dos loteamentos, como também a ação política do prefeito, que não dispunha de instrumentos efetivos para nortear a expansão

*urbana. A responsabilidade do Chefe do Executivo fica maior, na medida que lhe foi delegado pela Lei 674/71 o poder de, por decreto, mudar o uso do solo urbano, recebendo individualmente pressões de todas as naturezas.*²²³

Em 1974 começou a ser mais fortemente diferenciado o uso do solo urbano em Salto, com a criação dos distritos industriais, as chácaras de lazer, os conjuntos habitacionais e os loteamentos da periferia, que começam a definir as diferenças e segregações no uso social do espaço. Com isso, foi aprovada a Lei nº 995/74, que transformava o município inteiro em perímetro urbano, o que tornou Salto o “Paraíso dos Loteadores”.²²⁴

²²² MERLIN, 1986.

²²³ Ibid., p. 71.

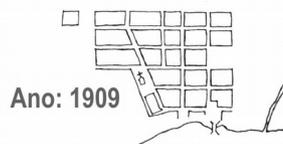
²²⁴ Ibid., p. 97.

4.2 Evolução da Rede Urbana (1889 - 1974)

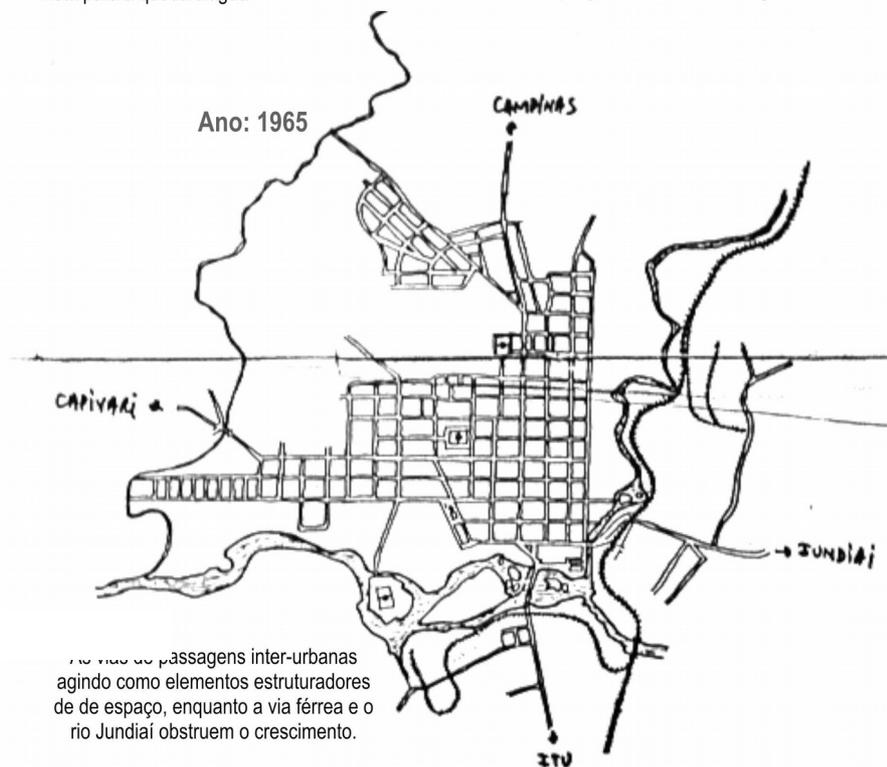
FIGURA 3-Evolução da Rede Urbana (1889 - 1965)



A capela implantada em função da
vista para a queda d'água



A cidade cresceu a partir da igreja e sua
praça, sobre malhas ortogonais.



As vias de passagens inter-urbanas
agindo como elementos estruturadores
de de espaço, enquanto a via férrea e o
rio Jundiá obstruem o crescimento.

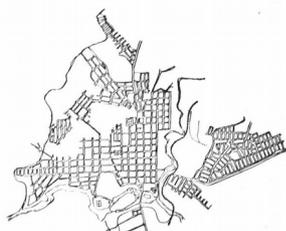
FIGURA 4 -Evolução da Rede Urbana (1967 - 1974)

Ano: 1967



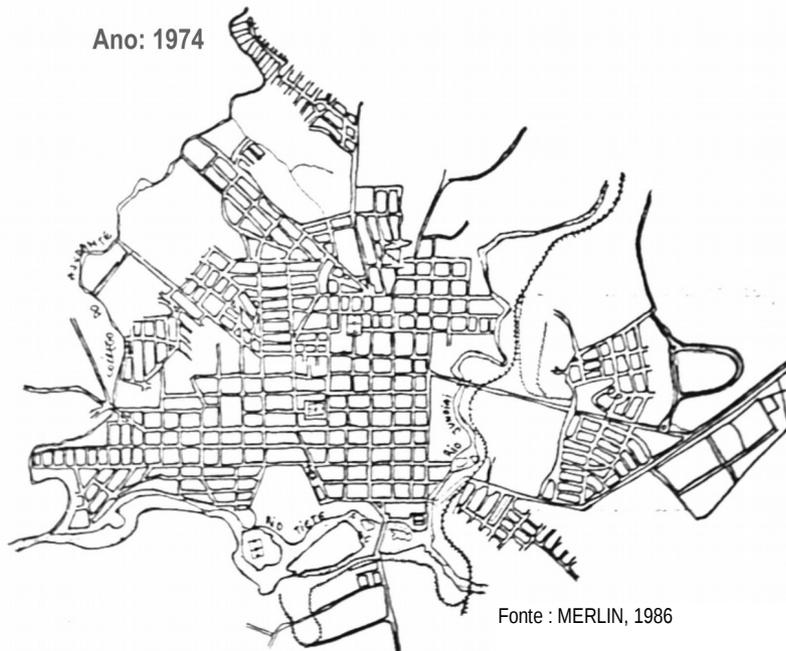
O crescimento ocorre por eixos quase radiais.

Ano: 1969



Transpõe-se a ferrovia e o rio Jundiá, mas o Tietê continua intransponível. Forma-se bolsões entre os tentáculos de expansão.

Ano: 1974



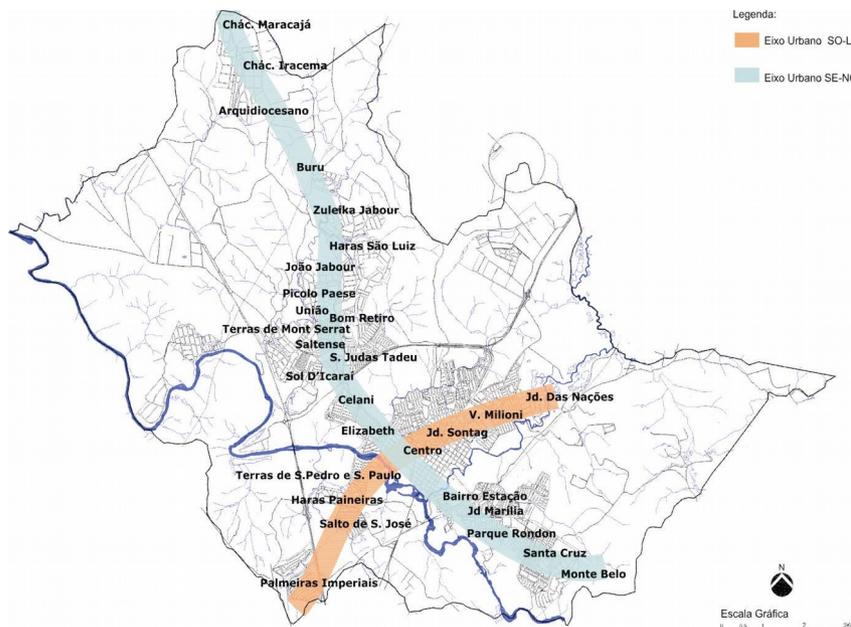
Fonte : MERLIN, 1986

Aparecem os "espaços de exceção", nas intersecções dos loteamentos, e o córrego do Ajudante limita o crescimento radial.

A cidade possui atualmente dois grandes eixos estruturadores, o eixo Nordeste-Sudeste e o eixo sudoeste-leste. No primeiro eixo localizam-se os condomínios e chácaras residenciais fechados de alto padrão que convivem com os conjuntos habitacionais, surgidos na década de 1970. Segundo o plano diretor, “estas tipologias diversificadas acabaram delimitando os bairros física e estruturalmente, criando um espaço físico fragmentado que se torna mais evidente na área ocupada pelos condomínios, verdadeiras ilhas urbanas”.²²⁵

Mapa 4 – Eixos Urbanos

O outro eixo é o primeiro eixo de expansão da cidade,



abrangendo os bairros mais antigos e mais populosos. Nesse eixo, segundo o plano, também se observa a existência de condomínios fechados, porém em menor número e com a “particularidade de estarem inseridos dentro do tecido urbano consolidado, reforçando ainda mais seu caráter fragmentador”.²²⁶

Fonte: Plano Diretor, 2005.

²²⁵ SALTO. Plano Diretor. 2005.

²²⁶ Idem.

Observa-se na comparação dos mapas nas figuras 17 e 18, que houve um grande crescimento na cidade a partir de década de 1974, com o surgimento de bairros populares e dos condomínios de alto padrão, coincidindo com a época da instalação de grandes indústrias. Esses bairros populares que surgiram a norte foram invadindo a área rural da cidade, reduzindo as chácaras significativamente. Ao sul, surgiram os condomínios.

4.3 Salto e suas Águas

O rio Tietê teve importante atuação no processo de ocupação e desenvolvimento da cidade de Salto. Primeiramente, a cidade fez parte da rota de desbravamento do interior paulista, pois as Bandeiras e Monções seguiram o curso do rio rumo ao oeste, que depois foi escolhida por muitas indústrias que ali se instalaram. As indústrias de Salto, responsáveis pelo seu desenvolvimento, foram atraídas pela possibilidade de geração de energia hidráulica. A formação do sítio era propícia para isso, num trecho sinuoso e encachoeirado, caindo cerca de 200 metros em 100 quilômetros, e mais especificamente entre Cabreúva e Salto, a declividade é de 100 metros em 30 quilômetros.²²⁷ Com a industrialização se proliferando rapidamente, a demanda por mão-de-obra é grande, o que acaba atraindo além dos trabalhadores de outras cidades, imigrantes (especificamente os italianos) que buscam emprego no Brasil.

A primeira construção de Salto, a Igreja Matriz, foi feita com vista para o salto do Tietê, e diferentemente de algumas cidades que se desenvolveram dando as costas para o rio, Salto se abriu ao Tietê, pelo menos, a princípio. Realmente o Tietê é um dos símbolos mais importantes da cidade, porém, Salto possui uma densa rede de drenagem, principalmente pela margem direita, através do rio Jundiáí (que se conflui com o Tietê) e seus afluentes, o ribeirão Piraí, o Buru, Ingá (responsáveis pelo abastecimento da cidade) e os córregos do Ajudante, Guaraú e Ituaú.

²²⁷MERLIN, 1986, p. 86.

Na análise feita para o Plano Diretor, concluiu-se que há um progressivo processo de atulhamento dos fundos dos vales e assoreamento dos canais de drenagem conseqüentes da erosão hídrica nas bacias, o que, de imediato, remete à perspectiva de redução, ao longo do tempo, da disponibilidade de água nos diversos mananciais superficiais de abastecimento público do município, principalmente nos meses de escassez de chuva. Essa conclusão foi feita com base nos seguintes dados²²⁸:

Existência de um índice extremamente baixo de cobertura vegetal natural, tanto nas áreas de maior altitude, como nas áreas de preservação permanente;

Manejo inadequado dos solos agrícolas, sobretudo nas áreas de maior suscetibilidade a erosão;

Intensa atividade de mineração, executada em menor grau atualmente que num passado recente, contribuindo para a transformação e degradação da paisagem original.

²²⁸ SALTO. Plano Diretor. 2005.

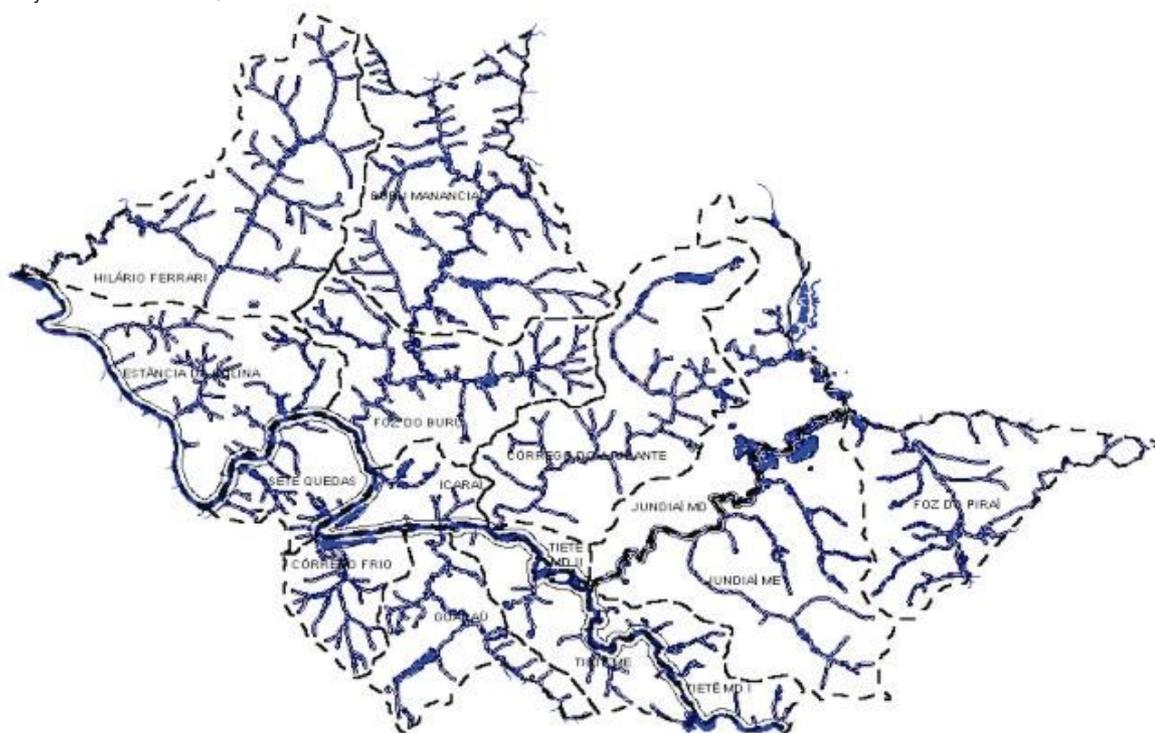
Foto 12. -Rio Tietê em Salto



Sugimoto, Flávia Tiemi. 2005

Ainda segundo informações do Plano²²⁹, de acordo com a resolução do CONAMA nº 303 de 20.03.02 que dispõe sobre parâmetros, definições e limites de áreas de preservação permanente, quer em faixa marginal de cursos d'água, ao redor de nascentes, lagos e lagoas naturais, como nos topos de morros, linhas de cumeadas, entre outros,

Mapa 5. Uso das áreas de proteção permanente

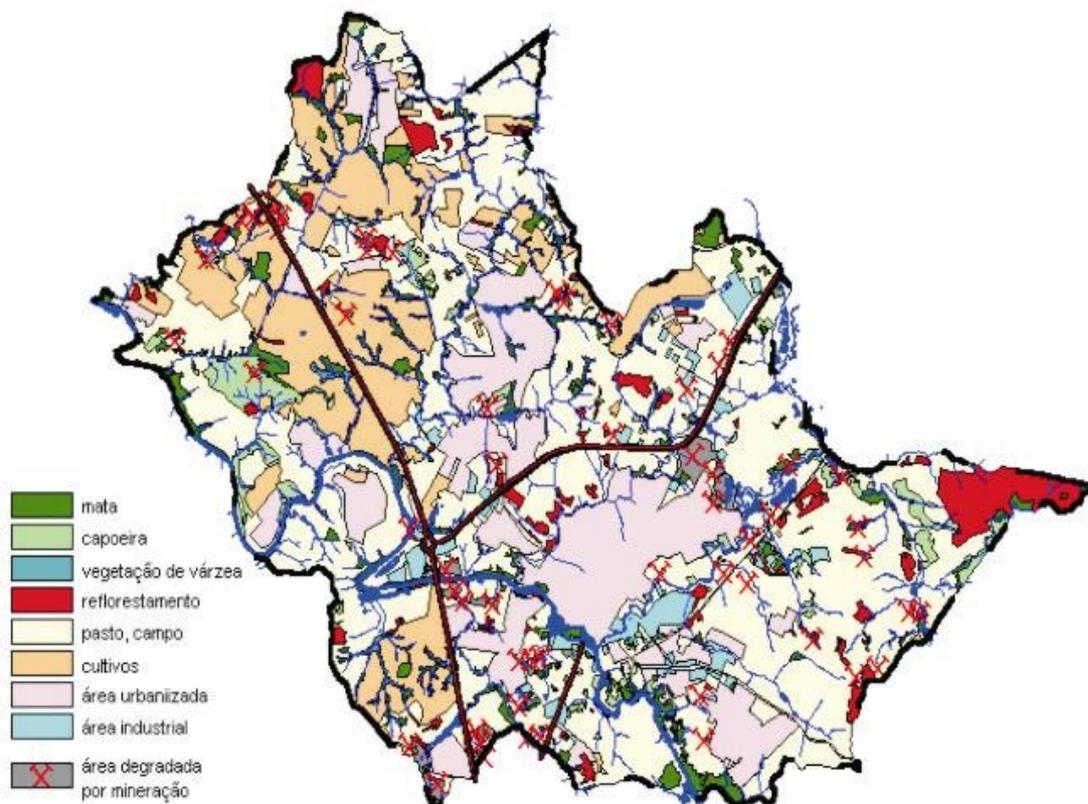


permanente (APP) ao longo dos cursos d'água no
Fonte: Plano Diretor, 2005. A área aproximada de 2.072 ha,
ocupados principalmente por pastagens.

Tabela 6: Uso do solo nas APPs

USO DO SOLO NAS APP'S	HA	%
MATA	302,40	14,59%
CAPOEIRA	175,70	8,48%
VEGETAÇÃO DE VÁRZEA	47,73	2,30%
REFLORESTAMENTO	36,73	1,77%
USO AGRÍCOLA	121,70	5,87%
USO PECUÁRIA	1.134,00	54,73%
ÁREA URBANIZADA	150,87	7,28%
ÁREA DEGRADADA POR MINERAÇÃO	25,08	1,21%
AÇUDES, LAGOAS	11,41	0,55%
OUTROS (ESTRADAS, CAMINHOS, ETC).	66,38	3,20%
TOTAL	2.072,00	100,00

Mapa 6 - Uso e Ocupação do Solo



Fonte: Plano Diretor, 2005

Os principais usos da água identificados pelo Plano Diretor são: doméstico, industrial, agrícola, lazer (pesqueiros), e geração de energia elétrica. Como já citado, são os ribeirões que fazem o abastecimento da cidade, porém estão comprometidos. Os ribeirões são: Ribeirão Piraí, Buru e Ingá. Os problemas dos corpos d'água de Salto são trazidos dos locais de origem, porém, agravados na cidade. A rede de esgoto atende 75% da população urbana de Salto, porém, não existe nenhum tratamento para os efluentes, que são lançados diretamente nos cursos. Segundo o Plano, através da atuação do Ministério Público do Estado de São Paulo, foram celebrados Termos de Compromisso de Ajustamento de Conduta entre a empresa concessionária dos serviços públicos de tratamento de esgotos domésticos e industriais do município de Salto, assim como junto à Eucatex, empresa instalada no município a cerca de 50 anos, para tratamento dos seus efluentes industriais.

Num passado não tão longínquo, era comum as pessoas nadarem no rio, pescarem, praticarem esportes, além de ser também um lugar de fruição da paisagem, que dá ao lugar um potencial espacial e paisagístico ímpar. Foi levantada por várias vezes a possibilidade do desenvolvimento turístico da cidade e ainda hoje, essa possibilidade é estudada (a cidade é hoje Estância Turística) porque se sabe que se tem um elemento atrativo, mas que está totalmente afetado pela poluição e que atualmente, é deixado de lado por sua população, que só enxerga no rio aspectos negativos, como o mau cheiro, o criadouro de insetos, a poluição.

Existem alguns projetos na tentativa de impulsionar o turismo na cidade, como o Roteiro dos Bandeirantes, onde a idéia é mostrar ao turista a rota traçada pelos bandeirantes na busca pelas riquezas e conhecimento do interior paulista. Há também o Caminho do Sol²³⁰, projeto que propõe algo semelhante ao Caminho de Santiago de Compostela, saindo de

²³⁰ "Algumas pessoas realizaram o Caminho do Sol de bicicleta e disseram não haver nenhum tipo de apoio durante o percurso. (BIKE CANAL. Disponível em: <<http://bikecanal.cosmo.com.br/roteiro/vidabike/vidabike.shtm>>. Acesso em: 20 abri. 2007).

Pirapora e terminando em Água de São Pedro. Outro projeto é o do Médio Tietê, com a proposta de formar um circuito turístico, com as cidades de Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Itu e Cabreúva e Porto Feliz. Todos os projetos ainda são incipientes e nada há de concreto, senão uma vontade de pensar o turismo na região.

Em conversa com um dos responsáveis pela elaboração do Plano Diretor de Salto, nas reuniões com os representantes da comunidade, a condição de Estância Turística foi por muitas vezes contestada, pois a população não consegue enxergar um desenvolvimento do turismo na cidade que lhe traga benefícios, porque realmente não se vê em Salto um movimento turístico.

Ao contrário da forma da cidade, a população de Salto dá as costas ao Tietê; não é muito comum encontrar pessoas passeando na praça ao lado do rio (Praça dos Amores), hoje ela é um lugar de prostituição e muito propício aos usuários de drogas. Os poucos que ainda vão à praça, senhores aposentados e passantes, quando se sentam nos bancos, ficam de costas para o rio. Em conversa com alguns moradores, eles atribuem ao rio a má qualidade de vida que se instalou na cidade, como o mau cheiro e a espuma tóxica que é produzida em decorrência dos poluentes, principalmente em dias de muito calor, e que por vezes, invadem as casas próximas ao rio.

Foto 13 – Praça dos Amores (ao lado do rio)²³¹



²³¹ SUGUIMOTO, Flávia Tiemi. 2005

Fonte: Sugimoto, Flávia Tiemi. 2005.

Algumas casas que margeiam a avenida onde os rios Tietê e Jundiá se confluem, estão abandonadas e quem ainda mora nessas casas está muito insatisfeito e só não se muda por falta de condições e oportunidade. Outra reclamação dessas pessoas é quanto aos pernilongos que por vezes infestam as casas.

Observando os arredores do rio Tietê, não se percebe nenhum movimento intenso, nem de pessoas e muito menos de visitantes, nem nos feriados e nem em finais de semana. Um morador da cidade, um senhor aposentado de 75 anos, Sr. Alfredo Costa, disse que é muito raro ver um visitante, disse que “já teve gente visitando a cachoeira, mas agora não tem mais não”. Ele disse que vai à praça porque não tem o que fazer em casa, e é o lugar mais perto de sua casa. Reclama do cheiro e não demonstra interesse pelo rio.

A população local realmente não frequenta o rio, existe uma praça localizada mais ao centro da cidade, a Praça XV de Novembro, que é o ponto de encontro das pessoas. Nas visitas de campo, observou-se uma predominância de adolescentes e jovens, porém, tinham em menor número crianças com os pais e idosos, sentados nos bancos. Em conversa com alguns jovens na praça, eles dizem “não ter nada para fazer na cidade” e quando podem vão até Indaiatuba ou Itu. Reclamam da vida noturna na cidade e dizem que “balada tem que ser em Indaiatuba”.

O movimento que existe de visitantes na cidade decorre de algumas excursões de escolas, que vão a Salto aprender sobre o rio Tietê, mas durante os dias percorridos na cidade, nenhuma excursão foi encontrada. Na análise de jornais que foi feita posteriormente, verificou-se que existiu em Salto um movimento de visitação na década de 1970, porém, que não se desenvolveu.

O rio realmente é muito bonito em Salto, a vontade é de ficar olhando por horas e horas. O barulho da força das águas também contribui para a sensação de tranquilidade e, talvez por não existir um movimento grande pessoas, essa tranquilidade se intensifica. Mas o cheiro incomoda muito, e é o que atrapalha essa fruição.

É possível sentir o odor exalado por ele a quilômetros de distância, principalmente nos dias quentes. Também é possível ver o lixo jogado no rio, são embalagens plásticas de todo tipo, se misturando à espuma.

Foto 14– Mostra a sujeira no rio²³²



Fonte: Flávia Tiemi Sugimoto, 2005

²³² SUGIMOTO, Flávia Tiemi. 2005.

A mata ciliar não está tão degradada, mesmo porque ao lado do Tietê se encontra o Parque das Lavras, local que abrigava a antiga Usina Hidrelétrica das Lavras, que foi desativada por volta de 1956²³³. Às margens do rio encontram-se o prédio da Brasital, a ponte pênsil e acima a usina de Porto Góes, do outro lado a vegetação está presente e parece conservada.

Foto 15 - Mata ciliar parece conservada apesar da poluição



Fonte: Flávia Tiemi Sugimoto, 2005

Foto 16 – Prédio da antiga Brasilita, atualmente funciona o CEUNSP²³⁴



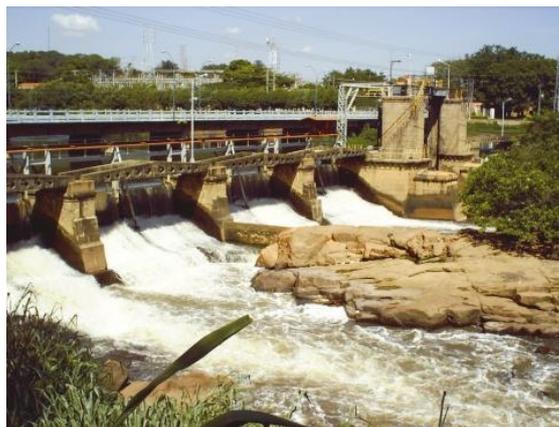
Flávia Tiemi Sugimoto, 2005

Foto 17– Ponte Pênsil



Fonte: Flávia Tiemi Sugimoto, 2005

Foto 18 – Usina de Porto Góes²³⁵



Fonte: Flávia Tiemi Sugimoto, 2005

As pessoas entrevistadas localizadas no centro comercial da cidade e na praça da igreja dizem que se lembram do rio pelo odor que exala e muitas delas dizem que nunca vão ao rio, só quando há algum evento na Concha Acústica, espaço localizado acima do rio para realização desses eventos. Quando indagadas sobre a beleza do rio, uma mulher disse que “é até bonito, mas o rio está podre”. Essas mesmas pessoas dizem nunca terem visto turistas na cidade, só uma delas disse que “de vez em quando aparece um gato pingado”, mas ela disse ter visto esse possível turista no Museu da Cidade.

Fonte:

²³³ SALTO. Disponível em: <<http://www.salto.sp.gov.br/turismo.asp>> Acesso em: 14 out. 2006.

²³⁴ CEUNSP. Disponível em: <<http://www.ceunsp.br>>. Acesso em: 2 mai. 2007.

²³⁵ SUGIMOTO, Flávia Tiemi. 2005.

Os comerciantes dos bares e quiosques, também localizados mais ao centro, dizem que o movimento deles é igual e até pior nos finais de semana, pois há menos pessoas nas ruas, também afirmam que não há turistas. Só quando acontecem os eventos esses comerciantes dizem que existe um aumento do número de pessoas e dizem que nesses dias “vem gente de outras cidades, principalmente na Semana Santa”, afirma a dona de um quiosque.

A hotelaria da cidade conta com dois hotéis muito simples (no centro da cidade) e uma pousada bem equipada, com boas instalações, localizada na entrada na cidade, próxima a um condomínio fechado de alto padrão. Tanto nos hotéis quanto na pousada, o público é formado pelos vendedores que vão a Salto, Itu e Indaiatuba, segundo informações nos locais. A pousada disse receber alguns turistas de vez em quando, mas o funcionário não soube informar quantidades e nem época do ano frequentada.

As pessoas entrevistadas acham o rio Tietê bonito, quando questionadas sobre a paisagem do local, elas imediatamente se lembram do rio, da sua cachoeira, mas dizem que “a paisagem é até bonita, mas é só isso”. Muito das pessoas entrevistadas, adolescentes, jovens e senhores, afirmaram que era melhor que o rio Tietê não existisse, pois eles acham que não há solução para sua despoluição, já que todos entendem que essa poluição vem de São Paulo, “Como vai controlar a poluição lá de São Paulo? Lá tem muita indústria, tem muito esgoto, muito lixo, e eles jogam no rio mesmo, não tem jeito não”, disse Aparecida, de 47 anos, acompanhada de sua filha Gabriela, de 15 anos. Gabriela concorda com a mãe, enfatizando que não queria o rio, com sua “extinção” muitos dos problemas sumiriam, como os pernalongos e o mau cheiro da cidade e aí sim “eu ia sentir orgulho de morar nessa cidade”, disse a menina. Os comerciantes disseram que o governo municipal “até tenta fazer alguma coisa”, mas sempre é inútil e essa é a opinião de muitos dos entrevistados.

Apesar da poluição do rio em Salto decorrer em boa parte de São Paulo, suas indústrias que estiveram por anos na cidade e as que ainda se situam

nela, também são responsáveis pelo agravamento dessa poluição. A falta de reconhecimento dos fatores locais talvez se deva, em partes, porque os saltenses desejem e até precisem dessas indústrias para ter empregos. Atualmente são as indústrias ainda que absorvem grande parte da mão de obra, e os que não conseguem emprego em Salto, trabalham em outras cidades, transformando-a em cidade-dormitório.

Ainda sobre a paisagem, cada pessoa se lembrou de um lugar, muitos citaram as praças, poucos os parques e a grande maioria, a igreja e sua praça. Alguns citaram peculiaridades de seus bairros de moradias, como a vista que se tem da cidade e até a rua tranqüila, “que não passa muito carro”.

Todas essas pessoas dizem gostar de morar na cidade, mas dizem que poderia ser melhor. Um jovem estudante, João Pedro, de 17 anos, disse que gostaria de morar em um lugar mais desenvolvido, que gostaria de ter mais opções de lazer. Outra moça disse que quer mudar de cidade para ter um melhor emprego e também porque a cidade não oferece opções de lazer, nos finais de semana, disse que fica em casa por não ter aonde ir.

Há na cidade alguns eventos que acontecem nos finais de semana, desde shows até exposições, nas praças e no Museu da Cidade e esses eventos formam a oferta de lazer da cidade.

Esse é o preço que a cidade está pagando pela industrialização desgovernada, pela falta de planejamento, e o mau uso dos recursos naturais, como os rios e ribeirões, além dos problemas trazidos pela região do Alto Tietê. O mesmo rio que no passado foi responsável pelo desenvolvimento de Salto, hoje está totalmente poluído, em grande parte devido à poluição que já vem da Grande São Paulo, mas agravado pela sua má utilização pelas indústrias, pela população e pelo descaso do poder público. O mesmo rio que foi responsável pelos áureos anos de desenvolvimento, hoje é visto como um elemento negativo da cidade, que ninguém dá atenção, que as pessoas dão as costas e não desejam olhá-lo, mas que está ali, ainda imponente, ainda belo, tentando resistir e existir.

É fascinante ver a forma que o rio Tietê adquire nessa região, visualmente não se parece em nada com o rio

que se vê canalizado pelas avenidas marginais na cidade de São Paulo, ele parece que ganha vida novamente nas quedas e com toda força de suas águas, parece gritar por socorro, pois essas águas não estão muito diferentes das poluídas em São Paulo, apenas tem mais força.

Salto deve todo seu desenvolvimento à presença do rio, também pela sua localização que é bem estratégica, mas o rio foi o condicionante de todo seu progresso e é ele quem atribui riqueza à paisagem local. É ele quem dá a cidade sua especificidade, o seu desenho próprio, e a torna tão bela. É ele quem já deu aos seus moradores o que comer, o que beber, onde se divertir e uma paisagem para se contemplar.

É triste ver que um elemento da paisagem tão importante, que é marca da cidade de Salto, esteja tão sem visibilidade e seja tão rejeitado, como atualmente ele é por seus moradores. Um elemento que deveria ser o condicionante da vida na cidade, é algo que as pessoas enxergam como ponto negativo ou preferem apenas ignorar ao invés de tentar resgatar o que ele foi no passado e torná-lo um elemento com significado. Porém, perceber o rio e todas as suas implicações, por si só não garante nenhuma mudança. A diferença seria se, através dessa valorização do rio, as pessoas lutassem por ele, buscassem entender os processos históricos do rio na cidade para, desse forma, encontrar meios para que ele volte a ser um rio de uso.

Essa valorização que não se percebe em muitas pessoas na cidade, é muito evidente nos mais jovens, que não conviveram com os tempos de um rio limpo. Nos discursos dos mais velhos, mesmo a conformidade que demonstram, através de suas lamentações, é possível perceber que eles enxergam as transformações ocorridas no rio, através das lembranças de quando nadavam, pescavam e se divertiam no Tietê.

Na minha mocidade, eu vinha aqui no rio pescar com meu pai e meus irmãos. Nós se divertia muito. Minha mãe lavava as roupas aqui, e nós comia os peixes. Era pintado, jaú,

*vixe, pesava mais que eu de moleque. Agora tá aí, não dá mais nada, nem pra nadar*²³⁶.

Negando-se essa paisagem, nega-se todo o seu patrimônio cultural também (aqui entendendo-se também a natureza como patrimônio cultural), pois se são as paisagens (paisagens são fatos culturais enquanto é um modo de ver) que formam a identidade de um lugar, a especificidade dos lugares e são elas que dão às pessoas a sensação de pertença ao lugar (através do espaço) e da possibilidade de memória do lugares (através do tempo), além de significados (forma, função, sentido)²³⁷, negá-las, é negar ao próprio lugar, a não percepção de um elemento (nesse caso, o rio) que dê significado ao lugar ou sua negação no cotidiano das pessoas e das paisagens que formam esses lugares é o que se chama de desterritorialização dos lugares, ou não-lugares. “A paisagem remete à idéia de território e, portanto, ela é essencial à vida, para a vida consciente, mesmo quando vista como mercadoria”²³⁸.

Infelizmente essa negação dos lugares, essa falta de percepção, da falta do imaginário, é característica do país como um todo, quando se diz que somos um país sem memória, é a referência a esse esquecimento do que levou as cidades e o país a serem o que são hoje.

Um dos maiores desafios mundiais é encontrar uma saída para o caos urbano em que se transformaram as cidades, pela falta de planejamento, de visão, de conhecimento, pela busca desenfreada de progresso e que resultaram no quadro que se presencia atualmente. Os gestores estão buscando encontrar alternativas para uma melhor qualidade de vida das populações, mas de nada adianta se essa falta de significado atribuída aos lugares continuar. É preciso que as pessoas se sintam realmente pertencentes ao seu lugar, é preciso que elas reconheçam, valorizem e lutem por melhores condições. O que todos buscam e desejam são bons lugares para se viver, mas para

²³⁶ Irineu Barbosa, 87 anos.

²³⁷ MENESES, 2005.

²³⁸ Idem.

isso é preciso e que esses lugares sejam reconhecidos, seja sinônimo de boas lembranças, que ele seja o palco da vida e das lutas para um vida mais digna a que todos têm direito.

4.4 Os Jornais

Outra forma de tentar entender as relações das pessoas com o rio Tietê em Salto, foi através das análises de artigos publicados nos jornais da cidade, que são *O Trabalhador* (nesse jornal foram encontrados artigos apenas da década de 1950), que não existe mais, e *O Taperá*.

O jornal *O Trabalhador* possui todo um discurso religioso (o Padre era o principal redator), e *O Taperá* também noticia com frequência assuntos religiosos, o que evidencia essa forte característica da cidade. Os jornais foram analisados a partir da década de 1950 até 2006. Para se ter maior respaldo sobre o que foi noticiado em Salto, em suas temáticas e formas de abordagens foi pesquisado também artigos encontrados no jornal *Folha de São Paulo*.

Tabela 7 - Temáticas recortadas nos Jornais O Taperá e O Trabalhador

ASSUNTO	QTD.
Abastecimento de Água	7
Pernilongos	3
Romarias	3
Turismo	7
Generalidades consideradas relevantes	2
TOTAL	22

Tabela 8 - Temáticas recortadas no jornal Folha de São Paulo

ASSUNTO	QTD.
Turismo	4
Rocha Moutonné	3
Póitica	8
Poluição (das águas e do ar)	7
Abastecimento de Água	2
Generalidades consideradas relevantes	14
TOTAL	38

Um fato curioso encontrado na pesquisa com os jornais em Salto é a pouca frequência que o rio Tietê é noticiado, se comparado à importância que ele tem, tanto como elemento de sua configuração territorial, sua importância histórica e na atratividade de investimento que trouxe à cidade. Esse fato pode ser entendido como resultado do desinteresse da população pelo rio.

A grande queixa da população e que estampava boa parte dos jornais analisados era a falta de água que acometia a população até meados da década de 1960. Em outubro de 1968 o jornal *O Taperá* publicou um artigo onde dizia que o maior problema de Salto era o abastecimento de água da população, que mesmo sendo a cidade beneficiada pelos diversos córregos e rios presentes nela, sua população sofria com o problema. Segundo o artigo, o problema que vinha em seguida era a falta de pavimentação das ruas e a poeira resultante das indústrias. Esse artigo, reivindicando uma solução ao problema da falta de água foi publicado em 19/10/1968. O mesmo jornal publicava em 26/10/1968 outro artigo intitulado: “Finalmente a água”, que noticiava a instalação de uma nova adutora que levava a água até as casas. A capacidade era para atender até 120.000 habitantes (a população atual de Salto é de 102.060, segundo os dados do IBGE de 2004). Com a aparente resolução do problema de água, o artigo terminava com grandes agradecimentos ao Prefeito e à Câmara, que para a resolução do problema, foram pedir auxílio ao Governo do Estado. Porém, essa adutora não entrou em funcionamento devido, segundo o artigo à falha da empresa responsável pela sua instalação. Segundo um outro artigo, publicado também em 1968, dizia que essa empresa resolveria o problema dentro de 20 ou 30 dias.

Porém, o problema da falta de água em Salto parece não ter sido resolvido tão cedo. A *Folha de São Paulo* publicou em 11/11/1983 que a cidade estava sofrendo com a escassez de água e mesmo com algumas medidas, como a instalação de mais uma bomba funcionando, a população ainda estava sofrendo com o seu racionamento. Em 24/08/1984, outro artigo na *Folha* dizia que um estudo feito pela **CETESB** acusava o consumo excessivo das residências e das indústrias, o que fez com que se elevasse o preço cobrado pelo uso da água, na tentativa de racionamento por parte dos usuários.

Um outro assunto que diz respeito aos corpos d’água em Salto é a infestação de pernilongos na cidade. Esse assunto foi levantado por várias vezes e por grande parte dos moradores nas conversas e entrevistas com a população, que se queixaram dos incômodos trazidos pela mosquitos, pelos artigos dos jornais, parece ser um assunto que incomoda os moradores de Salto há bastante tempo. O *Taperá* publicou uma nota dizendo:

Quando é que o Executivo Municipal, ou quem de direito, vai tomar as providências no sentido de que seja procedida a limpeza dos rios e córregos da cidade? Com o calor que tem feito os pernilongos praticamente invadiram a cidade, não dando sôsego a ninguém. Quer dizer: calor mais pernilongos é igual a irritação e todos nós estamos irritados. Não custa muito resolver o problema, não?²³⁹

Em outro artigo, também publicado no *Taperá*, os pernilongos foram tema da insatisfação. Nesse artigo, ironicamente, dizia-se que a falta de atenção com a limpeza dos rios e córregos era porque o Prefeito estava muito ocupado

²³⁹ O TAPERÁ (02/11/1968). Disponível em: <<http://taperá.uol.com.br/>>. Acesso em 02 mai. 2007.

com a resolução do problema da falta de água. O assunto sobre os pernalongos voltou aos noticiários em 1977, porém, como mencionado, é um problema que até hoje atormenta a população.

Os outros assuntos relacionados à questão da água em Salto e que interessam à pesquisa, referem-se à tentativa de desenvolvimento turístico na cidade. A romaria, prática muito antiga na cidade, que demonstra a religiosidade de sua população, atrai algumas pessoas de cidades vizinhas e acontece todos os anos, mas o maior público é a comunidade local. Os jornais da cidade noticiam todos os anos essa romaria, que sai de frente à igreja Nossa Senhora do Monte Serrat e vai até Pirapora do Bom Jesus. Os artigos que falavam sobre o turismo, na verdade eram sempre uma tentativa de alavancar a atividade, embora demonstrem que teve na década de 1970 um movimento de visitantes na cidade.

Com a construção de um restaurante panorâmico, à beira do rio Tietê, Salto parecia estar otimista com relação ao seu desenvolvimento turístico, tanto que em 05/1968 (os jornais não tinham a data completa, apenas o mês e ano), foi publicado um artigo no Taperá dizendo que o Prefeito tinha solicitado à Caixa Econômica um empréstimo para a construção de um hotel municipal, que poderia trazer “o incremento de sua indústria turística”.

Com essa preocupação sobre o possível desenvolvimento turístico de Salto, um artigo²⁴⁰ que dizia que faltava à população e ao governo da cidade a mentalidade turística, que não percebiam como poderiam atrair mais turistas e ofertar mais atrativos aos que já freqüentavam a cidade:

Temos observado, principalmente aos domingos, que um bom número de visitantes para cá vem, de carro ou de ônibus [...]. Visitam o jardim, vão até a parte superior do Restaurante do Salto, para apreciar a paisagem, atravessam a ponte pênsil e voltam. Alguns permanecem alguns momentos sentados nos bancos do jardim (por sinal nada confortáveis), sendo poucos os que ficam mais do que 1 ou 2 horas e isso só acontece com os que trazem as crianças, que divertem-se no ‘play ground’ existente ao lado da Brasital.²⁴¹

Porém, parece que essa mentalidade turística não aconteceu na cidade, em 1977 foi publicado um artigo que dizia que o turismo na cidade continuava abandonado, inclusive com o abandono da manutenção da ponte pênsil, que ficou um tempo interdita e que, após alguns “remendos” o acesso estava liberado. No mesmo ano outro artigo pedia o melhor aproveitamento da Ilha dos Amores (praça ao lado do rio Tietê), que estava abandonada. Em 1981, a rocha Moutonné, forma de rocha rara no mundo, foi tombada e com isso veio a proposta da criação de um parque turístico. O que se conseguiu foi a criação de um parque para a proteção dessa rocha, mas a manutenção e a visita continuam hoje, precários.

Em 1985, o restaurante panorâmico, obra que gerou grandes expectativas para alguns sobre a potencialidade turística da cidade, já estava desativado (segundo artigo da Folha de São Paulo, de 07/08/1983, devido à poluição do Tietê, a falta de água e a má administração). Em 1985 *O Taperá* publicou: “E o nosso Turismo?”. Nesse artigo, mostra-se a decepção frente à atividade que muitos desejavam ver acontecer, mas que parece, nada foi feito efetivamente para isso:

²⁴⁰ O TAPERÁ. Mentalidade Turística. Set.1973. Disponível em: <<http://tapera.uol.com.br/>>. Acesso em 02 mai. 2007.

²⁴¹ Idem.

Passados vários anos, contata-se que a situação não se modificou: não voltamos a ter um Restaurante Municipal, os pontos que poderiam se constituir em atração turística continuam abandonados e não se conhece nenhum projeto visando incrementar esse setor²⁴².

Em outro artigo, sobre a política em Salto, a *Folha de São Paulo* de 31/06//1977, publicou que o ex-prefeito da cidade estava sendo acusado de irregularidades na sua gestão. Entre as acusações, destacam-se o desvio de dinheiro público e irregularidades no restaurante panorâmico. Nessa época, parece que houve na cidade escândalos políticos, que envolveram não somente o prefeito como também um padre da cidade.

Nos jornais locais não foram encontrados artigos falando sobre o escândalo político, mas a *Folha* publicou em 02/04/1977, 23/03/1977, 23/06/1977, e 31/06/1977 artigos falando sobre o fato. O grande problema veio à tona quando o ex-prefeito e alguns vereadores (com mandatos até 1976) foram acusados pelos crimes, sendo que um deles era de desvio de dinheiro público para financiar um filme de pornochanchada intitulado “Pesadelo sexual de um virgem”. Nesse filme apareciam o ex-prefeito, o vereador (acusado com ele) e o padre da cidade.

Conjuntamente com as acusações sobre o ex-prefeito, surgiu uma briga entre o prefeito sucessor (em 1977) e o padre, que disputavam a organização e a decisão do destino da verba de uma festa religiosa que acontecia todos os anos na cidade. Segundo a *Folha* de 23/03/1977, “cerca de setenta mil pessoas visitam a cidade nessa época”. Dessa briga decorreu a cassação do título de Cidadão dada anteriormente padre, e não foram encontrados artigos falando no resultado da briga e das acusações. Nos jornais locais não foi encontrado nenhum artigo noticiando a briga nem os escândalos políticos. Talvez, pela religiosidade da cidade ter um padre envolvido em escândalos não seria pertinente.

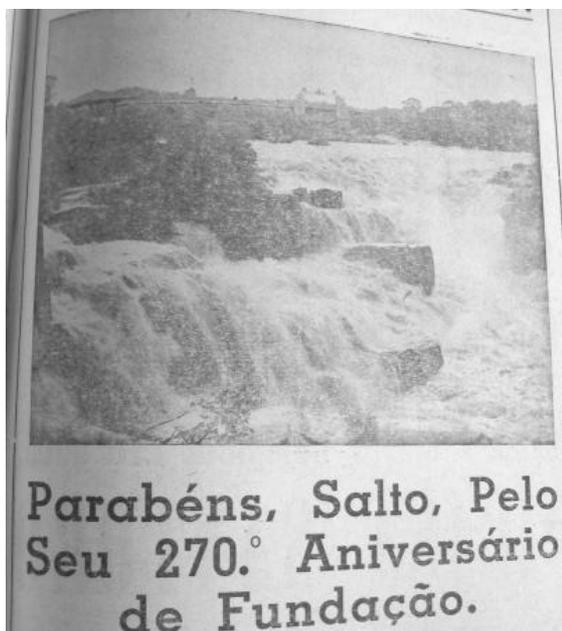
Um morador da cidade, Jesus Mauro, 58, opinando sobre sua cidade, disse que atualmente Salto é uma cidade dormitório, porque não oferece empregos e o governo municipal não faz nada para reverter o quadro. Segundo Sr. Jesus, Salto possui uma localização estratégica, está localizada próxima a São Paulo, servida de boas rodovias de acesso, com riquezas naturais, e servida por ótimos mananciais, embora poluídos, essas características não deveriam colocar Salto na situação que se encontra, enquanto que cidades próximas como Itu e Inadaiatuba estão se desenvolvendo a olhos vistos. Ele afirma que não há vontade política em melhorar a cidade para seus moradores e por isso também existe o descaso com o rio; para ele, a questão é totalmente política.

A grande surpresa da pesquisa nos jornais locais foi a pouca frequência com que o rio Tietê foi noticiado. Mesmo fatos importantes como a produção de espuma tóxica ou o mau cheiro do rio que se sente de longe, decorrente da extrema poluição que sofre, não são noticiados, o que mostra que a cidade e sua população não vêem o rio, parecem não ligar para ele. A contradição é que o cartão postal da cidade, a imagem que estampa a comemoração do aniversário da cidade é a queda do Tietê. Sobre a poluição, os jornais noticiavam mais a do ar, produzido pelas fábricas e que era motivo de intenso desagrado.

Figura 5 - Propaganda de Salto²⁴³

²⁴² O TAPERÁ. E o nosso turismo? 1985. Disponível em: <<http://tapera.uol.com.br/>>. Acesso em 02 mai. 2007.

²⁴³ *Ibid.*, 1968.



Fonte: Jornal O Taperá, 1968

Diferente é o que se encontra noticiado na *Folha de São Paulo*, que não somam grande quantidade de notícias, mas referem-se mais precisamente ao Tietê do que os jornais locais. A poluição e a espuma tóxica são assuntos abordados, além do turismo, que é muito enfatizado, como se Salto fosse um destino muito procurado pelos turistas.

Na comemoração dos 279 anos de Salto, a *Folha* publicou em 14/06/1977 um artigo que dizia que “por suas belezas naturais, o turismo em Salto é muito desenvolvido, com maior atração para a cachoeira do rio Tietê, também afetada pela grande quantidade de espuma”. A espuma que não foi encontrada registrada nos jornais da cidade de Salto é assunto na *Folha*. Em fevereiro de 1977, uma nota dizia que Salto estava enfrentando o problema da espuma, que invadiu as casas próximas ao rio e alertava para o perigo que poderia causar à saúde. Na nota, dizia-se que entre a população ocorriam comentários diversos, entre eles que essa espuma poderia ser um atrativo turístico, “encarando como o cartão postal de Salto”, outros diziam achar bonito porque se parecia com a neve. No final da nota, estava escrito: “Enquanto isso os peixes não sobrevivem às águas do rio completamente poluídas e não se ouve falar em qualquer tentativa de solução por parte das autoridades estaduais ou municipais”²⁴⁴.

Em 23/11/1980, a *Folha* publicou um artigo falando sobre a poluição industrial que Salto estava enfrentado.

Por causa da poluição, “fora das escolas e dos hospitais de portas e janelas fechados, o ambiente é cinzento e carregado de fumaça e, na Avenida dos Trabalhadores, as manchas escuras vão-se sucedendo em baforadas constantes que saem das chaminés da Emas. Na mesma avenida, outra empresa, a Eucatex lança aos ares a

²⁴⁴ Folha de São Paulo, 13 fev.1977.

*serragem dos seus picadores de madeiras, que processam mil metros cúbitos de eucalipto por dia, formando montanhas de resíduos de 15 a 20 metros*²⁴⁵

Já em agosto de 1983, a *Folha* voltava a noticiar a espuma que estava invadindo as ruas e algumas casas de Salto. Com tamanha poluição do rio, em janeiro de 1985 foi publicado na *Folha* um artigo intitulado: “Surpresa em Salto: um peixe no Tietê”. O aparecimento de um peixe na cidade seria tão raro, que mereceu um destaque no jornal.

Um artigo da *Folha*, de 25/05/1984, publicou que seria feita uma “marcha ecológica” organizada pela Prefeitura para a preservação do rio Tietê. Para essa marcha estavam sendo convidados vários prefeitos de outras cidades. Não foi encontrado posteriormente, nenhum artigo falando de como foi essa passeata, nem nos jornais locais e nem na *Folha*.

Assim como em Barra Bonita, o Tietê foi o responsável pelo surgimento de Salto e de seu desenvolvimento. Como já citado, o rio possui na cidade uma configuração de grande beleza e é utilizado como símbolo da cidade, que diferente de grande parte das cidades que dão as costas aos seus rios, Salto se desenvolveu de frente para ele. Porém, as pessoas parecem ignorar sua existência, tanto nas conversas com os moradores, que na verdade só se queixam dos problemas com o rio e não vêem nele nenhuma perspectiva positiva, quanto nos jornais (principalmente locais), que não se interessam por ele, não levantam questões importantes como o que é mais evidente, sua poluição, ou seja, a cidade parece se mostrar apática diante do Tietê, ao invés de denunciar, reivindicar ou apenas noticiar, preferem esquecer sua existência.

²⁴⁵ Folha de São Paulo, 23 nov.1980.



Capítulo 5

BARRA BONITA

5. BARRA BONITA

5.1. Características do município

Foto 19 - Foto de satélite de Barra Bonita



Barra Bonita se situa no Médio Tietê Inferior e seu nome é devido a um córrego, afluente do Tietê, com o mesmo nome²⁴⁶. Barra Bonita se localiza na região central do Estado de São Paulo, à margem direita do rio Tietê, a 280 KM de capital. Faz limites com os municípios de Jaú, Igarapu do Tietê, Mineiros do Tietê e Macatuba. As rodovias de acesso são: Castelo Branco, Marechal Rondon, Otávio Pacheco de Almeida Prado, Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros.

Segundo o Plano Diretor de Turismo de Barra Bonita,

[...] sua localização geográfica, as terras roxas e os indícios de existência de minerais precisos, atraíram para lá imigrantes espanhóis e italianos

que deram início ao plantio do café, à criação de gado e outros tipos de exploração de recursos existentes.

A história de Barra Bonita bem como seu desenvolvimento só foi possível de serem reproduzidos nesse trabalho, através dos fatos históricos descritos por uma antiga moradora da cidade, Celia Stangherlin, que publicou esses fatos na tentativa de um resgate dessa história, que segundo a autora, “está perdida nos prédios históricos, nos jornais antigos, na memória das antigas famílias”. A história de Barra Bonita, segundo a autora, é bastante duvidosa e contraditória, devido as diversas fontes que na verdade guardam os resquícios e não a história completa.

Barra Bonita foi elevada à município em 1912 (antes pertencia à Jaú), com sinais de desenvolvimento econômico, porém, em 1930 “seu progresso foi prejudicado tanto pela estagnação econômica geral como pela falta de acessos e meios de transporte adequados para escoamento da produção de café e cereais”²⁴⁷. Segundo o Plano Diretor de Turismo, na década seguinte, houve uma sucessão de melhoramentos públicos, como a abertura de novos loteamentos, instalação de indústrias e, principalmente, o incentivo ao cultivo da cana-de-açúcar.

O cultivo da cana trouxe desenvolvimento à maioria das cidades do interior paulista, que por anos tiveram no café sua principal economia, porém, com a crise cafeeira, a cana-de-açúcar foi a solução para economia de muitas cidades e se tornou monocultura em Barra Bonita, que atualmente é uma grande produtora de cana, sendo a principal atividade econômica do município. Através da Usina da Barra, hoje integrante do Grupo Cosan, é atualmente a maior produtora mundial de açúcar e etanol do mundo, em capacidade de moagem da cana²⁴⁸.

²⁴⁶ “Os denodados sertanistas que partiram de Porto Feliz para se embrenharem nos sertões do oeste brasileiro, foram os primeiros visitantes de cultura Luzitana a pousarem nesta paragem que pretendemos descrever. Depois de navegarem pelas águas tranquilas do Anhembi, nas cercanias do Município de Piracicaba, depararam de súbito, com a corredeira do Barreirinho, que existia onde está hoje localizada a represa de nossa Hidrelétrica. Certamente, na jornada que viveram nessa descida vertiginosa, onde através do arrojo e da luta que travaram com as águas furiosas e os imprevistos da aventura, esses navegantes que foram os conquistadores e dilataram as fronteiras do Brasil testaram sua coragem e sua fibra. O cansaço e a tensão que experimentaram nessa primeira refrega, quase prostando-os de fadiga,

serviram para evidenciar, como contraste, uma recompensa dadivosa, proporcionando-lhes de imediato, um sítio ameno e encantador, para um repouso confortante. Entre a mata exuberante e o rio cristalino, destacava-se uma orla de areia alvíssima, formada no estuário de pequeno córrego caudaloso, que deságua no Rio Tietê. Ao entardecer, descambando o sol no horizonte, a natureza oferece um espetáculo deslumbrante, impregnando a vista do visitante com as cores de uma cena paradisíaca. Como se principiasse uma tempestade de luz, céu e terra se transformavam, ruborizados de início, para um momento despejarem cintilantes raios luminosos, numa fantasia cromática, intercalando matizes, como uma festa de focos e faróis deslumbrantes. Esse espetáculo de natureza marca na memória do visitante, como que uma referência de destaque, apontando como estaca, ao reencontro, às futuras jornadas, a lembrança do expressivo título que ficou para sempre, ressaltando e nomeando o local que nos acolhe: Barra Bonita”. <http://barrabonitaonline.vilabol.uol.com.br/histdados.htm>. acessado em 12.05.2005

²⁴⁷ BARRA BONITA. Plano Diretor de Turismo. 1998, p. 23.

²⁴⁸ GRUPO COSAN. Disponível em: http://www1.cosan.com.br/unidades_barra.aspx. Acesso em: 12 abr. 2006.

Foto 20 - Foto aérea de Barra Bonita, que mostra a intensa ocupação das margens²⁴⁹



Segundo Stangherlin²⁵⁰ a primeira construção da cidade foi uma “casa de comércio e residência”²⁵¹ localizada a 300 metros da margem do rio Tietê. A partir dessa construção o povoado foi surgindo e a cidade se expandindo, tomando o cuidado de manter certa distância do rio, porque temiam as enchentes. Do outro lado do rio, onde atualmente se situa Igarapu do Tietê, estava a cidade de São Manoel e o tráfego entre as duas cidades era intenso, sendo que problemas técnicos com a balsa e as enchentes atrapalhavam muito. Então em 1915 foi inaugurada a ponte Campos Salles, que liga os dois municípios.

Barra Bonita possui uma população de 32.810 habitantes, com densidade demográfica de 236 habitantes/KM2, segundo o plano, sua área é de 139 quilômetros quadrados e a taxa de urbanização atinge 94,32% (dados do Plano Diretor de Turismo). Além da Usina da Barra, a cidade ainda conta com mais 105 indústrias, segundo informações do Plano, dos quais 31% são produtores de cerâmica, porém, que tende a se exaurir nos próximos anos, devido a escassez e dificuldade da extração de argila, feita no Tietê. Prova disso é a migração dos artesãos para outras cidades em busca da matéria-

²⁴⁹ BARRA BONITA. Plano Diretor de Turismo, 1998.

²⁵⁰ STANGHERLIN, Célia. Barra Bonita cem anos de história. Barra Bonita: Evergraf, 1999.

²⁵¹ “A data de construção dessa casa é duvidosa, assim como vários fatos históricos na cidade. Segundo Stangherlin, na “versão oficial” a data corresponde 1883, porém, em uma publicação de jornal de 1939, consta que a construção é de 1887”.

prima. O turismo é outra atividade que movimenta a economia da cidade.

A paisagem de Barra Bonita começa a mudar, segundo Stangherlin²⁵², quando se instala na cidade a primeira usina de açúcar e álcool, a Usina Barreirinho. “A paisagem se modificou, o verde azulado dos cafezais foi cedendo ao verde folha dos canaviais e, surge a Usina de Açúcar Barreirinho”²⁵³. Em 1946 é inaugurada a Usina da Barra que se transformou no maior potencial da cidade, e também a maior geradora de empregos.

A cerâmica em Barra Bonita também foi destaque nacional. Segundo Stangherlin²⁵⁴, na década de 1950, a cidade era considerada “o maior parque ceramista da América do Sul”. A matéria-prima era “retirada das várzeas e das áreas inundadas junto ao rio Tietê” e atualmente a escassez dessa matéria impossibilita a fabricação, como mencionado.

5.2 O rio

O rio Tietê é o principal atrativo turístico e também de lazer da população local. Como suas águas apresentam níveis razoáveis de qualidade (já em comprometimento na área urbanizada), as pessoas conseguem pescar, é comum ver barquinhos com pescadores no meio do rio, ou mesmo nas suas margens. As crianças também nadam no rio (embora não seja recomendado) e constituem parte da paisagem do Tietê em Barra Bonita. Outra característica marcante da paisagem de Barra Bonita é a plantação de cana-de-açúcar, que pode ser vista de qualquer ângulo que se olhe o horizonte.

O rio Tietê sempre foi o elemento condicionante da vida em Barra Bonita. Antes da fundação da cidade, já existia no local um porto, e após sua fundação, o rio continuou sendo importante via de transporte de mercadorias. Com o advento da ferrovia, as embarcações que faziam o transporte, chamadas de vapor, foram desativadas, pois a ferrovia possibilitava maior rapidez, e

²⁵² STANGHERLIN, 1999, p. 71.

²⁵³ Idem.

²⁵⁴ Idem.

posteriormente, com a construção da hidrovia, o transporte fluvial voltou a ser atividade importante para a cidade.

Barra Bonita também sofria com os prejuízos causados pelo rio. As enchentes aconteciam sempre que chovia demais e elas foram parcialmente sanadas após a construção da Usina Hidrelétrica que represou o rio. A ligação entre Barra Bonita e Igarapu (separados pelo rio) é feita através de uma ponte, Ponte Campos Salles. Essa ponte se abria para a passagem das embarcações. Com o tempo, e o aperfeiçoamento dessas embarcações, houve a necessidade de se abrir um canal para a passagem, e esse canal também ajudou na prevenção das enchentes.

Foto 21 - Foto Ponte Campos Salles



5.3. Turismo e lazer

Das margens do Tietê em Barra Bonita se vê Igarapu e essa cidade é um elemento que também compõe a paisagem de Barra Bonita. Igarapu do Tietê é também uma Estância Turística e também vive do cultivo da cana. Se vista de Barra Bonita, encontram-se nas suas margens máquinas de extração de areia e olarias. Distanciando-se da cidade, a paisagem muda, a ocupação das margens fica por conta das chácaras de lazer e dos hotéis, mas ainda assim o uso é menos intenso que em Barra Bonita, embora a atividade esteja se desenvolvendo.

Vista pelo lado de Igarapu, a ocupação da margem do rio por Barra Bonita é diferente, é mais intensa, mais movimentada. Observa-se como principal elemento da paisagem as embarcações de turistas e ao fundo a cidade, que se abre de frente para o rio, margeada por uma avenida (Pedro Ometo) e um passeio público, que nos finais de semana possui intensa frequência dos moradores locais (principalmente jovens e famílias) e turistas.

A região onde atualmente se percebe os maiores investimentos de Barra Bonita, na Avenida Pedro Ometo (que foi aberta para a passagem dos caminhões que transportavam a cana, na intenção de desviar o fluxo do centro da cidade), que beira o rio, é onde se concentram os turistas nos finais de semana e toda a infra-estrutura

que eles precisam (alguns hotéis, restaurantes, comércio). Além disso, é também o lugar de lazer da população, e começou a se transformar na parte principal da cidade no final da década de 1960, quando foram feitos os primeiros investimentos na região, através de um plano de urbanização. Antes dessa urbanização, o lugar era considerado a “boca do lixo” da cidade, mesmo sendo o rio utilizado pelas pessoas para lavar roupa ou pescar e esse projeto é considerado o divisor de águas em Barra Bonita.

Com investimentos nessa parte da cidade, com a melhoria da avenida, a construção de um passeio público, de áreas de lazer (quadras, *playground*, e até um “piscinão”, que atualmente está desativado), a construção de uma praça onde acontece uma feira de artesanato, a implantação de quiosques, bares e restaurantes e do teleférico, o rio deixa de ser um simples lugar para se tornar o principal lugar da cidade, onde o turismo se desenvolve e a população frequenta nos finais de semana.

Apesar de todos esses investimentos, as margens do rio estão comprometidas, e com isso, sua paisagem também. Não se percebe, no trecho urbano, a presença de mata ciliar, a erosão é visível, e as medidas para contê-las, precárias, além de uma ocupação descontrolada e sem nenhum tipo de planejamento.

Um bom exemplo de revitalização das margens do rio pode ser visto em Piracicaba, que elaborou um projeto, o Projeto Beira-Rio²⁵⁵ e que, desde 2004 vem mostrando melhorias. As características do rio Piracicaba são muito semelhantes ao Tietê em Barra Bonita. Antes da implantação do projeto, as margens, ou melhor, a Rua do Porto, era tomada por olarias e desordenada expansão turística e através do projeto, prevê-se a “prevalência do pedestre, a recuperação do patrimônio público natural e construído, o dado cultural como elemento definidor, a manutenção dos usos consolidados, a reaproximação do cidadão com o rio”.

²⁵⁵ PORTAL DE ARQUITETURA. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/institucional/inst118/inst118.asp>>. Acesso em: 03 dez. 06.

Foto 22 - Trilha: Rio Piracicaba: Avenida Beira Rio²⁵⁶



²⁵⁶ Idem.

Foto 23- Rio Piracicaba²⁵⁷



²⁵⁷ Idem.

Foto 24 – Área de Lazer (Playground) em Barra Bonita.



O atrativo turístico mais procurado em Barra Bonita é o passeio de barco pela eclusa, onde os turistas têm a oportunidade de conhecer esse imenso projeto de engenharia, a eclusa e a Usina Hidrelétrica de Barra Bonita. No passeio de barco, as pessoas são incentivadas a todo o momento a olharem a “natureza” da cidade, que se vangloria por ter um rio totalmente livre da poluição, ao contrário dos moradores da cidade de São Paulo, que são obrigados a conviverem com o rio poluído e com usos inexistentes (muitos dos turistas são provenientes da capital). Porém, as pessoas não percebem que estão exatamente sobre o maior impacto de transformação da paisagem natural na região, inundada para a construção da hidrelétrica

Segundo Kelman, Pereira, Araripe Neto e Sales²⁵⁹, os impactos ambientais com a implantação de usinas hidrelétricas são bastante consideráveis, “quase todos de caráter local, tais como re-assentamento de populações ou deflorestamento, para a implantação da barragem e do reservatório”. Além disso, segundo os autores, esses prejuízos despertaram, a partir dos anos 80, ações políticas das comunidades locais que se sentiram prejudicadas e de ambientalistas e por outro lado, “os setores beneficiados, por serem de difícil mobilização, em geral, não se manifestam”²⁶⁰.

Para a construção da hidrelétrica de Barra Bonita foram inundadas terras de 12 municípios paulistas²⁶¹, totalizando 278 propriedades, sendo 8 em Barra Bonita, em 32.484, 91 hectares de terras²⁶².

O fato que desperta a atenção é a imagem que os turistas têm sobre o lugar. De que natureza se trata essa que se vende a todo o momento no passeio? É uma

²⁵⁹ KELMAN, Jerson; PEREIRA, Mario Veiga F.; ARARIPE NETO, Tristão A.; SALES, Paulo R. de Holanda. Hidreletricidade, São Paulo: Escrituras, 2002, p. 374.

²⁶⁰ Idem.

²⁶¹ “Os municípios são: Barra Bonita, Mineiros do Tietê, Dois Córregos, Santa Maria da Serra, São Pedro, Piracicaba, Igarapu do Tietê, São Manuel, Botucatu, Anhembi, Conchas e Laranjal Paulista”.

²⁶² GALHANO, Francisco de Assis Prado. Aproveitamento múltiplo das águas dos reservatórios das usinas hidrelétricas do Médio Tietê. 2004. Dissertação Mestrado - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004, p. 29

natureza totalmente artificializada, com intervenções tecnológicas de grande impacto e que não é percebida aos olhos dos turistas, parece até que a barragem, a eclusa e todas as comportas fazem parte naturalmente do rio, porque é essa a idéia que empresários do turismo na cidade querem transmitir.

Em conversas informais com os turistas durante o passeio de barco, todos se diziam deslumbrados com a “natureza”, com o verde e com as águas calmas e limpas do rio Tietê, sempre usando o comparativo com o rio em São Paulo. Os que não eram procedentes de São Paulo, mas de outras cidades do interior (Bauru, Presidente Prudente e Garça) enfatizaram o próprio passeio, “da descontração, da oportunidade de fazer algo diferente no fim de semana”.

Durante todo o percurso pelo rio, o comandante da embarcação é também o guia do passeio, que vai conversando e entretendo os turistas com brincadeiras e enfatizando as “belezas naturais” do rio Tietê. Alguns chegaram a dizer ser esse comandante²⁶³ um dos atrativos do passeio. Nenhuma outra informação é passada aos turistas, mesmo sendo possível perceber o esgoto²⁶⁴ sendo lançado diretamente no rio, mas para isso ninguém chama a atenção, pois estão entretidos com outras coisas. Não que seja necessário destacar no passeio o esgoto sendo lançado no rio, mas o que incomoda é o discurso utilizado, de que o rio em Barra Bonita é totalmente despoluído (se contradizendo com as placas proibindo nadar no rio), percebendo claramente a vontade de passar ao turista a imagem de um lugar perfeito e não a realidade que existe.

O córrego Barra Bonita, que corta toda a cidade, deságua no Tietê, totalmente poluído. Ele passa, inclusive,

²⁶³ “Casais que levam os filhos para conhecer o processo de eclusagem e animados grupos da terceira idade se misturam, animados pelo comandante Helio Palmesan e suas marchinhas de carnaval”. (FIDALGO, Janaina. Barra Bonita. Folha On Line. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/americanosul/brasil-barra_bonita.shtml>. acesso em: 21 nov. 2006).

²⁶⁴ “Barra Bonita tem 35% do seu esgoto tratado, numa ETE que foi inaugurada em setembro de 2005. Porém, o tratamento do esgoto não atinge ainda os hotéis”.

no quintal de muitas casas, exalando o odor ruim das agressões poluentes que sofre.

Foto 25 - Córrego Barra Bonita²⁶⁵



O turismo na cidade é exercido de forma tão desarticulada com o rio (mesmo sendo ele o principal atrativo), que o maior hotel da cidade (Hotel Estância Barra Bonita) situado às margens do Tietê, ao lado da barragem, não torna possível o contato dos turistas com o rio. Esse hotel (que era a antiga vila residencial dos funcionários durante as obras de construção da usina) poderia estar em qualquer lugar, em qualquer região, estado ou cidade, e seria o mesmo, o rio não faz diferença. Quando Cruz²⁶⁶ afirma que as paisagens do turismo são artificiais pela possibilidade de serem copiadas e coladas em qualquer lugar, sem uma história naquele lugar, esse hotel pode exemplificar muito bem o que a autora quer dizer.

Foto 26- Hotel Estância Barra Bonita²⁶⁷



Não se percebe nenhuma ligação com o Rio Tietê, mesmo sendo localizado às suas margens. A maior operadora turística do país, a CVC, tem como opção na oferta de pacotes turísticos Barra Bonita (junto com Brotas). O preço do pacote²⁶⁸ por pessoa custa R\$298,00, com duração de 2 dias. Na oferta pela loja virtual, são mostradas duas pequenas fotos do rio e todas as outras do hotel, que se localiza às margens do Tietê, mas onde também não cria-se nenhuma relação com ele.

Em conversas com os hóspedes do Hotel Estância Barra Bonita (15 pessoas, onde 10 adultos e 5 idosos, todos acompanhados de suas famílias e procedentes de São Paulo), quando questionados sobre o rio, ninguém soube dizer muita coisa sobre ele, a não ser aqueles que fizeram o passeio da eclusa (dos 15 entrevistados, 08 haviam feito o passeio). Disseram que era impressionante ser o mesmo Tietê que eles vêem em São Paulo. Também disseram que o rio não tinha sido o atrativo, mas sim a tranquilidade do interior.

Apesar do turismo ser uma atividade importante na cidade sob o ponto de vista econômico, a forma como ele vem sendo desenvolvido é, no mínimo, contestável. A imagem que se passa não é a verdadeira, e como os turistas são incentivados a olharem de uma forma planejada, eles não conseguem perceber a real natureza da região e do próprio rio. Porém, todos saem satisfeitos com o passeio, acham tudo muito bonito.

²⁶⁵ SUGUIMOTO, Flávia Tiemi, 2006.

²⁶⁶ CRUZ, 2002.

²⁶⁷ HOTEL ESTÂNCIA BARRA BONITA. Disponível em: <<http://www.barrabonita.com.br/template3>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

²⁶⁸ "Preços por pessoa em apartamentos duplos, cotado em 01/12/2006". (AGÊNCIA DE TURISMO CVC. Disponível em: <<http://www.cvc.com.br/lojavirtual/hoteis>>. Acesso em: 01 dez. 2006).

Outro ponto turístico da cidade é a feira de artesanato. Há em Barra Bonita uma associação de mulheres que fazem trabalhos de tecelagem, porém, na Praça do Artesanato, a maioria das lojas não vende esse artesanato, que é típico da cidade. O que se vendem nessas lojas se parecem com qualquer comércio popular, encontrado em qualquer cidade do país. O artesanato local é vendido em apenas uma loja, que pode até passar despercebida.

O turismo em Barra Bonita também acontece somente nos finais de semana. Durante a semana a cidade é muito tranqüila. Na avenida que beira o rio e no passeio público, o movimento fica por conta somente dos passantes, alguns senhores aposentados e uns poucos que vão pescar; nem parece ser o mesmo local de intenso movimento nos finais de semana.

Esse quadro que se observa em Barra Bonita demonstra bem a realidade da atividade turística que vem se desenvolvendo a partir da padronização das experiências. Como foi colocado no capítulo 1, que a atividade turística se resume a um comportamento de massa, mediada e dependente de tecnologia e infraestrutura, buscando-se o controle das experiências dos turistas. Tem-se, portanto, em Barra Bonita, uma realidade que não difere de outras, no que se refere a estruturação da atividade turística, segundo os levantamentos realizados.

Já quando o que se observa são as formas de lazer da população, aquele que é realizado sem nenhuma mediação de controle e lucros, a realidade se mostra bem diferente. A população de Barra Bonita utiliza para seu lazer a infra-estrutura destinada aos turistas, com exceção das embarcações e hotéis. O ponto de maior atratividade é o passeio público e os bares e restaurantes, que durante os finais de semana ficam lotados de pessoas, que utilizam esses espaços lazer.

Os turistas que vão a Barra Bonita através dos pacotes turísticos são atraídos principalmente pelo passeio de barco. No retorno do passeio, eles têm um tempo para as compras de artesanato e logo percebe-se o movimento dos ônibus de turismo indo embora. Esse é o roteiro. Porém, para os visitantes que vão por conta própria, sem

nenhuma intermediação, e que também devem ser considerados turistas, a utilização dos espaços de lazer é intensa, criando a movimentação nesses locais.

Pode-se afirmar que essa descontração observada em Barra Bonita, nos finais de semana, decorre da forma como a população e esses visitantes se relacionam com o rio. Não se observa um uso intenso da água pela população (a não ser alguns pescadores e algumas crianças que nadam), mas é a água que cria todo o clima de alegria e descontração presente na cidade. Barra Bonita, com todos os problemas de conservação das águas e da forma contestável que desenvolve a atividade turística, aproveita o Tietê como se fosse o mar. É a vontade de ver e ser visto, a exibição de corpos numa relação de sedução entre os jovens ou simplesmente o deleite proporcionado pela tranqüilidade ofertada, que buscam as inúmeras famílias que ali se encontram.

A população de Barra Bonita parece manter uma boa relação com rio. Em conversa com alguns moradores, eles atribuem ao Tietê o desenvolvimento da cidade possibilitado pelo turismo. Para muitos moradores os turistas significam a renda no final do mês, para outros, a presença deles na cidade significa o lazer, o divertimento, a quebra da monotonia. Apesar de gostarem da presença dos turistas, muitos moradores nunca fizeram o passeio de barco que leva à eclusa, inclusive os comerciantes que atendem os turistas. Questionados do por que de nunca terem feito o passeio, eles dizem que é porque é muito caro (o passeio custa R\$28,00 por pessoa)²⁶⁹, que preferem gastar esse dinheiro com outra coisa, ou porque simplesmente não têm vontade.

Abordados sobre a poluição do rio, alguns lamentam e dizem que é preciso tomar medidas drásticas para conter os elementos poluentes, dizem que o rio está muito poluído e os mais velhos lembram-se dos tempos em que o rio era limpo, contando histórias de suas juventudes, contam que a paisagem era muito diferente, pois o rio não era represado e não havia a ocupação das

²⁶⁹ "Preços cotados para 2006". (AGÊNCIA DE TURISMO CVC. Disponível em: <<http://www.cvc.com.br/lojavirtual/hoteis>>. Acesso em: 01 dez. 2006).

margens, “eram somente pescadores e gente nadando, e os peixes eram muito bons, tinha gosto diferente”, disse um senhor que vende pipoca há 35 anos na cidade.

Alguns dizem que o rio não é poluído, principalmente os comerciantes que dependem diretamente dos turistas, eles o defendem como se estivessem sendo agredidos. Os mais jovens que ficam desfilando na avenida, ou sentados nos bares, dizem que gostam do rio porque é bonito, porque é o local de lazer, o ponto de encontro entre amigos, local de paquera. Acham que a paisagem é muito bonita, que não seria a mesma coisa sem o rio, pois ele “traz a brisa que alivia um pouco o calor”, diz um jovem, sentado num banquinho de frente para o rio.

Apesar das opiniões diversas e até controversas, a população tem uma visão muito positiva do rio, os que consideram que o rio está poluído lamentam muito e acham que deve haver uma forma de despoluição, e têm consciência que o que causa o prejuízo é o esgoto lançado no rio. Todos concordam num ponto: o turista é bem aceito e acham que a demanda deveria aumentar, pois são os turistas que trazem os lucros para a cidade.

Sobre a paisagem, é possível observar que os mais velhos opinam de forma saudosista, lembrando da paisagem de antigamente, quando não havia tantas construções e toda a ocupação das margens. Os mais jovens consideram a paisagem muito agradável, não só pelas sensações que elas causam ao olhar, mas por todo clima de animação e descontração que os atraem. Acham que o rio faz toda a diferença e não mudariam nada na paisagem, apenas a poluição do rio (os que consideram o rio poluído) que gostariam que diminuísse.

Se para o presente trabalho a paisagem é considerada como algo que vive e se compartilha e não apenas o que se vê, e sendo um dos elementos perenes nessa paisagem o rio Tietê, pode-se afirmar que a paisagem em Barra Bonita é possível de ser entendida não por seu elemento principal, mas pelas relações estabelecidas entre o rio e sua população. Ao contrário da atividade turística, os moradores percebem com maior clareza os significados expressos pelo Tietê e desejam mais que qualquer turista essa paisagem, pois entendem

que ela faz parte da sua história de vida e de seu presente. O que se põe em dúvida neste trabalho, então, é a forma como o turismo é desenvolvido e na apropriação da paisagem pela atividade.

Sem dúvida, existe em Barra Bonita um potencial turístico e paisagístico, porém, a forma de exploração turística é contestável e poderia se aprofundar. O turismo, apesar de acontecer no próprio rio e ser ele o principal atrativo, acontece de forma desarticulada e fantasiosa, os turistas são levados por uma imagem, no mínimo, distorcida do que realmente é. A paisagem de Barra Bonita aponta a necessidade de um planejamento de uso das margens e do próprio rio, que já sente os prejuízos do uso intenso e da poluição.

Não existe em Barra Bonita nenhum plano que direcione ações voltadas à conservação do rio, nem de planejamento da paisagem ou ocupação das margens, o único plano existente é o Plano Diretor de Turismo, que não soluciona e nem identifica os problemas levantados pela pesquisa. O Plano Diretor do município está sendo desenvolvido e até a finalização do presente trabalho não havia informações de sua conclusão.

Embora a relação da população com o rio seja boa e ele proporcione lazer a essa população, ela anseia por um aumento do fluxo turístico na cidade, porque dele decorre a expectativa pela melhoria econômica da cidade. Porém, para que isso ocorra é preciso qualificar os equipamentos e mão-de-obra turísticos, e descortinar a paisagem aos turistas, para que dessa forma, eles entendam a real dinâmica da cidade, do rio e de sua população e não sejam iludidos por uma realidade que se deseja, mas que existe apenas parcialmente.

5.4. Os jornais

Como a análise feita em Salto, em Barra Bonita também foram analisados os jornais locais e a Folha de São Paulo, compreendendo o mesmo período, de 1950 até 2006. Os jornais de Barra Bonita são: Jornal da Barra, Jornal, A Cidade (que não existe mais) e Expresso Tietê, que é editado em Igarapu do Tietê. O período escolhido se deve ao fato de que as grandes transformações nas duas cidades ocorreu estabelecendo características que essas

idades possuem atualmente. As maiores diferenças entre os jornais analisados parece ser quanto à sua posição política, enquanto o Jornal da Barra e o Expresso Tietê parecem não tecer grandes críticas ao seu governo local, o Jornal A Cidade, que foi editado entre 1949 e 1958, demonstra claramente sua oposição a ele. Os dois primeiros jornais ainda circulam na cidade.

O rio Tietê é noticiado basicamente através de três temas: a barragem, a poluição e os usos que a população faz dele (turísticos, de lazer, extração de argila), sempre numa preocupação econômica. Em 1955, o Jornal A Cidade²⁷⁰ publicou um artigo (em 08/10/1955) intitulado “Água! Exige o Povo”, em letras garrafais, onde cobrava da prefeitura, referindo-se a ela como uma “repartição decorativa”, o abastecimento de água para a população, que na época atendia apenas a um quarto da cidade. O artigo, de autoria de Nelson Fernandes (diretor e proprietário do jornal), se mostrava indignado com a falta de água para a população numa cidade “que procurava salientar-se com seus recursos próprios como uma das cidades mais bem aquinhoadas pela natureza e esforço humano”.

A precariedade no abastecimento de água na cidade, que era feito através de minas e poços artesanais, também é relatada no livro que conta a história de Barra Bonita, onde em 1939 a cidade sofreu uma intensa estiagem, potencializando o problema da falta de água, fazendo com o prefeito “tomasse uma medida drástica: determinou que as águas do rio Tietê fossem ligadas à rede e que a utilização das mesmas fosse somente para fins de higiene²⁷¹”. Segundo Stangherlin²⁷², esse problema só foi resolvido em 1956, com a abertura de dois poços semi-artesianos.

Com o crescimento de casas populares e núcleos urbanos periféricos, e a necessidade por maior abastecimento de água, foi aberto em 1988, um novo poço

artesiano na Fazenda São Domingos, onde foi construído um novo reservatório com capacidade para dois milhões de litros, além de outro poço na Fazenda Santa Luzia, para suprir o abastecimento da cidade.

Ainda em 1955, o mesmo jornal também denunciava outro problema relacionado à água em Barra Bonita: a poluição dos rios. O artigo (de 30/07/1955) denunciava a poluição advinda por lixo tóxico lançado nas águas do Tietê por indústrias em Piracicaba, que causou a mortandade de grande número de peixes no Tietê em Barra Bonita. Além disso, denunciava também o artigo a falta de fiscalização sobre a pesca predatória do Tietê. Essa falta de fiscalização, segundo o artigo, era devido ao Poder Público que não fornecia os meios materiais necessários a essa fiscalização. Destaca o jornal, um vigia que, sozinho, à época, fazia a fiscalização nas margens, porém, sem ao menos um “farolete oficial para iluminar o caminho”, e finaliza o artigo dizendo que é impossível ao único vigia, impedir “os donos do Tietê, que se valem das mais variadas e incríveis estratégias e escapam sempre das garras da lei”.

A Folha de São Paulo foi além dessa denúncia sobre a falta de fiscalização para controle da pesca em Barra Bonita. Em artigo publicado em 11/02/1972, relatou-se um fato ocorrido em um final de semana em que aconteceu uma diligência para fiscalização da pesca, onde turistas de várias localidades pescavam sem licença (pois se tratava da pesca como lazer) e, portanto, tiveram seus equipamentos apreendidos. Além disso, foi denunciado no artigo o descaso da Companhia Energética de São Paulo (Cesp, responsável pela usina hidrelétrica) com a desativação da Estação de Piscicultura, que criava peixes para serem soltos no Tietê, e que estava se abstendo da responsabilidade que assumiu. Publicou o jornal:

Que a CESP presta um grande serviço à Nação, compreende-se. Mas é preciso lembrar que ela modificou as condições de vida da fauna aquática ao construir suas barragens e auxiliar a

²⁷⁰ “Esse jornal que tinha uma postura de oposição ao governo, escrevia em sua primeira página: ‘Sem ligações com grupos políticos ou financeiros, A CIDADE diz desassombrosamente apenas a verdade nua e crua, doa a quem doer. Assine A CIDADE’ ”.

²⁷¹ Idem.

²⁷² STANGHERLIN, 1999, p. 35.

manutenção do serviço de Piscicultura deve ser um fato normal para a empresa.

Observa-se que a poluição do Tietê é assunto recorrente nos jornais, demonstrando a preocupação com a conservação das águas há tempos. O Jornal da Barra publicou em 07/01/1984 um artigo criticando o lançamento de esgoto na cidade de São Paulo, que na época deixou de ser feito na represa Billings para se feito no rio Tietê, e que estaria prejudicando todos os municípios ribeirinhos no Vale do Tietê. Ao que parece, nessa época houve uma repercussão nacional sobre o assunto, que mobilizou os prefeitos das cidades do vale, ocasionando num Encontro dos Prefeitos do Vale do Tietê, que na época queriam entrar com uma ação cautelar contra o Governo do Estado. Em 14/02/1991 o mesmo jornal anunciou um acordo feito entre a Secretaria do Meio Ambiente, a Secretaria de Energia e Saneamento e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, para diminuição de poluentes e recuperação do Tietê. Segundo o artigo, o programa de recuperação do Tietê, tinha como primeira meta controlar os efluentes lançados no rio pelas indústrias, que de acordo com a Cetesb e publicado nesse artigo, eram responsáveis por 90% da poluição.

São muitos os artigos que denunciavam, criticavam, lamentavam a poluição do rio Tietê, mas em nenhum momento foi encontrado um artigo que abordasse a poluição causada no próprio município de Barra Bonita, a culpa era sempre da metrópole ou de municípios vizinhos, como Piracicaba. Já quando o tema eram os projetos em defesa do rio, Barra Bonita era sempre noticiada, como em janeiro de 1995, o Expresso Tietê anunciava o Projeto Tietê, destacando o comandante do navio que faz os passeios pela eclusa, Helio Palmesan, como um dos engajados na defesa pelo rio. Nesse artigo, o comandante tentava apontar as causas pela mortandade de peixes em Barra Bonita:

Primeiro, deve ser um acidente ecológico provocado; segundo, agrotóxicos aplicados na

lavoura, com as chuvas e a falta de mata ciliar, podem ter atingido o rio, terceiro, pode ser a movimentação do lodo do fundo do rio, que diminuiu a oxigenação da água; e por último, aumento da poluição nas águas do rio na capital, lançada em nossa região.

Em 2001, o comandante voltou a falar ao jornal Expresso Tietê, sobre a morte dos peixes, dizendo que, enquanto as cidades que estão acima e abaixo de Barra Bonita não tratarem seus esgotos a situação continuará se repetindo.

A mortandade de peixes em massa no rio Tietê em Barra Bonita parece ser fato corriqueiro na cidade, pela frequência com que é noticiado. Num artigo do Expresso Tietê, de janeiro de 1995 sobre o acidente ecológico na cidade, foi escrito: “1994 foi uma ano ruim para a ecologia, aliás, todos os anos têm sido. Continua-se agredindo a natureza e ainda não existe uma grande consciência ecológica por parte das autoridades e da população”.

Outro assunto destacado nos jornais foram as enchentes ocorridas na cidade. Barra Bonita enfrentou grandes enchentes, sendo que as piores ocorreram nos anos de 1929, 1970 e 1972. Com o represamento do Tietê, houve um maior controle dessas enchentes, porém, a represa não foi suficiente nesse controle. Em 1983 a cidade sofreu nova cheia que causou grandes prejuízos à cidade. O Jornal da Barra publicou alguns artigos sobre a enchente nesse ano, porém, apenas no sentido de noticiar, não foi tecida nenhuma crítica ao governo e nem à Companhia Energética de São Paulo (CESP) e nenhuma palavra cobrando das autoridades uma providência, pelo contrário, os artigos diziam que tudo o que se podia ser feito estava sendo feito.

Num artigo de 18/06/1983, no artigo intitulado “As sobras de uma grande enchente”, fazia-se menção ao ocorrido lamentando os prejuízos causados pela enchente, em seguida, dizia o artigo:

Mas mesmo assim, se lembrarmos dos nossos irmãos do nordeste que sofrem pela falta de chuva, pouco ou nada devemos reclamar, porque os problemas criados pelas cheias passam rapidamente e tudo se conserta. [...]Se para nós sobrou alguns prejuízos, sobrou também mais vida em nossa lavoura e o precioso líquido que se manterá por muito tempo em nossos mananciais.

A Hidrovia Tietê-Paraná é outro assunto encontrado nos jornais de Barra Bonita. Assim como a construção da Usina Hidrelétrica (que também foi muito noticiada, demonstrando a expectativa e vontade de que a obra fosse concluída com rapidez), a expectativa pelo desenvolvimento da cidade através dessa obra de engenharia sempre se mostrou muito forte. Porém, percebeu-se nos artigos (Jornal da Barra e Expresso Tietê) que em nenhum momento os impactos ambientais ou possíveis conseqüências negativas foram colocados em questão, a preocupação demonstrada nas notícias era sempre com uma possibilidade de desenvolvimento de Barra Bonita e da região.

Apesar das enchentes serem um problema para a população de Barra Bonita, que teme as chuvas intensas, a estiagem também se torna um problema à cidade. Com a baixa do nível de água do Tietê, a navegação na hidrovia fica comprometida. Em artigo publicado no expresso Tietê, em 04/08/2001, a preocupação com o fechamento da hidrovia atormentava várias cidade que teriam sua fonte de escoamento de produtos parada. A situação se deu com a estiagem e, temendo a falta de produção de energia elétrica que se abateria sobre o estado, o Governador, na época, Geraldo Alckmin, anunciava a possibilidade que deixou muitos produtores de grãos (que exportam seus produtos para o mercado internacional) e o setor de turismo de Barra Bonita apreensivos.

O turismo também é assunto corriqueiro nos jornais de Barra Bonita. A instalação da hidrelétrica trouxe também os investimentos em infra-estrutura turística e de lazer na cidade e fez com que Barra Bonita começasse a atrair turistas. Porém, mesmo antes da hidrelétrica, já se pensava na cidade em seu potencial para a atividade, sendo que, segundo Stangherlin²⁷³, em 1965 o Prefeito e a Câmara aprovaram a lei que criava o Departamento Municipal de Turismo. Nessa época já se percebiam os primeiros investimento na área, com as obras para construção do Mercado Municipal, da Rodoviária e do Hotel Turismo. Porém, foi com a implantação da hidrelétrica que os maiores investimentos foram feitos na cidade, que então impulsionaram o turismo.

A Folha de São Paulo, já em 1968, publicava um artigo intitulado “Vá comer seu peixe em Barra Bonita”, onde apresentava a cidade ao leitor, explicando sua localização e exaltando as belezas naturais da cidade, bem como sua hospitalidade. Em 1969 a Folha publicava outra matéria sobre Barra Bonita, evidenciando o rio, a pesca e dizendo que agora já era possível se hospedar na cidade (o que era precário em 1968, com apenas um simples hotel) e que já se recebia na cidade mais gente do que em Poços de Caldas.

Em 1972 foi inaugurada a Avenida Pedro Ometto, que margeia o rio Tietê. Segundo as notícias publicadas no Jornal da Barra, de 27/05/ e 03/06/1972, fora investidos no local na construção de bocas de lobo, terraplanagem, asfalto, iluminação, guias e sarjetas. Nesse mesmo ano, foi publicado na Folha de São Paulo o artigo: “Barra Bonita: praias e turismo”, que dizia:

O rio Tietê banha o município em todo o seu perímetro e é o principal atrativo. Pode-se pescar e passear de barco à vontade. Próximo à cidade, este rio forma também extensa praia freqüentada o ano todo por milhares de

²⁷³ STANGHERLIN, 1999.

visitantes que não se animam a vir até o litoral (Folha de São Paulo, 15/03/1972).

A eclusa de Barra Bonita foi inaugurada em 1973, e nesse ano foram publicados artigos na Folha de São Paulo (14/02/1973, 01/05/1973, 24/06/1973) dizendo que as metas de Barra Bonita eram a indústria, o turismo e a navegação, sempre destacando o Tietê como ponto forte da cidade. Em 1975 foi inaugurado um *camping* na cidade, o Hotel Beira Rio e o Hotel Estância Barra Bonita são de 1976 e em 1979 Barra Bonita consegue se transformar em Estância Turística. Em seguida, outras obras de lazer às margens do rio são construídas, como Parque Turístico Municipal, em 1982 e em 1988 foi inaugurado o passeio público ou o que a cidade chama de "Calçadão da Beira Rio", através de um projeto do arquiteto Décio Tozzi, que atualmente é local de encontro da população de Barra Bonita.

Em 04/12/1981 a Folha publicou um artigo sobre Barra Bonita, "Um rio, a barragem e a história de dois que formaram a estância". Nesse artigo é contada a história dos investidores do Hotel Estância Barra Bonita, que, segundo o artigo, foi um fato que marcou a trajetória da cidade. Esse hotel, construído às margens do Tietê, ao lado da Usina Hidrelétrica era a vila residencial dos funcionários (técnicos e engenheiros) que trabalharam na construção da usina e que foi transformada em hotel.

Finda a missão [construção da usina], o paraíso de árvores frondosas e ruas ajardinadas parecia condenado ao abandono, não fosse a concorrência pública estabelecida a quem mais pudesse pagar. Aí, o romance falará outra vez de aventura e o protagonista principal não será o coronel Salles Leme [no início do artigo é contada a história de Salles Leme que foi o desbravador de Barra Bonita], mas dois sérios e

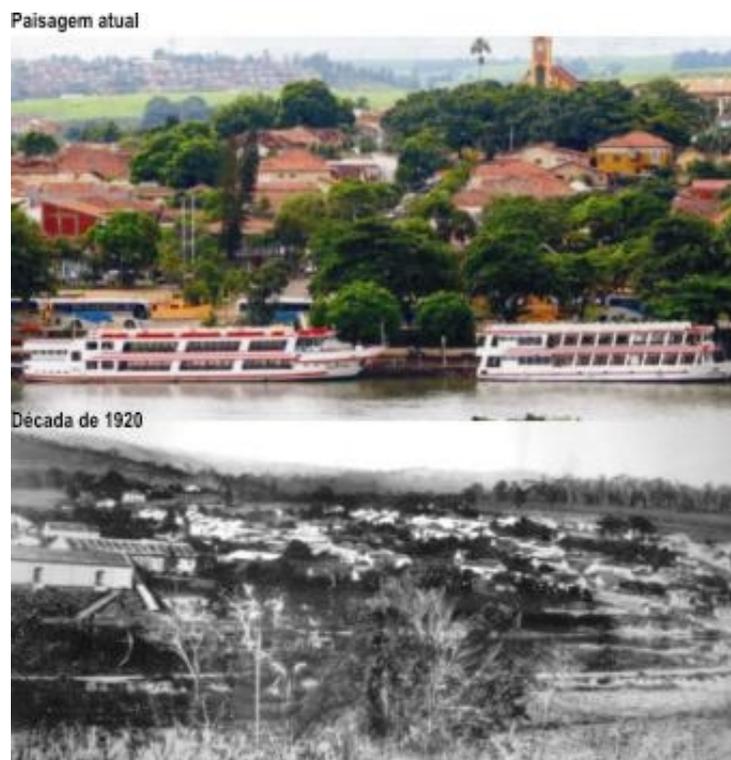
esperançosos oportunistas: Robalha e Barteto, [...] Açambarcada a área pela força contida das contas bancárias, resolvidos a introduzir seus nomes na saga da Barra, Robalha e Baterto jogavam [...] a cartada de suas vidas quando começaram a limpar vestígios de marcas malignas da área, removendo entulhos, plantas daninhas, embelezando alamedas, reformando e pintando chalés, até o dia em que fixaram no portão de entrada do Éden a inscrição com que haviam sonhado: Hotel Estância Barra Bonita. [...] Não deu outra coisa, até hoje os dois só almoçam assados de aves raras regados a vinhos e champanhas (Barteto troca por Coca-Cola, por ser avesso a bebidas alcoólicas). Foi o grande golpe da década de 70 em Barra Bonita, que no início sentiu os efeitos mas depois reagiu, capitalizou e se beneficiou com a investida, tanto ou mais que os próprios investidores". (Folha de São Paulo, 04/12/1981)

A partir de então, vários foram os artigos publicados pela Folha de São Paulo, divulgando Barra Bonita como atração turística, sempre evidenciando o rio Tietê e o principal atrativo, o passeio de barco pela eclusa.

Como se pode notar através dos percursos e conversas com os moradores e corroborado pela análise dos jornais, o rio tem grande influência e importância na vida de todos os moradores, seja porque é através dele que se obtém renda e lazer (turismo, hidrelétrica) seja porque sua cheia ou sua seca também causam influência direta no seu cotidiano.

A construção da barragem para a Usina Hidrelétrica foi um grande acontecimento na cidade, foi esperado com grande expectativa por todos os moradores, que enxergavam nela uma melhoria de vida, através de empregos que seriam gerados, atração de investimentos e dos avanços tecnológicos advindos, primeiramente para suprir a falta de energia na região. Com a construção da barragem, vários empreendimentos turísticos foram construídos na cidade, almejando seu desenvolvimento turístico. Hotéis, praças, restaurantes, equipamentos de lazer foram transformando a paisagem que se vive atualmente. Portanto, é possível afirmar que Barra Bonita possui dois períodos importantes na sua história e na forma como a cidade se organizou e transformou a paisagem, que se dividem com a construção da hidrelétrica.

Figura 6 - Fotos Antigas X Fotos Atuais Mostrando A Configuração Da Paisagem



O período de grande desenvolvimento de Barra Bonita foi nas décadas de 1970 e 1980, já na década seguinte, percebe-se a estagnação e declínio da atividade turística; talvez em decorrência da oferta de novos destinos e novas formas de se fazer turismo, através dos pacotes turísticos, trouxeram a concorrência. Outro fator é a falta de investimentos na infraestrutura da cidade (muitos dos equipamentos estão hoje desativados ou em estado de deterioração). A poluição do rio Tietê, a degradação de suas margens, impossibilitando a pesca e o banho de rio também podem ser fatores indicativos dessa queda de turistas. Fato que como se observou, era motivo de preocupação há tempos, e os resultados dessa visão que já se tinha sobre o futuro do Tietê em Barra Bonita e que foi tema de diversos artigos publicados, parecem estar se consolidando. Porém, não se pode culpar apenas a cidade de São Paulo e outros municípios que lançam seus esgotos e efluentes no Tietê, a própria cidade possui sua parcela de responsabilidade nessa poluição que atinge o rio, mas parece que sua população continua avessa a esse fato.

Atualmente Barra Bonita ainda recebe turistas e o passeio de barco continua a ser o principal atrativo, porém, os turistas que procuram o Hotel Estância são atraídos pelo hotel e não pela cidade. Essas notícias evidenciam o que os moradores (principalmente os mais antigos da cidade, que viveram essa época) tanto lamentam, que “antigamente tinha muito turista, mas agora está fraco”, disse o vendedor de pipoca, José Antônio Nascimento. O que se pode observar atualmente é que, mesmo com esse declínio de turistas em Barra Bonita, as atividades de lazer da população local e de moradores de cidades vizinhas continua intenso.

As notícias de jornais reiteram que o desenvolvimento de Barra Bonita deve-se em grande parte ao rio Tietê. A principal economia da cidade ainda se baseia na cultura e usina de cana, mas o turismo, a hidrovia, as atividade ligadas ao rio como a extração de argila são também atividades de extrema importância para a população, que tem sua renda baseada praticamente nessas atividades.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

CXXX

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Salto observou-se que a relação da população com o rio é muito distante. Muitas das pessoas não acreditam que seja possível ter um rio limpo na cidade, preferindo ignorá-lo e pensando até que seria melhor que ele não existisse, assim teriam muitos de seus problemas sanados. A população enxerga o rio como o causador de muitos dos problemas enfrentados por ela, estabelecendo uma relação de repulsa. A constatação desse fato foi na verdade surpreendente, pois não se esperava tamanha rejeição ao rio, embora fosse esperada uma relação conflitante.

Assim como a população prefere ignorar o rio, os jornais da cidade também não levantam em demasia essa questão, talvez porque o assunto não seja muito discutido pelas pessoas. Foram encontrados no jornal de circulação nacional mais artigos sobre o rio e assuntos pertinentes que nos jornais locais, demonstrando que são assuntos fundamentais de serem discutidos, pois trata-se de um elemento condicionante de vários outros fatores na cidade. A questão política parece ser fundamental nessa problemática, mas ela não se destaca muito na imprensa local.

A oferta de lazer em Salto também parece limitada e a população busca nas cidades vizinhas a estrutura que desejam, porém, essa possibilidade não é de todos, mas dos que possuem condições financeiras para isso. Os locais para lazer são basicamente as praças, que possuem até boas condições, o mesmo não acontece com os parques, abandonados e considerados perigosos. O rio que poderia ser o local de lazer dessa população, devido à sua poluição, atualmente não passa de um mero cartão postal da cidade. Essa utilização da imagem do rio como cartão postal demonstra, no entanto, que ele é realmente o elemento que caracteriza a cidade, um elemento de referência; quando as pessoas foram convidadas a pensar e imaginar a paisagem na cidade, foi sempre lembrado.

Partindo desse fato, pode-se pensar que o rio, com sua importância histórica, cultural e simbólica, poderia ser valorizado por sua população, deveria ser o motivo de lutas coletivas por melhor qualidade de vida na cidade, já que todos atribuem essa condição negativa à sua deterioração. O problema da água, dos pernalongos, a poluição, as tentativas de desenvolvimento turístico, são todos assuntos que, de alguma forma, se relacionam com o rio. A melhora de suas condições, resultaria também na resolução de grande parte dos problemas enfrentados.

O rio foi o local de lazer da população na época que ainda não era poluído, e somente as pessoas mais velhas, que viveram esse tempo, lembram-se disso com saudosismo, levando em sua memória as lembranças dos tempos que o rio tinha real uso. Os mais jovens que não viveram o rio despoluído, não demonstram o menor interesse nele, embora o considerem visualmente bonito e parte de sua paisagem.

Quanto ao turismo, por mais que se tenham projetos visando seu desenvolvimento, são ineficazes, mostrando que os esforços na cidade devem se voltar para questões mais urgentes, segundo opiniões expressas pelos moradores. É fato que há em Salto um patrimônio de imensa beleza e valor, que atribui potencial turístico e, principalmente, de lazer. É lamentável que esse patrimônio seja tratado de forma tão indiferente, porém, a recuperação do rio não deve ser pensada como condicionante para a atividade turística, mas para os próprios moradores. A cidade deve investir em outro segmento para buscar desenvolver-se, criando mais oportunidades de empregos para as pessoas valorizarem mais seus lugares. Ainda que o aspecto turístico não deva ser o principal segmento econômico da cidade, as ofertas de lazer devem ser repensadas. A cidade possui muitos espaços com potencial para lazer, como os parques e o próprio rio.

O rio possui em qualquer lugar o sentido lúdico. Esse elemento lúdico do rio precisa ser resgatado em Salto, o que só poderá ocorrer com sua recuperação ambiental. Ter como meta sensibilizar a população a valorizá-lo, seria uma forma também de estabelecer uma relação mais alegre e mais viva com o Tietê, que só será possível a partir de uma consciência e ação política firme da própria população, em prol da recuperação do rio.

Antes de poder oferecer lazer e diversão a turistas, a cidade precisa oferecer isso aos seus moradores; antes de ser valorizada por visitantes, a cidade precisa ter valor para quem nela mora, portanto, pensar em turismo em Salto parece não ser uma boa alternativa a curto prazo, mas pensar o rio e numa forma de sua integração com a população seria de imenso valor. Tarefa nada fácil, mas a forma como a população, as instituições e o poder público encaram o problema, totalmente inertes, não mudará o quadro, com poucas perspectivas de um futuro diferente.

Observou-se em Salto, através dos jornais e das conversas com os moradores, que essa relação conflituosa da população com o rio Tietê tem causas muito mais delicadas do que uma simples rejeição ao rio poluído. Percebeu-se na cidade que as questões políticas, nem sempre noticiadas nos jornais, a relação que as lideranças estabeleceram com a Igreja e os interesses de algumas instituições e lideranças políticas locais, podem ser a “ponta do novelo” que existe na cidade e que leva a um descrédito na capacidade de transformação diante de um quadro local omisso e de fatores extremamente complexos, de natureza regional. Não se conhece como se dão as articulações políticas da cidade e quais vínculos econômicos representam, mas o turismo, o lazer e, principalmente o rio, não parecem ser prioritários para os interesses que conformam a realidade local. Portanto, não se pode atribuir somente à população a desvalorização do rio na cidade; o problema se mostrou maior e decorrente de questões que vão além do que é noticiado e falado na cidade.

Em Barra Bonita, ao contrário, ocorre uma exploração turística do rio e um bom relacionamento da população com ele. Nas práticas de lazer, onde as pessoas podem se socializar sem nenhum controle sobre seu olhar, Barra Bonita se destaca por oferecer à sua população e aos visitantes um local agradável, com boa infra-estrutura, que se revela pelo intenso uso. A animação da cidade fica por conta dessas pessoas que se misturam aos visitantes no passeio público, nos bares e restaurantes. Também às margens do rio é possível ver os pescadores e até crianças nadando, embora não seja recomendado na parte urbana do rio.

O turismo na cidade não se desenvolve como uma atividade que tem como prioridade a conservação do ambiente. Embora a cidade tenha vivido tempos áureos com o turismo na década de 1970, atualmente a atividade encontra dificuldades em se desenvolver da forma desejada pelos moradores, que vêem nela a oportunidade de maior desenvolvimento econômico, porém isso só se dará com o planejamento bem elaborado da atividade.

A hidrelétrica construída na cidade em 1963 gerou grandes expectativas de desenvolvimento e de fato, com a construção da eclusa, em 1973, o turismo pôde se desenvolver. Esse turismo, da forma como vem sendo desenvolvido, limita a experiência dos turistas, levando-os a enxergarem o equipamento de alta tecnologia como parte da natureza. É fato que a forma que a paisagem adquiriu e se estabelece atualmente é devido às várias usinas que surgiram ao longo do rio nesse trecho, mas é preciso conhecer a verdadeira natureza desse complexo e não entender a usina e a eclusa como natural no rio.

Não basta ter levantamentos e apontar os potenciais, tem que se planejar o turismo pensando na dinâmica da cidade e da população, bem como ter cuidados específicos com os ambientes mais sensíveis ao impacto turístico, como o rio. Planejar a atividade também não significa padronização, pelo contrário, significa ofertar experiências dentro de um modelo que vise a conservação para usos futuros. O que se observou no desenvolvimento da atividade turística na cidade foi uma estagnação na forma como é desenvolvida, ou seja, a oferta da década de 1970 é a mesma atualmente. Com o desenvolvimento de novos produtos e a grande quantidade de novos destinos, novas modalidades e segmentos turísticos, Barra Bonita se manteve como no início, favorecendo a estagnação e declínio da atividade.

Um fato relevante é que a atividade turística desenvolvida em Barra Bonita, parece ter contribuído muito com a percepção positiva que a população tem do rio. Os investimentos na cidade, que atualmente são também os lugares de lazer

da população local, foram feitos, em sua maioria, na década de 1970 (auge do turismo em Barra Bonita), visando a atração de turistas. Esse intenso movimento dos turistas e os investimentos na cidade potencializaram a imagem positiva da cidade para seus próprios moradores que, se já mantinham boas relações com o rio, a partir desse fato elas se intensificaram. Os equipamentos públicos criados para os turistas na década de 1970 foram apropriados pelos moradores como espaços de lazer e incorporados por eles atualmente.

A população tem em seu discurso a cidade desejada, aquela que conserva os rios, que preserva a natureza, e que se orgulha disso, sendo que a realidade não mostra exatamente isso. É possível observar a poluição chegando em suas águas e medidas nada satisfatórias para contê-la. Essa oferta de um turismo preocupado em agradar a grande massa, com discursos prontos e superficiais, não revela sua verdadeira essência, sua “alma”, pois a preocupação maior parece ser a de lucros imediatos, fazendo que com os turistas tenham a percepção e vejam aquilo que foi programado para ser visto, padronizando experiências e privando essas pessoas de um maior conhecimento do lugar.

Apesar de vislumbrar uma outra perspectiva para o turismo em Barra Bonita, reconhece-se que existe uma relação positiva de grande interação entre a população, os visitantes e o rio, ainda que cuidados mais específicos sejam recomendados. A cidade, através de investimentos na área de lazer, na urbanização da avenida, possibilitou à sua população usufruir de um lugar no qual sentem fazer parte, se identificam e são essas pessoas que exalam alegria e criam o clima de descontração existente na cidade, dando vida à ela. O ver o ser visto é a prática que se observa constantemente na cidade, os corpos à mostra e a alegria do local, evidenciam o clima de paquera entre os jovens, mas que convive bem com a tranquilidade dos mais velhos e das crianças.

Esse clima de alegria e tranquilidade, de sedução e dos movimentos dos corpos que dizem mais do que as palavras, são propiciados também pela presença da água, que remete à essas pessoas a todos os simbolismos que a água desperta. Também pela própria natureza do lugar, que desde que o rio foi considerado elemento importante, ele possui um significado para sua população que faz todos os tipos de usos e encaram o Tietê como parte de suas vidas, formando então a paisagem de Barra Bonita.

O que se observou em Barra Bonita é que as atividades de turismo e de lazer, seguindo as definições mais recentes, não são tão distintas na cidade, talvez indicando algumas fragilidades conceituais dessas distinções. Por vezes, as atividades se mesclam, porque tanto turistas, quanto moradores locais e visitantes de fins de semana, que vão a Barra Bonita passar um dia, utilizam os mesmos espaços, não sendo possível defini-los claramente. Isso se torna na realidade um ponto positivo, pois permite o convívio de todos nesses espaços públicos. Talvez a questão da segregação seja mais sutil e difícil de se perceber nesses locais, exigindo para isso, aprofundamentos de outra investigação. No passeio de barco é possível notar que todos são turistas e não há moradores locais. Muitos moradores, inclusive, disseram nunca ter feito o passeio. Em conversa com um morador da cidade, Sr. Hugo, 70 anos, abordado na praça à beira do rio, disse nunca ter feito o passeio de barco: *“Faz 63 anos que eu venho nesse rio, sempre olhei os barcos indo e vindo, mas nunca me vi dentro dele”*. Também no principal hotel da cidade se percebe uma separação, pois o hotel não se articula nem com o rio nem com a cidade, é um paraíso de portas fechadas.

Esse uso intenso e esse potencial de boa relação estabelecidos com o rio, que oferece às pessoas usos diversificados, podem ser percebidos também nas notícias dos jornais. Embora existam as críticas e reivindicações por melhorias (necessárias para sua manutenção), percebe-se uma preocupação em manter a qualidade do rio, justamente para que ele continue oferecendo todas as possibilidades de usos. As notícias também evidenciam toda a potencialidade do rio existente na cidade, a vontade que ela tem em oferecer suas paisagens aos visitantes, e, principalmente, o orgulho que sentem em ter um elemento que julgam de extrema importância.

Porém, falta aos jornais levantar mais questões sobre o rio, no sentido de preservá-lo. É possível notar a degradação acontecendo e a responsabilidade é também do município e não apenas de indústrias de cidades vizinhas, como geralmente

aparece noticiado. A população precisa se conscientizar desse problema e não deixar que o amor e o sentimento de gratidão ao rio fechem seus olhos. O rio precisa de cuidados para que prossiga com vida.

As formas como as populações se relacionam com sua cidade e vivenciam seu cotidiano, nos usos que fazem dela, na valorização ou não de seus elementos, revelam mais do que foi possível compreender nesse trabalho. A forma como essas relações foram entendidas é somente uma das tantas formas de se olhar para essas cidades e suas pessoas. As relações que as pessoas estabelecem com seus lugares expressam na verdade sonhos, desejos e contam suas histórias de vida, que são perceptíveis até certo ponto, mas revelam também esperanças, alegrias, tristezas e todos esses elementos contam suas paisagens.

O presente trabalho adotou como princípio que as paisagens são experiências de vida, experiências partilhadas e, portanto, quem conta sobre essas paisagens são as pessoas. As representações de paisagem e opiniões comunicadas pelos jornais são uma das dimensões possíveis dessa aproximação, devendo-se entender que as mediações que se estabelecem podem ser fortemente filtradas por interesses políticos e ideológicos. Sobretudo, se confrontadas com outras formas de aproximação, podem fornecer ricos elementos para compreender e discutir as paisagens.

Não se pode esquecer que o Tietê é elemento fundamental dessa paisagem, a causa de sua gênese. Para que se entendam as paisagens desses lugares, é necessário que as pessoas partilhem com o rio suas vidas, através dos usos, dos significados, das lembranças e de suas histórias.

O rio Tietê, que passa em Salto, passa em Barra Bonita e em tantas outras cidades é único, mas parece ser vários. O rio em Salto não parece ser o mesmo que em Barra Bonita, pelos diferentes usos, diferentes características e diferentes valorizações atribuídas a ele. Conforme o rio vai avançando, vai recebendo as águas de seus diversos afluentes e assim, nessa mistura de águas, de simbolismos, de sonhos, de memórias, o rio vai sendo revelado pelas pessoas diferentemente em cada ocasião. Por vezes parece esfuziante, às vezes tranquilo, de repente, revoltado, e assim cumpre sua trajetória, levando consigo as marcas que o tempo e sua gente deixam nele, porém, que se diluem em outro curso, deixando por onde passa, suas lembranças, formando suas diversas paisagens, as paisagens partilhadas com sua gente. Assim é o rio Tietê, único em seu caminho, porém diverso em sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACERENZA, Miguel Angel. Administração do Turismo Vol. 1. Bauru, SP: Edusc, 2002.

_____. Administração do Turismo Vol. 2. Bauru, SP: Edusc, 2003.

ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado. Paisagens reveladas no cotidiano da periferia. Distrito de Brasilândia. Zona norte do município de São Paulo. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Fau.Usp, 2007.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Teoria Geral do Turismo. In ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Turismo: Como Aprender, Como Ensinar. São Paulo: Senac, 2001.

AOUN, Sabáh. Paraíso à Vista – Os Jardins do Éden Oferecidos pelo Turismo. In RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Ecoturismo no Brasil, possibilidades e limites. São Paulo: Contexto, 2003.

AUGÊ, Marc. Não-lugares- Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas; Papius, 1994.

AULICINO, Madalena Pedroso. *Turismo e Estâncias. Impactos e Benefícios para os Municípios*. São Paulo: Futura, 2001.

BACCAL, Sarah. Lazer e o Universo dos Possíveis. São Paulo: Aleph, 2003.

BACHELARD, Gaston. A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARRETO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. São Paulo: Papius, 1995.

BENI, Mario Carlos. Análise Estrutural do Turismo. São Paulo: Senac, 1998.

_____. Política e Estratégia do Desenvolvimento Regional – Planejamento Integrado e Sustentável do Turismo. In LAGE, Beatriz; MILONE, Paulo César. Turismo: Teoria e Prática. São Paulo: Atlas, 2000.

BERNARDES, Elaine Mendonça. Desenvolvimento do Vale do Tietê-Paraná: Um Enfoque de Estoques de Capitais. Tese de Doutorado: Esalq, 2002.

BOULLÓN, Roberto C. *Planejamento do Espaço Turístico*. Bauru, SP: Edusc, 2002.

BRUNA, Gilda Collet. Aspectos econômicos e sociais da utilização da água doce e o ecoturismo. In REBOUÇAS, Aldo da C.; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galizia. *Águas Doces no Brasil. capital Ecológico, Uso e Conservação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. *Educação para o Lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. *O que é Lazer*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CONCEIÇÃO, Marcio Magera. *Perfil do Desenvolvimento Econômico da Cidade de Salto*. Salto, 1994.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. *As paisagens artificiais criadas pelo turismo*. In: *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DIEGUES, Antônio Carlos. *A Imagem das Águas*. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2000.

DUARTE, Fabio. *Rastros de um Rio Urbano – Cidade Comunicada, Cidade Percebida*. Campinas,SP: Revista Ambiente e Sociedade. vol. IX, nº 2, 2006.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ETGES, Virgínia Elisabeta. *O Lazer no Contexto das Múltiplas Dimensões do Desenvolvimento Regional*. In MULLER, Ademir; DACOSTA, LamArtine Pereira. *Lazer e Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

FERRARA, Lucrecia d' Alessio. *Os Significados Urbanos*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000.

_____. *Os Lugares Improváveis*. In YÁZIGI, Eduardo. *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

FERRETI, Eliane Regina. *Turismo e Meio Ambiente: uma abordagem integrada*. São Paulo: Roca, 2002.

FLORENCE, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1804- 1879.

FONSECA, Denise Pini Rosalem; SIQUEIRA, Josafá Carlos. *Sobre as Águas: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC; Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

FRACALANZA, Ana Paula; ROCHA, Gerônimo. A Política Nacional de Recursos Hídricos. Palestra: Procam.Usp, 2006.

FURLAN, Sueli Ângelo. Ecoturismo: do Sujeito Ecológico ao Consumidor da Natureza. In RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Ecoturismo no Brasil, Possibilidades e Limites. São Paulo: Contexto, 2003.

FUSTER, Luiz Fernandez. Teoria y técnica del turismo. Madri: Editorial Nacional, 1973.

GALHANO, Francisco de Assis Prado. Aproveitamento Múltiplo das Águas dos Reservatórios das Usinas Hidrelétricas do Médio Tietê. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Saúde Pública. USP, 2004.

GEGRAN. Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado - PMDI, versão final. São Paulo, GEGRAN, 1970

HOLANDA, Sergio Buarque de. Monções. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1902-1982

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São paulo: Perspectiva, 1999.

IGANARRA, Luiz Renato. Fundamentos do Turismo. São Paulo: Pioneira, 1999.

JONG, Gerardo M de. As Grandes Obras Hidrenergéticas. Contribuição para Análise de seus Efeitos Regionais. In SOUZA, Maria Adélia A.; SANTOS, Milton; SACARLATO, Francisco; ARROYO, Mônica. O novo mapa do mundo. Natureza e Sociedade de hoje: uma leitura geográfica. São Paulo: Hucitec -Anpur, 2002.

KELMAN, Jerson; PEREIRA, Mario Veiga F.; ARARIPE NETO, Tristão A.; SALES, Paulo R. de Holanda. Hidreletricidade. In REBOUÇAS, Aldo da C.; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galizia. Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

LEITE, Maria Ângela P. A Natureza e a Cidade: Rediscutindo suas Relações. In SOUZA, Maria Adélia A.; SANTOS, Milton; SCARLATO, Francisco Capuano; ARROYO, Monica. Natureza e Sociedade hoje: uma leitura geográfica. São Paulo: Hucitec-Anpur, 2002.

LIBERALESSO, Ettore. Salto: História, Vida e Tradição. São Paulo, 2000

LINDBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. Ecoturismo: um Guia Para Planejamento e Gestão. São Paulo: Senac, 1999.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Estudos do Lazer. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

MARINHO, Alcyane. Da Aceleração ao Pânico de Não Fazer Nada: Corpos Aventureiros Como Possibilidades de Resistência. In MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini. Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003.

MCINTOSH, Robert; GUPTA, Shashikant. Turismo planeación, administración y perspectivas. Cidade do México: Limusa Grupo Noriega Editores, 1993.

MELO, Víctor de Andrade. Lazer e minorias. São Paulo: Ibrasa, 2003

MENESES, Ulpiano Bezerra. A Paisagem Como Fato Cultural. In Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. A Relação Entre a Natureza e a Cultura. Palestra Seminário Parques Urbanos e Meio Ambiente: São Paulo, 2005.

MERLIN, José Roberto. Salto: Indústria, Rio e Espaço na Visão de um Arquiteto. Dissertação de Mestrado: Usp. São Carlos, 1986.

MIRANDA, Evaristo Eduardo. A água na natureza, na vida e no coração dos homens. In FONSECA, Denise Pini Rosalem da; SIQUEIRA, Josafá Carlos de. Sobre as águas. Desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida: Idéias e Letras, 2004

MOESCH, Marutschka. A Produção do Saber Turístico. São Paulo: Contexto, 2002.

MOLINA, Sergio; RODRIGUEZ, Sergio. Turismo: Planejamento Integral. Bauru, SP: Edusc, 2001.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Meio Ambiente e Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec, 1994.

NICOLINI, Henrique. Tietê: o Rio do Esporte. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

OHTAKE, Ricardo. O livro do rio Tietê. São Paulo: Estúdio Ro, 1991.

PETROCCHI, Mario. Turismo: Planejamento e Gestão. São Paulo: Futura, 1998.

_____. Gestão de Pólos Turísticos. São Paulo: Futura, 2001.

PIRES, Paulo dos Santos. Dimensões do Ecoturismo. São Paulo: Senac, 2002

Plano Diretor de Salto, Salto, 2005.

Plano Diretor de Turismo de Barra Bonita, Barra Bonita, 1998.

QUEIROZ, Renato da Silva. Caminhos que andam: os rios e a cultura brasileira. In REBOUÇAS, Aldo da C.; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galizia. Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002

ROCHA, Aristides de Almeida. Do Lendário Anhembi ao Poluído Tietê. São Paulo: Edusp, 1936.

RODRIGUES, Adyr B. Ecoturismo: Limites do Eco e da Ética. In RODRIGUES, Adyr B. Ecoturismo no Brasil: Possibilidades e Limites. São Paulo: Contexto, 2003.

RUSCHMANN, Doris. Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do Meio Ambiente. Campinas, S.P: Papyrus, 1997.

SANDEVILLE Jr., Euler. As Sombras da Floresta. Tese de Doutorado. FAU.USP, 1999.

_____. A Paisagem Natural e Tropical e sua Apropriação para o Turismo. In YÁZIGI, Eduardo. Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Paisagens são experiências partilhadas. 2004, inédito.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Razão e Emoção São Paulo: Edusp, 2001.

SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto. O Rio como Paisagem. Gestão de Corredores Fluviais no Quadro do Ordenamento do Território. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 1998.

SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1945.

SEGAWA, Hugo. Ao Amor do Público. Jardins no Brasil. São Paulo: Fapesp, Studio Nobel, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. A Corrida para o Século XXI. No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUZA, Saide Kahtouni Proost de. Sistemas de Engenharia Como Fatores de Mutação Ambiental e Paisagístico no Vale do Tietê. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Fau.Usp, 1993.

_____. Bases Conceituais para a Pesquisa: Infra-Estrutura Urbana e Qualidade Ambiental e Paisagística. No prelo: São Paulo, 2006.

STANGHERLIN, Célia. Barra Bonita Cem Anos de História. Barra Bonita: Evergraf, 1999.

SUGUIMOTO, Flávia Tiemi. Turismo de Pesca e Sustentabilidade Ambiental: Análise Preliminar de Pesqueiros em Marília e São José do Rio Preto. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Unibero, 2003.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; PANOSSO NETO, Alexandre. Reflexões Sobre um Novo Turismo. São Paulo: Aleph, 2003.

TSUKUMO, Nina. Paisagismo de Hidrelétricas: a Experiência da Cesp. Palestra: Fau.Usp, 2006.

TULIK, Olga. Turismo e Meios de Hospedagem. Casas de Temporada. São Paulo: Roca, 2001.

URRY, John. O Olhar do Turista. São Paulo: Studio Nobel: Sesc, 2001.

VENTURIERI, Rossana. Pesque-Pague no Estado de São Paulo. São Paulo:Eco Associação para estudos no ambiente, 2002.

VILLAVERDE, Sandoval. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade. *In* MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini. Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003.

Referências Eletrônicas

ABAV. Associação Brasileira de Agências de Viagem. Disponível em: <<http://www.abav.com.br>. Acesso em 25.03.2006.

Aes Corporation. Disponível em: <<http://www.aestiete.com.br/hidrovia/historia.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2006.

Ambiente Brasil. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br>. Acesso em 04 mai. 2006.

BAENIGER, Rosana; LEONELLI, Gisela; BOLLIGER, Claudia. Municípios da hidrovia Tietê Paraná: regionalização e dinâmica sócio-espacial. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br>>. Acesso em: 2006.

Campanha o Brasil tem fome de direitos. Disponível em: <<http://www2.fase.org.br/artigo6/artigo6.asp>>. Acesso em: 13 abr. 2006.

CETESB. Disponível em:<<http://www.cetesb.sp.gov.br/Agua/ugrhis/u10.asp>>. Acesso em: 26 abr. 2006.

Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental. Disponível em: <<http://www.cetesb.sp.gov.br/Agua/ugrhis/u10.asp>>. Acesso em: 26 abr. 2006.

COSAN S/A. Disponível em:<<http://www1.cosan.com.br/> . Acesso em 12.04.2006.

Estância Turística de Barra Bonita. Disponível em: <<http://www.barrabonita.com.br>, acessado em 21.11.2006.

Estância Turística de Salto. Disponível em: <<http://www.salto.sp.gov.br/turismo.asp>, acessado em 14/10/2006.

FIDALGO, Janaina. Barra Bonita. Folha On Line. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/americanosul/brasil-barra_bonita.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2006.

FRACALANZA, Ana Paulo. Reservatório Billings: Apropriação da Água, Conflitos e Gestão. 2002. Disponível em: <<http://www.annpas.org.br>>. Acesso em: 2006.

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/>>. Acesso em: 14 mar. 2005.

Google Earth. Disponível em: <<http://www.earth.google.com>. Acesso em 20. fev. 2007.

Hotel Estância Barra Bonita. Disponível em: <<http://barrabonita.com.br/>>. Acesso em 21. Nov. 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: mai. 2005

KATAKURA, Wilson. A pesca fiska o turismo. Disponível em: <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/negocios/pesca.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2006.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <<http://www.cdbrasil.cnpm.embrapa.br/>>. Acesso em: abr. 2005.

Ministério dos Transportes. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br>. Acesso em 14. fev. 2005.

Organização das Bandeiras. Disponível em: <<http://www.geocities.com/bandeiras99>. Acesso em 20.07.2005

RUES, Eberhardt H. Turismo. Disponível em: <<http://www.union.org.mx/guia/actividadesyagravios/turismo.htm>>. Acesso em: 11 abr. 2006.

Portal de investimentos do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.investimentos.sp.gov.br/negocios/hidrovia.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2006.

Redes das Águas. Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/comite/comite_05.asp>. Acesso em: 10 abr. 2006.

Roteiro Caminho do Sol. Disponível em: <<http://bikecanal.cosmo.com.br/roteiro>. Acessado em 20/04/2007.

Salto do Avanhadava. Disponível em: <<http://estacoesferroviarias.com.br>. Acesso em 01. fev. 2005.

SANDEVILLE JR. Euler. Um roteiro para estudo da paisagem intra-urbana. Revista Eletrônica Paisagens, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens>>. Acesso em: 2006.

_____. Paisagens e métodos: algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana. Revista Eletrônica Paisagens, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens>>. Acesso em: 2006.

Secretaria do Estado dos Transportes. Disponível em: <<http://www.transportes.sp.gov.br>. Acesso em: 25 abr. 2006.

Sistemas de Informação para Gerenciamento de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.sirgh.sp.gov>. Acesso em 29. abr. 2006.

VAL, Nilton Soares. Turismo, sustentabilidade e paisagem. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/301/boltec301f.htm>>. Acesso em 22 abr. 2007.

Viagens CVC. Disponível em: <<http://www.cvc.com.br/lojavirtual/hoteis>, acessado em 01.12.2006.

Vitruvius. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/institucional>, acessado em 20.11.2006.